



Lorena Araujo Alves

“A gente continua merecendo respeito por fazer pole dance”: uma análise discursiva de estigmas e identidades em narrativas de mulheres pole dancers

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras/Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, do Departamento de Letras da PUC-Rio.

Orientadora: Prof.^a Adriana Nogueira Accioly Nóbrega

Rio de Janeiro

Novembro de 2021



Lorena Araujo Alves

“A gente continua merecendo respeito por fazer pole dance”: uma análise discursiva de estigmas e identidades em narrativas de mulheres pole dancers

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras/Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, do Departamento de Letras da PUC-Rio.

Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo:

Prof.^a Adriana Nogueira Accioly Nóbrega

Orientadora

Departamento de Letras - PUC-Rio

Prof.^a Liliana Cabral Bastos

Departamento de Letras – PUC-Rio

Prof.^a Elizabeth Sara Lewis

Centro de Letras e Artes – UNIRIO

Faculdade de Letras - UFRJ

Rio de Janeiro, 22 de novembro de 2021.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Lorena Araujo Alves

Professora de línguas graduada em Letras - Licenciatura Bilíngue: Português-Inglês e Literaturas correspondentes pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no Subprojeto Inglês e do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI). Enquanto bolsista FAPERJ Nota 10 do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio, produziu artigos e apresentou trabalhos nos campos da Linguística Aplicada Contemporânea, Linguística Sistêmico-Funcional e Análise de Narrativa – principais áreas de atuação e de interesse.

Ficha Catalográfica

Alves, Lorena Araujo

“*A gente continua merecendo respeito por fazer pole dance*”: uma análise discursiva de estigmas e identidades em narrativas de mulheres pole dancers / Lorena Araujo Alves; orientadora: Adriana Nogueira Accioly Nóbrega. – 2021.

132 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2021.

Inclui bibliografia

1. Letras - Teses. 2. Linguística aplicada contemporânea. 3. Análise de narrativa. 4. Pole dance. 5. Construção de estigmas e de identidades. 6. Sistema de Avaliatividade. I. Nóbrega, Adriana Nogueira Accioly. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 400

Para “Patrícia”, “Bianca” e todas as minhas pole friends.

Agradecimentos

A Deus e ao meu anjo da guarda, por me protegerem e acompanharem nesta caminhada, bem como em toda a minha vida!

À minha mãe, Claudía, que foi pai e mãe ao mesmo tempo e que me criou com muito carinho, amor, cuidado e proteção. Agradeço demais por tudo que já fez por mim! Sem você, eu não teria chegado até aqui! Te amo!

Ao meu querido núcleo familiar, Zezita, Vera Lúcia, João Paulo, Patrícia e Carlos Alexandre, por também participarem ativamente na minha criação, por todo apoio, amor, incentivo e parceria! Amo vocês!

A todos os outros membros de minha família – Lúcio, Lygia, Lenne, Ricardo, Bruna e os demais - que, de alguma maneira, tenham colaborado para o meu desenvolvimento e crescimento!

A todas as minhas *pole friends*, pela maravilhosa coconstrução de nossas trajetórias no pole dance, contando com muitas risadas, incentivos, *spots*, mídias rsrs, desabafos e MUITA parceria! Gostoso demais! Esta pesquisa deve muito a vocês!

Às incríveis professoras do meu estúdio de pole dance, por todo aprendizado e troca de conhecimento durante a prática desta atividade perfeita! Vocês são demais! Esta pesquisa também deve muito a essas mulheres!

A todos os membros da comunidade de prática do pole dance!! Esta pesquisa é para vocês!!! Espero que a nossa comunidade continue a crescer bastante e que siga sempre maravilhosa do jeito que é!

À minha queridíssima orientadora e amiga, Adriana Nóbrega, por pegar na minha mão e não soltar até o fim desta árdua caminhada! Agradeço imensamente por todo carinho, apoio, direcionamento, incentivo, pelo ouvido amigo e pela GRANDE parceria durante todo o Mestrado. Você tem um coração enorme, me acolheu como sua filha e me orientou com muito cuidado e afeto, inclusive em momentos delicados de minha vida pessoal! Muito obrigada por tudo mesmo e, principalmente, por me encorajar como ninguém!! Admiro tudo que você é e me inspiro muito em você!

Às queridíssimas professoras e musas do PPGEL Inés Miller, Liliana Bastos e Liana Biar, por todo aprendizado, pelas aulas e discussões exemplares, por serem grandes inspirações para mim! Obrigada pelo carinho e apoio de sempre! Perfeitas demais!!!

A uma das minhas melhores amigas e minha gêmea acadêmica rsrs, Maria Aline Martins, por me escutar e me apoiar desde a Graduação, em todos os aspectos de minha vida! Fico muito feliz de também ter coconstruído esta trajetória no Mestrado com você ao meu lado! Saiba que pode contar comigo para sempre! Que a nossa amizade dure a vida inteira e que nós possamos cursar, no futuro, o Doutorado juntas também!! Você é tudo pra mim!

Ao meu grande amigo Renan Piedade, por ter me incentivado a fazer o Mestrado e por ter me guiado desde o preparo para seleção até o fim deste curso! Obrigada pelas dicas, sugestões de leituras e de escritas, pelas longas conversas e desabafos,

incentivos em vários aspectos da vida! Tenho um carinho e admiração enorme por você! Você arrasa demais!

Aos meus queridos amigos do PPGEL da PUC-Rio, em especial, Thaís, Thelma, Adriana Abreu, Mara, Carlos Vinícius, João Victor, Ayrthon, Tarcísio, Emanuelle, André, Bárbara, Lucas Felipe, Anna Paula, Douglas e Joana! Obrigada por toda troca de conhecimento e pelas grandes vivências durante todo o Mestrado! Vocês são maravilhosos!!

Aos meus tantos outros amigos, do Colégio Pedro II, do meu prédio e da vida, que acompanharam de perto esta minha trajetória, me dando muito apoio e afeto! Lindos demais!

Às queridíssimas professoras Liliana Bastos e Elizabeth Sara Lewis, por terem aceitado o convite para serem a minha banca avaliadora. Obrigada por toda compreensão nesses tempos difíceis, pela disponibilidade de tempo para lerem meu trabalho e estarem presentes na defesa e pelas grandes contribuições a esta pesquisa!

A todos os professores e amigos que tive na Graduação em Letras e no PPGEL da PUC-Rio, por terem contribuído na minha trajetória, no meu crescimento e para minha chegada até aqui!

Aos funcionários do departamento de Letras, pelas orientações durante a realização do Mestrado. Em especial à Chiquinha, por todo apoio e escuta!

Ao CNPq e à FAPERJ, por incentivarem a pesquisa e por terem concedido a mim bolsas de fomento, o que permitiu a minha permanência no Mestrado e a plena realização deste estudo! Viva a pesquisa e a coconstrução de conhecimento!

Resumo

ALVES, Lorena Araujo; NÓBREGA, Adriana Nogueira Accioly (orientadora). **“A gente continua merecendo respeito por fazer pole dance”: uma análise discursiva de estigmas e identidades em narrativas de mulheres pole dancers.** Rio de Janeiro, 2021. 132p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

Nesta pesquisa, tenho por objetivo criar inteligibilidades acerca da prática do pole dance, a partir da investigação dos discursos narrativos produzidos por mulheres da comunidade desta dança-esporte. Situado na área da Linguística Aplicada Contemporânea (MOITA LOPES, 2006; FABRÍCIO 2006), o estudo dedica-se à interpretação dos sentidos criados em narrativas orais (LABOV, 1972; BASTOS, 2005) contadas por pole dancers, a fim de entender a emergência de estigmas (GOFFMAN, [1963] 2004) e a construção de identidades (MOITA LOPES, 2002, HALL, 2005) voltados às praticantes e à própria atividade. A arquitetura teórica fundamenta-se em uma visão socioconstrucionista de narrativas (BASTOS; BIAR, 2015) e de identidades (MOITA LOPES, 2001) para a análise da prática discursiva avaliativa (LINDE, 1997; THOMPSON; ALBA-JUEZ, 2014) que traz à tona estigmas e ressignificações sobre o pole dance. O estudo tem a sua metodologia alinhada ao paradigma qualitativo de pesquisa (DENZIN; LINCOLN, 2006), com o *corpus* gerado por meio de entrevistas realizadas com alunas e professoras do estúdio de pole dance do qual faço parte, na zona sul do Rio de Janeiro. A análise microdiscursiva é baseada no Sistema de Avaliatividade (MARTIN, 2001; MARTIN; WHITE, 2005), integrante da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994; EGGINS, 2004), para a observação das instâncias léxicogramaticais avaliativas que contribuiram para construção discursiva de estigmas e de identidades nas narrativas compartilhadas. As análises sugerem que as participantes se (re)construíram identitariamente na relação com suas vivências no pole dance, refletindo sobre questões de preconceito e do fazer do pole dance em si. As pole dancers pareceram reconhecer e reprovar a estigmatização que as rotulam negativamente e que confere descrédito a elas e à atividade que praticam, gerando contradiscursos de resistência e de ressignificação do pole dance. Nesse

sentido, em geral, as dançarinas-atletas construíram o pole dance positivamente enquanto prática transformadora que proporciona às suas praticantes autoconhecimento, libertação, superação, despertar de forças, empoderamento e muitos outros aprendizados.

Palavras-chave

Linguística Aplicada Contemporânea; Análise de Narrativa; pole dance; construção de estigmas e de identidades; Sistema de Avaliatividade

Abstract

ALVES, Lorena Araujo; NÓBREGA, Adriana Nogueira Accioly (advisor). **“We continue to deserve respect for doing pole dance”: a discursive analysis of stigmas and identities in narratives of female pole dancers.** Rio de Janeiro, 2021. 132p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

This research aims to create intelligibilities about the pole dancing practice through the investigation of narrative discourses produced by women from this dance-sport community. Situated in the area of Contemporary Applied Linguistics (MOITA LOPES, 2006; FABRÍCIO 2006), the study is dedicated to the interpretation of meanings created in oral narratives (LABOV, 1972; BASTOS, 2005) told by pole dancers, in order to understand the emergence of stigmas (GOFFMAN, [1963] 2004) and the construction of identities (MOITA LOPES, 2002, HALL, 2005) related to the practitioners and the activity itself. The theoretical architecture is based on a socio-constructionist perspective of narratives (BASTOS; BIAR, 2015) and identities (MOITA LOPES, 2001) for the analysis of the evaluative discursive practice (LINDE, 1997; THOMPSON; ALBA-JUEZ, 2014) which brings up stigmas and resignifications of the pole dancing practice. The methodology is aligned with the qualitative research paradigm (DENZIN; LINCOLN, 2006) and the *corpus* was generated through interviews with learners and teachers from the pole dance studio where I practice pole dancing, located in the south zone of Rio de Janeiro. The microdiscursive analysis is based on the Appraisal System (MARTIN, 2001; MARTIN; WHITE, 2005), part of the Systemic-Functional Linguistics theory (HALLIDAY, 1994; EGGINS, 2004), for the observation of evaluative lexicogrammatical instances which contributed to the discursive construction of stigmas and identities in the narratives shared. The analysis suggests that participants (re)constructed their identities in relation to their pole dancing experiences, reflecting upon prejudice issues and the pole dancing practice itself. The pole dancers seemed to recognize and disapprove the stigmatization that negatively labels them and discredits the activity they practice, generating counter-discourses of resistance and resignification of pole dancing. Thus, in general, the dancers-athletes constructed pole dancing positively as a transformative practice

which provides them with self-awareness, liberation, resilience, awakening of strengths, empowerment and many other learnings.

Keywords

Contemporary Applied Linguistics; Narrative Analysis; pole dancing; construction of stigmas and identities; Appraisal System.

Sumário

1 Considerações Iniciais	15
2 Fundamentação Teórico-Methodológica	21
2.1 A Linguística Aplicada Contemporânea e a pesquisa sobre o pole dance	21
2.2 A perspectiva socioconstrucionista de discurso	26
2.3 Os estudos labovianos de narrativa	27
2.4 A abordagem interacional de narrativa e identidades	29
2.5 A visão socioconstrucionista de identidades	34
2.6 As identidades estigmatizadas	36
2.7 As identidades coletivas e o senso de “nós” versus “eles”	40
2.8 A prática avaliativa em narrativas	42
2.9 Um olhar sociossemiótico para a construção de sentidos: a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF)	45
2.10 O potencial avaliativo na perspectiva da LSF: o Sistema de Avaliatividade	47
3 Caminhos Metodológicos	52
3.1 O paradigma qualitativo como terreno para a pesquisa acerca do pole dance	52
3.2 Elaboração do Projeto de Pesquisa de Mestrado e do TCLE	54
3.3 O contexto de realização da pesquisa: as pole dancers e o estúdio de prática da atividade	56
3.3.1 De onde a gente vem: o “ <i>Living Pole Dance Studio</i> ”	56
3.3.2 As participantes da pesquisa: Patrícia, Bianca e Lorena	58
3.3.2.1 Patrícia por Patrícia	59
3.3.2.2 Bianca por Bianca	60
3.3.2.3 Lorena: a pesquisadora-pole dancer	61

3.4	Sobre a geração dos dados: o planejamento e a realização das entrevistas de pesquisa	63
3.5	O contato com os dados gerados: a seleção dos dados, as transcrições dos excertos e as categorias de análise	65
4	Análise e discussão dos dados	67
4.1	A estigmatização do pole dance e de suas praticantes	67
4.1.2	Excerto 1 - “ela é uma menina direita, como é que ela pode fazer pole dance?”	67
4.1.3	Excerto 2 – “as pessoas têm um pouco de preconceito [...] e acham que eu sou algum tipo de stripper né?”	77
4.1.4	Excerto 3 – “acho que essa questão do preconceito tá muito atrelada a uma ignorância”	79
4.1.5	Excerto 4 – “se eu tive foi de uma forma meio velada assim”	85
4.1.6	Excerto 5 – “eu fico um pouco com receio sabe? do que vão falar, do que vão pensar”	86
4.2	Ressignificando a prática do pole dance	90
4.2.1	Excerto 6 – “você consegue atingir [aquilo] que parecia impossível”	91
4.2.2	Excerto 7 – “é quase uma coisa que espiritual pra mim sabe?”	96
4.3	Breve reflexões acerca das análises	100
5	Entendimentos momentâneos sobre a realização da pesquisa	105
6	Referências Bibliográficas	108
7	Anexos	115

Lista de Figuras

Figura 1 – Captura de tela do pedido de apresentação 59

Figura 2 – Quem sou eu – acervo pessoal da autora 62

Convenções de Transcrição

Quadro elaborado com base nas contribuições de Sacks; Schegloff; Jefferson, 1974; Loder; Jung, 2009.

Aspectos da produção da fala			
.	Entonação descendente	↑	Som mais agudo do que os do entorno
?	Entonação ascendente	↓	Som mais grave do que os do entorno
,	Entonação intermediária, de continuidade	Hh	Aspiração ou riso
-	Parada súbita	.hh	Inspiração audível
<u>Sublinhado</u>	Ênfase em som	°palavra°	Fala em voz baixa
MAIÚSCULA	Fala em voz alta ou muita ênfase	>palavra<	Fala mais rápida
: ou ::	Alongamentos	<palavra>	Fala mais lenta
[]	Fala sobreposta	Formatação, comentários, dúvidas	
Tempo		=	Eloções contíguas, enunciadas sem pausa entre elas
...	Pausa não medida	()	Fala não compreendida
(2.3)	Pausa medida	(palavra)	Fala duvidosa
(.)	Pausa de menos de 2 décimos de segundo	(())	Comentário do analista, descrição de atividade não vocal
Outros			
“palavra”		Fala relatada	

1

Considerações Iniciais

O *pole dance*¹ é uma atividade que vem se tornando cada vez mais presente na contemporaneidade, sendo exercida por diversas pessoas², desde crianças a praticantes mais velhos, incluindo homens e mulheres. No desejo de fazer uma atividade física que seja mais dinâmica e estimulante, muitos o procuram por reconhecerem nele uma maneira de trabalhar o seu corpo e a sua autoestima de modo desafiador, e ao mesmo tempo encorajador, pela prática mista de ginástica com dança - uma modalidade que se diferencia das opções mais tradicionais de exercício físico.

Definir o que seja o pole dance torna-se uma tarefa complexa, uma vez que ele pode ser conceituado de diversas maneiras por seus praticantes e entusiastas, variando de descrições mais técnicas - a execução de acrobacias em uma barra vertical - a mais metafóricas, por exemplo, entendendo-o como uma forma de libertação (LEAL E SILVA, 2016; HOLLAND, 2010). Levando isto em conta, apresento de forma sintética, nesta seção, algumas noções³ a respeito desta prática artística-esportiva, baseadas tanto nas autoras aqui citadas, quanto nos meus entendimentos locais e situados (FABRÍCIO, 2006) como praticamente da modalidade há quase seis anos.

Tomando de início a tradução livre do próprio termo, vemos que o pole dance envolve o dançar, isto é, ele é um tipo de dança (*dance*) que faz uso de uma barra vertical (*pole*), normalmente de inox ou de ferro, em sua composição coreográfica.

¹ Ao longo do texto, manterei em língua inglesa os termos relativos ao pole dance, uma vez que são assim mencionados em sua comunidade de prática. Proverei a tradução de cada termo em sua primeira ocorrência, que aparece em itálico. Em suas próximas aparições, os termos são incorporados ao texto sem destaque. Usarei “pole dance” em seu original, uma vez que a atividade é assim nomeada no cenário brasileiro. Especialmente em relação a expressão “pole dance”, a sua tradução literal encontra-se no terceiro parágrafo desta página.

² Com o intuito de contemplar discursivamente essa diversidade, nesta primeira seção, utilizarei a dupla flexão de gênero masculino/feminino ou o plural masculino para me referenciar aos praticantes da atividade. Todavia, uma vez que o estudo centra-se na investigação de narrativas de mulheres pole dancers e das questões que tangem principalmente a este público, a partir da seção 2, passarei a utilizar apenas o gênero feminino para me referenciar “às praticantes/pole dancers”.

³ Sinalizo que, nesta dissertação, trago apenas uma breve apresentação do pole dance para contextualizar a temática do estudo, situando o leitor nela, além de anunciar aspectos importantes que serão trazidos pelas minhas colaboradoras mais adiante. Esta decisão foi tomada, pois me interessa mais explorar o que seja/possa ser o pole dance e as questões que emergem deste contexto a partir das narrativas geradas e aqui analisadas, ou seja, no entendimento das participantes deste estudo, do que elaborar uma seção teórica “mais geral e extensa” sobre a atividade. Para esses fins, indico as leituras de Holland (2010) e Leal e Silva (2016) que propõem uma revisão mais abrangente sobre o pole dance em cenário internacional e no contexto brasileiro, respectivamente.

A barra é utilizada para a realização de inúmeros movimentos de danças, como os do *ballet*, da dança contemporânea, das danças urbanas etc.; os movimentos livremente criados e os ginásticos - de ginástica olímpica/artística, rítmica e do contorcionismo. Os movimentos podem ser feitos em modos estático e giratório na própria barra, bem como fora dela (ESPAÇO ALFA, 2014).

A ginástica é um elemento constitutivo do pole dance e, portanto, além de dança, ele também é considerado um esporte, muitas vezes procurado justamente para atuar como uma opção de exercício físico (SANTOS, 2018). Trata-se de uma atividade física que trabalha bastante com a força, a flexibilidade e a coordenação motora do/da praticante e que, por isso, exige muito esforço do corpo desse/dessa atleta-artista. Refiro-me à/ao praticante como atleta-artista porque é exatamente isso que a/o *pole dancer*⁴ é. Em meu entendimento, o qual é compartilhado por muitos membros desta comunidade, a/o pole dancer é, ao mesmo tempo, dançarina/o, *performer*⁵ e ginasta em sua prática regular e em apresentações, as quais precisam ser encaradas como uma expressão artística, tal como outras atividades semelhantes são (a exemplo da própria ginástica). Conforme pontua Gonçalves (2017), é possível que o pole dance atraia muitas pessoas, devido ao fato de “embaralhar os limites de arte e esporte, de entretenimento e atletismo, transformando uma atividade de alta exigência física em algo divertido e prazeroso” (GONÇALVES, 2017, p. 11). Existem muitos segmentos/vertentes dentro do universo do pole dance, todos mesclando a ginástica com a dança. O que varia, basicamente, são os diferentes níveis, propósitos e formas com que esses elementos serão trabalhados e explorados nas aulas e apresentações.

Um ponto a ser destacado relaciona-se ao desenvolvimento do pole dance como uma atividade principalmente feminina, muito provavelmente devido aos contextos iniciais em que foi praticado, por volta nos anos 80, onde as mulheres eram as que realizavam suas performances, a exemplo dos *stripclubs*⁶ e cabarés (HOLLAND, 2010). Nas palavras de Holland (2010, p. 105) “da cultura do *striptease*⁷ surgiram as aulas de pole dance que se desenvolveram em diferentes

⁴ Praticante de pole dance.

⁵ Artista cuja atuação combina várias artes, como o teatro, a música, a dança etc. (INFOPÉDIA, 2020).

⁶ Casa noturna/boate onde se tem a prática do striptease.

⁷ Espetáculo de desnudamento progressivo acompanhado de movimentos eróticos sugestivos e apresentado geralmente num cabaré ou clube noturno, sob fundo musical apropriado (INFOPÉDIA, 2020).

tipos de vertentes, dirigidas por e para diferentes tipos de mulheres. Por mulheres e para mulheres”⁸. Até os dias de hoje, em todos os seus segmentos, o público feminino é a grande maioria.

O pole dance possui todo um significado positivo e de importância para os seus praticantes, que veem nele, dentre outras qualidades, a capacidade de libertação do corpo e da mente, bem como de evolução das suas potencialidades (HOLLAND, 2010; GONÇALVES, 2017). Por outro lado, praticantes do pole dance podem sofrer muitos preconceitos por parte de um pensamento conservador⁹, que o avalia negativamente, o reprova e o marginaliza, fomentando a estigmatização (GOFFMAN, [1963] 2004) da atividade e de seus praticantes. Segundo Leal e Silva (2016), é extremamente comum pole dancers, independente do estilo ou da vertente que sigam, serem alvos de julgamentos negativos, comentários machistas, misóginos e sexistas, além de posturas castradoras ao exporem a sua prática, por exemplo, em suas postagens nas redes sociais. Os comentários são de todos os níveis, desde censuras à vestimenta, aos movimentos e aos tipos de danças expostos nas fotos e vídeos, até atitudes invasivas de envio de *nudes*¹⁰ e de oferecimento de relações sexuais.

Para citar uma situação, ocorrida há pouco tempo, de atitude castradora de grande impacto, trago o caso da rede social *Instagram*® que banuiu as *hashtags*¹¹

⁸ Considero extremamente importante enfatizar que me alinho a este posicionamento de que o pole dance, tal qual como conhecemos hoje, tem as suas origens atreladas aos contextos dos stripclubs e que, por isso, aspectos/elementos relacionados às sensualidades, sexualidades, erotismos etc., são constituintes e muito importantes para esta atividade. Ressalto bem esta questão e o meu posicionamento a respeito, pois existe um movimento dentro da própria comunidade de tentativa de dissociação do pole dance “contemporâneo” de suas manifestações mais sexualizadas/sensuais, como que em um apagamento dessas origens, na tentativa de legitimá-lo mais como esporte/ginástica e de, possivelmente, evitar a estigmatização que a atividade sofre. Muitas vezes, nesta empreitada, há afirmações de que o pole dance tenha se originado da ginástica indiana *Mallakhamb* e/ou de manifestações circenses como as do *Cirque du Soleil*. Desta maneira, reitero que não me alinho a essa narrativa e reforço a legitimidade e relevância dos ecos do contexto “sexy” na prática e vivência do pole dance.

⁹ Sinalizo que, nesta dissertação, é de minha escolha o uso deste termo qualificador para avaliar o tipo de pensamento/atitude que, a meu ver, impulsiona a estigmatização do pole dance na maioria dos casos. Todavia, acredito que não só pessoas tidas como “conservadoras clássicas” compartilhem de discursos e atitudes preconceituosas em relação à atividade. Nesse sentido, imagino que a estigmatização do pole dance também possa ser realizada, por exemplo, por algumas feministas quando da avaliação da atividade como sendo um “falso empoderamento”, “prática que deseja hipersexualizar a mulher”, “que está a serviço do patriarcado” e etc.

¹⁰ Fotos de pessoas nuas.

¹¹ Recurso de agrupamento que identifica grupos ou conteúdos específicos, através do símbolo “#” antes de uma palavra ou expressão, com o objetivo de facilitar a pesquisa pelo assunto com o qual esse símbolo se relaciona; sinônimo de palavra-chave. (DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS, 2020).

referentes a fotos/vídeos de pole dance, dificultando a circulação e a possibilidade de encontro do material por quem tivesse interesse. Com isso, o aplicativo, além de rotular a exposição dessa prática artística-esportiva como “proibida” e “inadequada”, também prejudicou a divulgação do trabalho de profissionais da atividade, como professores, atletas-artistas e donos/as de estúdios.

Enquanto praticante do pole dance, há mais de cinco anos, compartilho que já passei por situações preconceituosas e de discriminações como as descritas acima, a exemplo de censura vinda de familiares, o que traz para o presente estudo uma forte motivação pessoal de desejo de abordar e refletir criticamente não só sobre este processo de estigmatização (GOFFMAN, [1963] 2004) do meu contexto de prática, como também acerca das ressignificações que nós pole dancers propomos para a atividade, em atitudes contra-hegemônicas (MOITA LOPES, et al., 2006) de enfrentamento e resistência a tais estigmatizações. Este desejo se expande devido ao meu grande interesse como linguísta aplicada de investigar criticamente o uso da linguagem nas diversas práticas sociais, fundamentando assim a decisão de trabalhar o tema desta pesquisa por meio da análise das narrativas (BASTOS, 2005; BASTOS; BIAR, 2015) elaboradas por duas amigas minhas pole dancers em colaboração comigo.

Considero, assim, que a relevância deste trabalho relaciona-se à possibilidade de colaborarmos para o processo de reflexão crítica sobre o pole dance na área dos estudos do discurso – onde ainda não há produções do gênero - na intenção de corromper a frequente visão negativa acerca da modalidade e de nós praticantes, e de propor “novas formas de percepção e de organização da experiência não comprometidas com lógicas e sentidos históricos viciados” (FABRÍCIO, 2006, p. 52). Além disso, sugiro que as nossas discussões possam ser uma relevante contribuição para o acervo bibliográfico sobre essa atividade física e artística no contexto acadêmico, visto que ainda não se encontra uma vasta bibliografia teórica acerca da temática aqui em questão.

Diante disso, para poder criar inteligibilidades (MOITA LOPES, 2006) sobre o tema que ora abordo, tenho como objetivos para esta investigação:

- Trazer as vozes de praticantes do pole dance como dados discursivos para a pesquisa acadêmica e refletir sobre os sentidos criados em suas narrativas de experiências pessoais

- Analisar como os mecanismos avaliativos presentes nessas narrativas fazem emergir estigmas/estigmatizações e constroem identidades
- Observar nas narrativas, também por meio das avaliações, como se dá uma proposta de ressignificação da atividade que praticamos

Com o intuito de contemplar os objetivos dispostos acima, desenvolvi a organização desta dissertação dividida em seis capítulos. Neste capítulo inicial, exponho a temática principal do estudo, além das minhas motivações e dos propósitos delimitados para realização da pesquisa.

No capítulo 2, disserto sobre todos os pressupostos teóricos aos quais me alinho para a reflexão e análise das questões concernentes à prática do pole dance, sendo estes: i) a Linguística Aplicada Contemporânea (MOITA LOPES, 2006; FABRÍCIO, 2006) - apresento seus princípios e posturas críticas, localizando a minha pesquisa nesta área do saber; ii) a visão socioconstrucionista de discurso adotada com base em Moita Lopes (2001, 2002) e Bastos e Biar (2015); iii) as contribuições da teoria laboviana para análise de narrativas (LABOV 1972; LABOV; WALETZKY, 1967); iv) os apontamentos da abordagem interacional de narrativas e de identidades relacionados, principalmente, aos trabalhos de Bastos (2005, 2008); Bruner (1997; 2004); Riessman (1993; 2008); Bamberg & Georgakopoulou (2008) - sobre as narrativas breves; Bauman (1986) e Goffman ([1959] 2002) - acerca da performance narrativa e das impressões de *self*; v) a perspectiva anti-essencialista de identidades alinhada a Hall (2005) e Moita Lopes (2001; 2003); vi) o processo de estigmatização (GOFFMAN [1963] 2004; BIAR, 2012); vii) as oposições de grupos identitários e as identidades coletivas (DUSZAK; 2002; SNOW, 2001); viii) a avaliação laboviana (LABOV, 1972) e a perspectiva interacional de avaliação enquanto prática social, ancorada em Linde (1997) e Ochs e Capps (2001) - sobre posicionamento moral - e Thompson e Alba-Juez (2014); ix) o campo de estudos da Linguística Sistêmico-Funcional no qual esta pesquisa também está inserida (HALLIDAY, 1994; EGGINS, 2004); x) o Sistema de Avaliatividade (MARTIN, 2001; MARTIN; ROSE, 2007) - categorias para análise microdiscursiva das avaliações nas narrativas.

A seguir, no terceiro capítulo, descrevo os caminhos metodológicos desta pesquisa. Primeiro, apresento o paradigma o qualitativo-interpretativista (DENZIN;

LINCOLN, 2006) – terreno onde se desenvolve este estudo. Na sequência, trago o detalhamento dos procedimentos empregados: i) realização do projeto de pesquisa e TCLE; ii) descrição dos elementos contextuais (o nosso estúdio de pole dance e as participantes da pesquisa); da geração, seleção e transcrição dos dados discursivos, além da retomada das principais categorias de análise.

O quarto capítulo é dedicado às análises das narrativas provenientes dos dados gerados com as pole dancers Patrícia e Bianca, mobilizando os construtos teóricos propostos no capítulo 2. Para tanto, organizo o capítulo dividindo-o em duas grandes seções: a primeira refletirá sobre a estigmatização do pole dance e de suas praticantes e a segunda seção explorará as ressignificações que as participantes propõem para a atividade que praticam. Finalizo o capítulo com uma breve recapitulação das minhas análises e a retomada dos objetivos da pesquisa.

Por fim, o quinto capítulo se volta à construção dos entendimentos momentâneos que por ora disponho a partir da experiência de realização desta pesquisa.

Tendo apresentado sobre alguns aspectos constituintes do tema desta pesquisa e informado os objetivos, motivações e estrutura deste estudo, encaminho-me agora para o capítulo 2, no qual será elaborado todo o referencial teórico-metodológico que fundamenta esta investigação.

2 Fundamentação Teórico-Metodológica

Neste capítulo, elaboro acerca das perspectivas teóricas com as quais esta pesquisa se alinha para a investigação das questões concernentes ao universo de prática do pole dance. Em síntese, discorrerei sobre os campos de estudo nos quais este trabalho se insere – a Linguística Aplicada Contemporânea e a Linguística Sistêmico Funcional –, sobre os construtos micro e macrosociais que embasam a análise dos dados realizada, como a visão socioconstrucionista de discurso, narrativa e identidades, bem como a abordagem interacional de avaliação.

2.1 A Linguística Aplicada Contemporânea e a pesquisa sobre o pole dance

A Linguística Aplicada Contemporânea (doravante LAC) é um campo de estudos, situado no contexto das ciências sociais pós-modernas, que procura fundamentalmente problematizar a vida social, a partir da investigação crítica dos múltiplos usos da linguagem realizados nas diversas práticas sociais. Em seu caráter interrogador, a LAC tem a intenção de “criar inteligibilidades sobre os problemas sociais” (MOITA LOPES, 2006, p. 14) em que a linguagem está imbricada, não se propondo a delinear uma resolução para os problemas, mas antes com o intuito de vislumbrar alternativas possíveis e éticas para tais questões.

Em seu viés contemporâneo, há o surgimento de novos interesses de pesquisa, estabelecendo a criação de interfaces da LAC com outras áreas de estudo, as quais exploram as temáticas de desigualdades, raça, gênero e sexualidade, identidades, emoções, dentre outras (BAUMAN, 1999; FANON, 2008; hooks, 1984; BUTLER, 1990; HALL, 2000; REZENDE; COELHO, 2010). Sendo assim, com o objetivo de tratar desses aspectos sócio-políticos significativos e característicos da vida social, os linguistas aplicados críticos reconhecem a necessidade de produzir conhecimentos e novas teorizações que questionem os ideais modernistas cristalizados e que dialoguem diretamente com as práticas sociais nas quais as pessoas se engajam na contemporaneidade (MOITA LOPES, 2006; PENNYCOOK, 2006).

Em relação a pressupostos da modernidade problematizados pela LAC, e para quais são propostas formulações alternativas, indaga-se, por exemplo, a

definição de sujeito social enquanto ser homogêneo, descorporificado e a-histórico. Contrariamente a esse pensamento, a nova concepção de sujeito na modernidade recente (RAMPTON, 2006) compreende a existência não só de uma diversidade de sujeitos, como também de uma “heterogeneidade identitária coexistindo em um mesmo ser social” (MOITA LOPES, 2006, p. 94). Desta maneira, é reconhecida a natureza fluida e múltipla das identidades, em constante processo de reformulações, que se contrapõe à consideração tradicional das identidades como dadas, estáticas e unitárias (MOITA LOPES, 2002; PENNYCOOK, 2006). Em uma visão sociocontrucionista de linguagem, adotada pela LAC, os projetos identitários não são tomados como dados e fixos porque entende-se que eles são construídos e performados no discurso, como veremos mais adiante nesta dissertação.

Torna-se também de suma importância o questionamento de quem é esse sujeito, no sentido de pensar quais são as vozes de interesse na pesquisa contemporânea. Alinhado a um projeto de reinvenção e renarração da vida social, há todo um esforço de mudança do sujeito da linguística aplicada, gerando um direcionamento do olhar contemporâneo para os indivíduos periféricos - aqueles que são marginalizados e encarados como inferiores e subalternos (FABRÍCIO, 2006). Os grupos de sujeitos periféricos são reconhecidos como as alternativas “do Sul”, os que vivenciam o sofrimento humano e que lutam para emitir suas vozes como modos igualmente legítimos de organizar a vida social (MOITA LOPES, 2006). Em vista disso, é de grande interesse para a LAC a criação de espaços de inclusão dessas visões alternativas que propiciem o entendimento do mundo contemporâneo a partir de novas óticas e bases.

Nessa perspectiva, é estabelecida de forma bem clara na LAC a noção de que não se pode ignorar as vozes dos que vivem a vida social ao tentar compreendê-la e produzir conhecimento responsivo sobre ela. É imprescindível também que não se separe o sujeito das práticas sociais que realiza e dos significados que constrói, como se tivesse situado em um vácuo social (MOITA LOPES, 2006). Por conseguinte, afirma-se a impossibilidade de afastar o pesquisador do objeto social que investiga, operando contra a premissa positivista da separação entre teoria e prática. Essa postura modernista de estudo das práticas de linguagem em um vácuo social baseia-se em crenças da busca por neutralidade científica, objetividade do pesquisador e na possibilidade de construção de “verdades universais” (MOITA LOPES, 2006; RAJAGOPALAN, 2006). Assumindo uma atitude contrária a esses

ideais, a LAC advoga pela necessidade de que teoria e prática estejam em união, visto que práticas sociais e discursivas, os indivíduos, as teorizações e a realidade social estão intimamente interligadas. Como pontua Moita Lopes e Fabrício (2019, p. 713), “entendendo que modos de falar, sentir, sofrer, gozar etc. são inseparáveis do ato de pesquisar”, reconheço que, enquanto pesquisadora-pole dancer, estou completamente imbricada no desenvolvimento e na vivência deste estudo.

Uma vez que nossas subjetividades estão envolvidas na pesquisa, fica evidente que a produção de conhecimento não é neutra, isto é, que as práticas de linguagem envolvem posicionamentos políticos e ideológicos sóciohistoricamente situados. A partir daí, considerando a situacionalidade e a mutabilidade de nossos entendimentos (PIEIDADE, 2019), a LAC, por não pretender formular respostas universais e definitivas, aposta na desaprendizagem (FABRÍCIO, 2006) de qualquer tipo de proposição “incontestável” sobre a realidade social e seus atravessamentos, dado que estes são caracterizados pela pluralidade, pelo fluxo e pelo movimento constante.

Além disso, pensar a relação entre teoria e prática, nos leva a considerar a necessidade de termos compromissos éticos com os nossos colaboradores e com o desenvolvimento da pesquisa (LEWIS, 2012). No intuito de conduzir investigações que sejam responsivas à vida social, devemos ter muita responsabilidade e respeito com a voz do outro (MOITA LOPES, 1998 *apud* LEWIS, 2012), nos colocando num lugar de interesse por uma escuta atenta e cuidadosa das contribuições e reflexões compartilhadas. Deste modo, em nossos posicionamentos, precisamos sempre escolher os significados e alternativas que não causem sofrimento aos outros e que sejam mais “sensíveis às realidades humanas” (MUSHAKOJI, 1999 *apud* MOITA LOPES, 2006, p. 104). Ainda, operando em uma dimensão ética, fazer pesquisa em linguística aplicada é entender que não se trata de realizar pesquisa sobre o outro, mas sim coconstruí-la em parceria com as vozes dos participantes.

Essas novas reflexões acerca da complexidade da vida social, realizadas na esfera teórico-metodológica da LAC, são possíveis devido à sua natureza transdisciplinar, indisciplinar e mestiça. Como mencionado, a LAC se configura como uma área de estudos que dialoga com várias teorias do campo das ciências sociais e das humanidades (MOITA LOPES, 2006). Nesse contexto, Pennycook (2006, p. 72) acrescenta ainda a qualidade de transgressiva da LAC, salientando a

recusa de demarcações disciplinares e propondo atravessamentos e cruzamentos, já que concebe os campos de estudo como não estáticos, mas sim como “domínios dinâmicos do conhecimento”. Estando situada na LAC, esta pesquisa de Mestrado é desenvolvida buscando o diálogo entre áreas do saber que se interessam pela relação linguagem e sociedade (ABREU, 2018), estabelecendo, assim, alinhamentos possíveis da LAC com os estudos da narrativa (BASTOS, 2005; BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008), de identidades (MOITA LOPES, 2001; GOFFMAN, [1963] 2004; DUSZAK, 2002) e da prática avaliativa (LINDE, 1997; MARTIN; ROSE, 2007).

Em consonância com esta visão contemporânea de Linguística Aplicada, compreendo os seus princípios como altamente pertinentes para a investigação de questões que perpassam a prática do pole dance. Com base em sua abordagem crítica de linguagem, tenho o intuito de gerar entendimentos sobre o tema desta pesquisa, por meio da problematização dos discursos que circulam acerca do pole dance, principalmente no que tange à estigmatização da atividade e suas praticantes, bem como às ressignificações conceituais e identitárias construídas pelas pole dancers em suas narrativas de experiências pessoais.

Conforme dissertamos em Alves e Nóbrega (2020), apesar do grande alcance que o pole dance tem atualmente - com diversos estúdios, campeonatos e festivais pelo mundo - ele ainda é uma prática social estigmatizada (GOFFMAN, [1963] 2004), ou seja, uma atividade descredibilizada e não aceita plenamente por um conservadorismo da sociedade, que a caracteriza com julgamentos negativos e preconceituosos. Por conseguinte, observamos, nos macrodiscursos hegemônicos¹² e estigmatizantes, o julgamento do pole dance como uma prática de vulgarização do corpo, destinada a satisfazer ao público masculino, de exploração da sexualidade de forma indevida, dentre outras rotulações.

Ao realizar uma atividade marginalizada, a praticante é, conseqüentemente, também marginalizada, visto que não se pode dissociar a pessoa de suas práticas sociais, da vida que vive (MOITA LOPES et. al., 2006). Dessa maneira, a pole

¹² Segundo Fairclough (1997, p. 80), o conceito de hegemonia “implica o desenvolvimento – em vários domínios da sociedade civil [...] de práticas que naturalizam relações e ideologias específicas e que são, na sua maioria, práticas discursivas”. Desta maneira, “as hegemonias são produzidas, reproduzidas, contestadas e transformadas no discurso” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 44). Por ideologias, Fairclough (2001, p. 117) as define como “significações/construções da realidade [...] que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação”.

dancer está sujeita a rotulações diretas por exercer a modalidade, assim como a definições depreciativas presentes no senso comum¹³ conservador – “coisa de puta¹⁴” e a alcunha de “vulgar” são alguns exemplos. Sendo praticante do pole dance, há mais de cinco anos, faço parte deste grupo estigmatizado, adquirindo um status negativo no discurso hegemônico, e cujas vozes são as marginalizadas. Entretanto, nossas vozes buscam questionar e desconstruir os sentidos cristalizados acerca da nossa prática, visto que, segundo Gonçalves (2017), há um conflito entre a imagem social externa do que seja o pole dance e a percepção de quem está “de dentro” - de como ele é vivido e compreendido pelas praticantes.

Diante deste cenário, vejo a necessidade de que meus pares e eu desafieemos as ideias fundamentadas em estereótipos a respeito do pole dance, como um ato de resistência¹⁵ e de esclarecimento sobre a sua prática. Percebo que as rotulações negativas direcionadas às pole dancers e à prática da atividade são significados que machucam e prejudicam esta comunidade e, por isso, não são éticos. Portanto, reforçando a premissa de que não devemos optar por “significados que façam mal aos outros” (MOITA LOPES, 2006, p. 103), desejo vislumbrar alternativas éticas que possam fomentar um novo olhar sobre a prática do pole dance. Orientada pela LAC, esta pesquisa almeja estabelecer, em última instância, uma agenda anti-hegemônica ao criar inteligibilidades sobre a vida contemporânea com os que estão à margem (MOITA LOPES, 2006; FABRÍCIO, 2006), isto é, trazendo para o centro as visões e os posicionamentos de mulheres pole dancers.

Todas essas considerações são entendidas aqui como pontos políticos e ideológicos significativos e, por isso, socialmente relevantes. Assim, ao trabalhar as questões que constituem a prática do pole dance, pretendo coconstruir uma pesquisa que tenha relevância para minha comunidade e para a sociedade como um todo. Alinhada a Rajagopalan (2003, p. 12), acredito que por meio da pesquisa

¹³ Nas palavras de Ramalho (2012, p. 189), o senso comum é entendido como “o *status quo* que beneficia uma minoria” e quando reproduzido acriticamente a ideologia que o fundamenta contribui para a sustentação das relações de poder e dominação.

¹⁴ Apesar de não fazer parte do escopo deste estudo, saliento que o público masculino praticante do pole dance também sofre rotulações negativas, com julgamentos similares e/ou de outras magnitudes. Por exemplo, homens pole dancers, em muitos casos, são chamados de “viados”, “bichas”, dentre outros comentários que almejam insultá-los a partir de um questionamento e/ou repreensão de suas sexualidades, performances e identidades.

¹⁵ Nesta pesquisa, me baseio na noção de “resistência” de forma abrangente, ou seja, a partir de seu sentido dicionarizado: (i) não aceitação, negação ou recusa, geralmente voltadas a um determinado poder ou força superior; (ii) forma de manter-se firme e não sucumbir; (iii) ação em defesa própria (MICHAELIS, 2020).

crítica em LA “podemos fazer diferença”, uma vez comprometidos “política e eticamente com a transformação social” (FABRÍCIO, 2006, p. 49), o que, neste trabalho, envolve a desaprendizagem da visão estereotipada acerca do pole dance e a tentativa de ressignificação desta por uma outra ótica.

Dando prosseguimento à fundamentação teórica, nas próximas seções exploraremos as questões de linguagem mais detalhadamente, a começar pela visão socioconstrucionista de discurso (MOITA LOPES, 2001; 2002; 2003) – perspectiva adotada nos estudos desenvolvidos na área da Linguística Aplicada Contemporânea e, portanto, nesta pesquisa.

2.2

A perspectiva socioconstrucionista de discurso

Nesta pesquisa é adotada uma concepção de discurso como parte central da nossa vida social, reconhecendo, a partir de um viés socioconstrucionista, a sua natureza de constituir realidades, relações e entidades sociais e de ser uma forma de ação no mundo (MOITA LOPES, 2001; 2002). Desta maneira, entende-se o discurso como prática social por meio da qual coconstruímos e performamos nossos posicionamentos identitários, estruturamos e reproduzimos crenças e ideologias, e fazemos sentido do mundo à nossa volta (BASTOS, 2005; BASTOS; BIAR, 2015). Temos, aqui, um primeiro aspecto primordial relativo ao discurso, isto é, o seu caráter constitutivo: é agindo via linguagem que os indivíduos “se constroem, constroem aos outros e, portanto, constituem o mundo social” (MOITA LOPES, 2001, p. 59).

A segunda característica inerente ao discurso diz respeito à sua dialogicidade. Compreendemos que o discurso é dialógico, uma vez que é coconstruído na interação social e, portanto, de caráter coparticipativo, se configurando como o produto da interlocução entre os participantes discursivos (MOITA LOPES, 2002). Nesse sentido, devemos reconhecer a presença da alteridade em nossas práticas discursivas, onde há não só a voz daquele interlocutor “imediate”, bem como todas as outras vozes constitutivas de discursos circulantes na sociedade que tenham os seus sentidos ali referenciados.

Quanto ao terceiro fator fundamental aos discursos, temos as suas relações de imbricação com seus determinados contextos. Moita Lopes (2001; 2002) se

refere a essa característica como a situacionalidade, o que quer dizer que toda enunciação está sempre posicionada, situada em contextos micro e macrosocial específicos e, conseqüentemente, manifesta aspectos dessas localizações. Sendo assim, é enfatizado que “não há discurso que ocorra em um vácuo social” levando em conta a existência “[d]as contingências culturais, históricas e institucionais que atuam sobre a ação discursiva” (MOITA LOPES, 2001, p. 58). É importante ressaltar que ao associarmos a construção discursiva às contingências macrosociais, fica claro o exercício das relações de poder que são materializadas no discurso e que “nos posicionam de forma diferenciada nas assimetrias/simetrias interacionais” (MOITA LOPES, 2001, p. 60).

Diante disso, reforço a natureza social do discurso - concebida por pelo menos as três características abordadas - sintetizando-a na afirmativa de que “o significado é construído pela ação em conjunto de participantes discursivos em práticas discursivas, situadas na história, na cultura e na instituição” (MOITA LOPES, 2001, p. 57-58). Há, assim, a relação intrínseca entre discurso e a estrutura social em que ele está inserido, uma vez que as práticas discursivas constituem essa estrutura e, ao mesmo tempo, são por ela formadas (PIEDADE, 2019).

Sabendo que é por meio do discurso que são construídas as nossas identidades (HALL, 2005; MOITA LOPES, 2001) e também as relações de estigmatização (GOFFMAN, [1963] 2004; BIAR, 2012), aqui nos interessará observar como se dão esses processos em uma forma de organização discursiva específica, isto é, na prática narrativa. Por isso, na próxima seção, apresento, primeiramente, as teorias sobre narrativa que fundamentam esta pesquisa.

2.3 Os estudos labovianos de narrativa

Considerando os estudos sobre a narrativa, destaco os trabalhos precursores desenvolvidos por Labov e Waletzky (1967) e Labov (1972), precisamente na área da Sociolinguística. Neste contexto, a definição de narrativa é dada como “um método de recapitular experiências passadas combinando uma sequência oral de orações a uma sequência de eventos que (infere-se) realmente aconteceram” (LABOV, 1972, p. 359-360). Segundo os autores, para ser caracterizada como uma

narrativa - e não como um relatório, por exemplo - essa recapitulação de experiências deverá ser sobre um evento específico ocorrido, ou seja, não será sobre hábitos passados ou ações recorrentes.

Ademais, a narrativa deve ser estruturada em uma sequência temporal, precisará ser contável e ter um ponto. O ponto diz respeito ao motivo pelo qual a narrativa é contada, é a “razão de ser” da narrativa e por isso refere-se à mensagem principal a ser veiculada. Em geral, o ponto está conectado com o tema da conversa estabelecida. É tendo um ponto que a narrativa ganha o aval de ser contável, o que evita reações dos interlocutores para a história do tipo “e daí?”. Assim, a narrativa é contável (tem reportabilidade) justamente se fizer referência a algo “extraordinário”, isto é, acontecimentos que não sejam banais e/ou previsíveis (LABOV; WALETZKY, 1967; LABOV, 1972 *apud* BASTOS, 2005).

Vemos em Labov (1972) a proposição do que seria a estrutura geral de narrativas orais de experiência pessoal, elicitadas em situações de entrevista. Em termos de sua estrutura, uma narrativa tida como canônica é formada por seis componentes organizacionais, classificados entre obrigatórios e optativos: resumo, orientação, ação complicadora, avaliação, resolução e coda.

O resumo é uma síntese inicial de toda a história a ser contada. Aqui é introduzido o assunto e pode já conter o motivo pelo qual a história está sendo narrada. A orientação irá contextualizar os acontecimentos em termos de tempo, lugar, personagens e a situação ocorrida. Pode aparecer logo no início da história ou estar segmentada em certos pontos no desenvolvimento da narrativa. A ação complicadora é o único elemento obrigatório da narrativa, pois é a história propriamente dita - os acontecimentos em si. As ações complicadoras se constituem pela sequência de orações narrativas organizadas no tempo cronológico, normalmente criadas com uso de verbos no passado (LABOV, 1972).

Já a avaliação é o que nos transmite “toda a carga dramática ou clima emocional” (BASTOS, 2005, p. 76) da narrativa. É por meio da avaliação que temos a expressão dos posicionamentos dos personagens em relação aos acontecimentos da história. Além disso, é um dos meios pelo qual o narrador constrói a razão de ser da narrativa - o seu ponto. Por resolução, entende-se a conclusão/resultado da série de eventos narrados, ou seja, das ações complicadoras e a coda é o que sinaliza que a história realmente terminou. As codas podem ainda trazer o narrador e ouvinte de volta ao tempo presente do mundo da conversa (evento narrativo).

Ter conhecimento dos componentes da estrutura laboviana pode ser muito útil em análises de dados para o reconhecimento da estrutura de narrativas canônicas, por exemplo. Neste estudo, todavia, me concentro especialmente na avaliação, uma vez que as escolhas avaliativas das minhas entrevistadas contribuem para construção de identidades e para reprodução de estigmas em suas histórias. O construto da avaliação será elaborado em mais detalhes adiante, porém, faz-se necessário apresentar, primeiro, alguns desdobramentos nos estudos da narrativa: a visão socioconstrucionista de narrativa enquanto prática social - perspectiva alinhada à concepção de discurso apresentada na seção 2.2.

2.4

A abordagem interacional de narrativa e identidades

Apesar da notoriedade da pesquisa de Labov com a introdução dos estudos da narrativa na área da Linguística, sua perspectiva tem sido alvo de questionamentos, no que concerne à visão da narrativa como “estrutura autônoma e descontextualizada” (BASTOS, 2005, p. 77). Desta maneira, ao se limitar a uma abordagem estrutural, Labov é criticado por não considerar o papel fundamental da interação e de aspectos contextuais na elaboração narrativa. A partir disso, tivemos o desdobramento de diversos estudos, alinhados a uma perspectiva socioconstrucionista, que entendem a narrativa como prática social coconstruída pelos interlocutores na interação e sociohistoricamente localizada (MOITA LOPES, 2001; BASTOS, 2005; BASTOS; BIAR, 2015; BRUNER 1997; 2004; RIESSMAN, 1993; 2008, dentre outros).

Por essa outra ótica, a narrativa deixa de ser tida como uma representação “transparente” dos eventos passados, ou seja, afasta-se do pensamento laboviano da correspondência de orações narrativas a eventos do “mundo real” ocorridos e passa a ser vista como recontagens seletivas e contextualizadas de lembranças de eventos. Segundo Bastos (2005), enfatiza-se, então, a nova concepção da narrativa como uma construção social, “no sentido de que construímos as histórias que contamos em função da situação de comunicação (quando, onde e para quem contamos), de filtros afetivos e culturais, e do que estamos fazendo ao contar uma história” (BASTOS, 2005, p. 80).

Vemos aqui a grande relevância do contexto, tanto em nível micro quanto macro, na elaboração e posteriormente para análise das práticas narrativas, dado que estas são construções situadas da experiência. Em um nível mais imediato de contexto, por exemplo, sempre mantemos em mente qual é a nossa audiência ao elaborarmos uma narrativa (RIESSMAN, 2008; BASTOS, 2005), pois esta será construída de forma “x” ou “y” a depender de quem seja o nosso interlocutor, do tipo de relação que temos com ele e dos nossos propósitos comunicativos. O contexto macrosocial também possui importantíssimo papel, sendo a localização do narrador em determinada conjuntura sociohistórica e cultural o terreno onde a narrativa se ergue e se fundamenta. Portanto, as mais diversas questões que constituem os contextos micro e macro se reverberam direta e estrategicamente não só nas escolhas de quais eventos e de que modo eles serão narrados, assim como nas formas em que o narrador irá se construir identitariamente.

Nas obras do psicólogo social Jerome Bruner (1997; 2004) também encontramos a concepção de narrativa não como um registro direto do que aconteceu, pois o autor afirma que ela deve ser tomada como uma contínua interpretação e reinterpretação de nossas experiências. O questionamento aqui presente da ideia de representação se traduz no que Bruner identifica como uma das propriedades da narrativa: “a indiferença factual”. Isso quer dizer que não buscamos - e nem deve ser de interesse do analista do discurso - a confirmação da “veracidade” dos eventos narrados, compreendendo que a narrativa “pode ser ‘real’ ou ‘imaginária’ sem perder o seu poder como história” (BRUNER, 1997, p. 47).

Para o autor, a prática narrativa é um modo básico de organização das experiências, muito natural e intrínseco à vida humana, utilizada desde a infância, e através da qual iremos “tornar compreensível para nós mesmos o que acontece de excepcional nas nossas vidas cotidianas” (BASTOS, 2005, p. 80). Temos que é por meio da contação de histórias que, além de (re)elaborarmos e (re)organizarmos nossas experiências individuais, construímos e estruturamos a nossa memória e as normas sociais. Nesse sentido, Bruner considera que “a narrativa imita a vida, a vida imita a narrativa” (BRUNER, 2004, p. 692), o que sinaliza o imbricamento dessas duas entidades e a impossibilidade de dissociá-las, e confere às narrativas a condição de instrumento que estabiliza a vida em sociedade.

Na mesma linha de pensamento, Moita Lopes (2001, p. 62) destaca que a narrativa é uma forma de organização do discurso por intermédio da qual fazemos

sentido de nossas vidas e de quem e como somos construídos no mundo social. Sendo assim, contar uma história “é fazer alguma coisa ou muitas coisas simultaneamente” (BASTOS, 2008, p. 77) - é uma ação social criadora não só da realidade social que nos cerca, como também das nossas identidades performadas via linguagem.

É importante destacar também o desenvolvimento de estudos pós-labovianos que se concentraram na investigação de outras formas narrativas diferentes do modelo canônico. Como vimos anteriormente, na tradição laboviana tinha-se como base a narrativa elicitada em situação de entrevista, construída por uma organização cronológica de eventos passados referentes a experiências pessoais vividas e considerada estruturalmente completa. Todavia, novas pesquisas começaram a questionar o espaço “cristalizado” nas análises acadêmicas dessas “narrativas grandes” ou “longas”, direcionando o olhar para o que foi intitulado de “pequenas histórias” ou “narrativas breves” (GEORGAKOPOULOU, 2006; BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008; BASTOS, 2008).

As pequenas histórias englobam todos aqueles segmentos narrativos que basicamente fogem das expectativas do cânone (GEORGAKOPOULOU, 2006). De acordo com Bamberg & Georgakopoulou (2008, p. 381), ao falarmos de “narrativas breves” estamos tratando de um termo abrangente que inclui uma gama de atividades narrativas normalmente subrepresentadas, tais como os relatos de eventos futuros ou hipotéticos, de experiências habituais e de eventos em andamento, narrativas de eventos compartilhados, menções a relatos anteriores, e até mesmo recusas a narração. São chamadas de “breves/pequenas” pois tendem a serem histórias curtas ou muito curtas, em geral em torno de um evento ou tópico específico, mas também organizadas com enredo, cenários e personagens (RIESSMAN, 2001 *apud* BASTOS, 2008)

Apesar das narrativas breves serem produzidas por nós nas mais diversas situações da vida social (BASTOS, 2008) - como nas conversas cotidianas e em situações de entrevistas - elas não costumam ter um devido reconhecimento por causa da sua extensão, principalmente quando comparadas às “narrativas grandes” (ABREU, 2018). Entretanto, os estudiosos interessados nas pequenas histórias sinalizam o importante papel que elas têm na interação, buscando entender o que elas estão fazendo ali, isto é, as suas funções sociais e interacionais. Bastos (2008), por exemplo, percebeu em sua análise que narrativas breves surgiam em defesas de

posicionamentos, como evidência de teses ou na elaboração de argumentações. Não só isso, todos esses pesquisadores chamam a atenção para o entendimento das pequenas histórias como prática social por meio da qual há a construção de projetos identitários e observam, assim, como as pessoas utilizam tais narrativas para criar “um senso de quem são” (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008, p. 378-379).

Entender a contação dessas histórias como uma ação ou um fazer pela linguagem por meio do qual as identidades emergem é então reconhecê-la como performance (na linha performativa austiniana de que falar é fazer [AUSTIN, 1962]), justamente “através da qual construímos quem somos e nossas relações com os outros” (BASTOS, 2005, p. 83). Em seus estudos sobre narrativas orais, Richard Bauman (1986, p. 3) compreende a performance narrativa como “um modo de comunicação, um modo de falar, cuja essência reside no entendimento de que temos responsabilidades para com a audiência, na demonstração de nossa habilidade comunicativa, realçando a forma como a comunicação é realizada para além do seu conteúdo referencial”. Considerando que a performance narrativa é para o outro, novamente vemos que ela será determinada de acordo com a audiência, estando inclusive sujeita a avaliação, por parte desse público, sobre o modo como foi feita. Vale reforçar, conforme Bauman sugere, o fato de que cada performance narrativa é única, sendo manifestações discursivas situadas em contextos culturais e sóciohistóricos específicos e diretamente dependente destes.

Bauman ainda aponta que a estrutura dos eventos de performance é constituída pela interação de vários fatores situacionais, tais como: “as identidades e os papéis dos participantes; os recursos expressivos utilizados na performance; regras sociointeracionais, normas e estratégias para a performance, e também critérios para sua interpretação e avaliação; a sequência de ações que criam o cenário do evento” (BAUMAN, 1986, p. 4). Em relação aos meios expressivos, por exemplo, o autor sinaliza o uso de paralelismos, discurso reportado, detalhes narrativos, apelos à audiência, dentre outros, os quais irão intensificar a experiência narrada, realçando a encenação da performance (BAUMAN, 1977 *apud* LANGELLIER, 2001). É pela encenação da performance que o narrador realiza o movimento de (re)elaborar a experiência vivida e torná-la a experiência daqueles que estão ouvindo a história.

No que tange à performance identitária, o trabalho de Erving Goffman aborda de maneira significativa sobre como acontece a apresentação dos indivíduos nas interações sociais. Partindo da ideia de que a vida é como uma encenação dramática, Goffman ([1959] 2002) emprega a metáfora dramaturgical ao elaborar que nós - os atores sociais - estamos sempre representando diferentes papéis nas situações de copresença dos encontros sociais em que nos engajamos. Nesse sentido, no “palco” da vida social realizamos nossas performances, que são definidas pelo autor como “toda atividade de um determinado participante, em dada ocasião, que sirva para influenciar, de algum modo, qualquer um dos outros participantes” (GOFFMAN, [1959] 2002, p. 23). É por meio dessas encenações performáticas que geramos as impressões do “eu” (*self*) a serem direcionadas aos nossos interlocutores (plateia) e, por isso, mantemos um gerenciamento delas, visto que nos preocupamos em produzir impressões que acreditamos ser as que devam ser passadas. Lembrando sempre que o tipo de papel que iremos performar discursivamente depende da nossa consideração de qual é o público com quem interagimos.

Relacionado às impressões que queremos passar, Goffman ([1959] 2002, p. 40-41) indica que, quando diante do outro, a performance do indivíduo tenderá “a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade”, produzindo uma representação idealizada - aquela que é “moldada e modificada para se ajustar à compreensão e às expectativas da sociedade em que é apresentada”. Outro ponto relevante é que o ator social também procura “apresentar-se sob uma luz favorável” (GOFFMAN, [1959] 2002, p. 16), ou seja, ele desenvolve a sua performance de modo a propiciar a construção e a manutenção de uma imagem positiva sua que, em última instância, é a visão que espera que a audiência tenha dele. Assim, temos que o indivíduo se engaja, de forma estratégica, em uma “realização dramática” a fim de poder construir e compartilhar os sentidos desejados.

Considerando as contribuições dos teóricos citados até aqui, enfatizamos o entendimento de que a performance narrativa (BAUMAN, 1986) - seja em formato canônico (LABOV, 1972) ou “breve” (GEORGAKOPOULOU, 2006) - é um meio pelo qual performamos identidades, pois, como elucida Bastos (2005, p. 81), “se compreendemos identidade como uma construção social, que envolve um processo dinâmico e situado de expor e interpretar quem somos, o relato de narrativas revela-

se um lócus especialmente propício a essa exposição”. Assim sendo, realizar a análise da narrativa nos permite interpretar os sentidos criados na prática em que “as pessoas relatam a vida social e, em tal, engajamento discursivo, se constroem e constroem os outros” (MOITA LOPES, 2001, p. 63).

Posto que um dos construtos macrosociais com o qual irei trabalhar nesta dissertação é a construção identitária em narrativas de mulheres pole dancers, prossigo esta reflexão teórica apresentando, nas próximas seções, determinadas noções sobre as identidades com as quais esta pesquisa se alinha.

2.5 A visão socioconstrucionista de identidades

Neste trabalho, também me alinho à concepção de que os nossos projetos identitários são coconstruídos e performados nos discursos em que nos engajamos, ou seja, por meio da criação e negociação de sentidos nas trocas interacionais. De acordo com Moita Lopes (2001, p. 60), esta perspectiva socioconstrucionista está atrelada a uma visão anti-essencialista de identidades: não se acredita que existe uma “essência” do que seria determinado indivíduo, assumindo, ao invés disso, que as identidades são construções sociais marcadas pelas características da multiplicidade, contradição e fluidez.

Stuart Hall (2005) disserta sobre como se deu essa reformulação no entendimento acerca da constituição do sujeito social. A transição da modernidade à pós-modernidade foi marcada por diversas transformações estruturais no mundo que, conseqüentemente, geraram mudanças na consideração dos posicionamentos identitários. Para o autor, em uma visão modernista, o que tínhamos era a concepção do “sujeito do Iluminismo” (HALL, 2005, p. 10), isto é, um indivíduo composto de apenas uma identidade, totalmente unificada, estável e fixa. A crença era a de que existia um “núcleo interior” da pessoa - seu “centro” ou sua “essência” - que o acompanhava desde o seu nascimento e se desenvolvia com ele, permanecendo sempre o mesmo por toda a sua existência.

A partir daí, na modernidade tardia, acompanhamos o desenvolvimento de sociedades alicerçadas na noção da diferença e atravessadas por diversos antagonismos sociais, o que as fazem gerar um leque de diferentes posições identitárias, “abalando a ideia de que temos de nós próprios como sujeitos

integrados” (HALL, 2005, p. 9). Com isso, “as velhas identidades” passam por um processo de descentramento, resultando na produção do “sujeito pós-moderno” - aquele que é constituído por múltiplas identidades. Totalmente em oposição ao sujeito do Iluminismo, o indivíduo pós-moderno não tem uma identidade permanente, única e de caráter estável, mas sim identidades inacabadas, plurais, “algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas” (HALL, 2005, p. 12).

No que tange à multiplicidade, é ressaltado que as pessoas não se constituem por um projeto identitário homogêneo (MOITA LOPES, 2001), justamente porque há uma pluralidade de construções identitárias coexistindo naquele mesmo indivíduo. Neste sentido, vemos que, por exemplo, os diversos aspectos relacionados à raça, gênero, sexualidade, classe social, profissão etc. estão imbricados e são mobilizados de maneira simultânea pelos sujeitos em suas performances identitárias durante as variadas práticas discursivas em que se engajam (MOITA LOPES, 2002). Assim, é importante ressaltar que as vivências identitárias de cada indivíduo o proporcionará determinadas experiências e identificações, bem como diferentes mobilizações e afetos.

Relacionado à questão da coexistência das múltiplas identidades em nós, existe a possibilidade de construirmos posicionamentos identitários que podem se colocar em contradição em um dado contexto e que ficam “empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão continuamente deslocadas” (HALL, 2005, p. 13). Apesar de que exercer identidades aparentemente “opostas” no mesmo discurso pode, em alguma instância, provocar conflitos, tais identidades podem igualmente se fazerem relevantes em práticas discursivas distintas (J. K. HALL, 1995 *apud* MOITA LOPES, 2001), considerando que performamos identidades diferentes a depender das condições dos contextos micro e macrosocial em que estamos inseridos.

As duas propriedades acima descritas - pluralidade e contradição - estão, por sua vez, relacionadas a uma terceira característica dos projetos identitários: o fato de que eles não são fixos. Desta maneira, as identidades se configuram como estando sempre em processo e em fluxo contínuo, dado que a todo momento estão se construindo e reconstruindo na dinâmica criação de significados que os indivíduos atrelam a si mesmos e aos outros (MOITA LOPES, 2002). Assim como o mundo social, as identidades estão sujeitas e abertas a mudanças, pois nunca estão

completas, reverberando a ideia de que “existir seria existir sempre em movimento” (FABRÍCIO, 2006, p. 46).

De modo mais sintético e pelas palavras de Hall (2000, p. 108), a perspectiva socioconstrucionista de identidade aqui adotada

aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação.

Torna-se explícito que as identidades são construtos complexos e altamente dependentes das contingências sociohistóricas e culturais implicadas em sua formação, a qual envolve o exercício do poder presente nas sociedades. A esse respeito, um ponto importante é que, apesar de as relações de poder nos posicionarem de certos modos em discursos específicos, podemos atuar de forma agentiva “através de contra-discursos, e reverter os processos discursivos que constroem nossas identidades sociais em uma direção ou outra, e construí-las, portanto, em outras bases” (MOITA LOPES, 2001, p. 59). A estigmatização, por exemplo, é um tipo de processo que posiciona o indivíduo em um lugar de marginalidade, conforme veremos na seção a seguir.

2.6 As identidades estigmatizadas

Ao tratar de aspectos referentes à construção e performance identitárias dos sujeitos nos encontros sociais, Erving Goffman elabora sobre o processo de estigmatização que pode ali ocorrer. Para o autor, o estigmatizado é aquele “que está inabilitado para a aceitação social plena” (GOFFMAN, [1963] 2004, p. 4), uma vez que por meio de uma rotulação negativa, irá assumir uma “identidade deteriorada”.

O que acontece é que, durante as interações sociais, fomentamos expectativas acerca da “conduta e caráter” dos nossos interlocutores, caracterizando uma “identidade social virtual” para o indivíduo, isto é, aquilo que achamos que ele

deveria ser e fazer. As expectativas tendem a se tornarem “normativas” e com isso gerar exigências efetivas em relação aos atributos e as ações do outro. Todavia, vemos que nem sempre essas demandas são contempladas quando nos deparamos com o que Goffman entende por “identidade social real” - as características que outro demonstra possuir na sua performance na interação. O estigma emerge, assim, no momento em que ocorre essa incongruência e discrepância entre identidade social virtual - calcada em estereótipos - e identidade social real (GOFFMAN, [1963] 2004, p. 5-6).

Desta maneira, o estigmatizado é marcado negativamente por um “atributo que o torna diferente de outros”, o qual é classificado como uma espécie de desvantagem, defeito ou fraqueza e que lhe confere um “efeito de descrédito muito grande” (GOFFMAN [1963] 2004, p. 6). O indivíduo estigmatizado também pode ser designado pela alcunha de “desviante” - em contraste com os considerados “normais” - justamente por não corresponder a certos padrões de “normalidade” estabelecidos pela sociedade e reafirmados durante a troca interacional. O processo de estigmatização ocorre então durante os “contatos mistos”, ou seja, na situação social em que se encontram em copresença “normais” e estigmatizados (GOFFMAN, [1963] 2004, p. 14).

Olhando para os diferentes tipos de estigmatizados, Goffman os distingue entre o que chama de “desacreditados” e “desacreditáveis”. São desacreditados aqueles que apresentam marcas de estigma imediatamente visíveis, enquanto que, nos desacreditáveis, suas características distintivas não são facilmente perceptíveis ou conhecidas pelos seus interlocutores. Em relação aos desacreditáveis, Goffman chama a atenção para o fato de terem a possibilidade de manipular a informação sobre seu “descrédito”, fazendo uso de estratégias como a de “encobrimento” do atributo diferencial. Nesse sentido, esse grupo pode administrar a sua exposição controlando se revela, mente, exibe ou não a marca de estigma “para quem, como, quando e onde” (GOFFMAN, [1963] 2004, p. 38). Notamos, assim, que a informação social do sujeito, aquela tida como negativa, pode ser trazida por ele de forma voluntária ou involuntária na interação (BIAR, 2012, p. 50).

Vale comentar que Goffman também define um outro grupo, denominado de “informados”. Os informados são indivíduos “normais” que entendem e simpatizam com a situação dos estigmatizados, sendo compreensivos e estando dispostos a adotar o ponto de vista destes. Nesse sentido, os estigmatizados não

precisam se autocontrolar ou se envergonhar diante dos informados, pois nesta interação são aceitos socialmente e considerados uma pessoa comum e “normal” (GOFFMAN, [1963] 2004, p. 27).

Em sua obra, Goffman discute e traz depoimentos a respeito de diversas situações de estigmatização, por exemplo, as vivências de prostitutas, dependentes químicos, cegos, pessoas com transtornos mentais, dentre muitos outros casos. Com isso, o autor define a existência de três categorias de estigma onde esses casos se aloariam: as “abominações do corpo” - as marcas e deformidades físicas; as “culpas de caráter” - a exemplo de criminosos, homossexuais, alcoólatras etc.; e os estigmas de “raça, nação e religião”. Aqui percebemos em quais casos reais o indivíduo poderia conseguir realizar o encobrimento (ex. os de “culpa de caráter”) e em quais os seus “símbolos de estigma” estão totalmente perceptíveis (ex. os de “abominações do corpo”), o que aumenta a tensão nos encontros mistos (GOFFMAN, [1963] 2004, p. 7).

Tais reflexões são cruciais para esta pesquisa, uma vez que analiso o caso das pole dancers estigmatizadas por indivíduos que sustentam posicionamentos, em sua maioria, de bases conservadoras e patriarcais, julgando-as, a partir de elementos da sua prática artística-esportiva, como desviantes de uma “moral” prevista para performances de gênero, isto é, o comportamento estereotípico tido como “adequado/esperado” para uma mulher na sociedade. Neste sentido, podemos pensar que essas mulheres estariam alocadas no grupo das estigmatizadas por “culpa de caráter”, de acordo com as classificações de Goffman. Assim, veremos nos dados discursivos, por exemplo, como as “desacreditáveis” pole dancers entendem a sua estigmatização e lidam com as problemáticas referentes a ela, mencionando desde o controle de aspectos da sua exposição até atitudes de enfrentamento e resistência à rotulação negativa.

Além de se ocupar desses embates gerados nos contatos mistos, Goffman também desenvolve outro ponto importante das relações interacionais de estigmatização que é acerca dos alinhamentos. Os alinhamentos “intragrupais” são os estabelecidos entre os estigmatizados, indicando a filiação ao seu grupo de iguais - aqueles que “sofrem as mesmas privações por terem o mesmo estigma” (GOFFMAN, [1963] 2004, p. 97). Já os alinhamentos “exogrupais” ocorrem quando há o compartilhamento de certas ideias, discursos, entre os estigmatizados e os ditos “normais”. O teórico pontua que, na socialização, o estigmatizado tende

a aprender e a incorporar a perspectiva dos normais, adquirindo crenças e expectativas identitárias “da sociedade mais ampla” sobre o que é ser um indivíduo portador de um descrédito e as consequências de ser marcado pela diferença. A esse processo de aprendizagem relacionado a sua condição de estigmatizado e às possíveis “mudanças na concepção do eu”, Goffman chama de “carreira moral” (GOFFMAN, [1963] 2004, p. 30).

Apesar de elaborar as identificações dos sujeitos no par contrastante “estigmatizados” versus “normais”, Goffman salienta que “o normal e o estigmatizado não são pessoas, e sim perspectivas que são geradas em situações sociais durante os contatos mistos, em virtude de normas não cumpridas que provavelmente atuam sobre o encontro” (GOFFMAN, [1963] 2004, p. 117). Diante disso, o autor complementa reconhecendo que, na verdade, os indivíduos possuem a “mesma caracterização mental padrão” da sociedade e podem desempenhar esses dois papéis a depender das diferentes situações e esferas da vida social. Assim, não haveria a existência de um ser humano terminantemente “normal”.

É importante ainda reforçar o fato de que a estigmatização decorre de avaliações negativas perspectivadas sobre o atributo diferencial que o outro possui, mas que o atributo em si não deve ser tomado como inerentemente “danoso” ou negativo. Segundo Goffman ([1963] 2004, p. 6)

o termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem horroroso nem desonroso.

A partir disso, devemos reconhecer que há a influência das “relações sociais de assimetria e poder” no ato de estigmatização. O que é considerado “descrédito” e “depreciativo”, ou não, pode variar a depender dos entendimentos e visões dos diversos grupos que compõem a sociedade, salientando, assim, que é preciso relativizar o que é rotulado como um estigma (BIAR, 2012, p. 51).

Além da concepção das identidades estigmatizadas, também será empregada nesta investigação as noções referentes à construção de identificações

coletivas (SNOW, 2001) e à oposição entre “intragrupo” versus “extragrupo”¹⁶ (DUSZAK, 2002) – conceitos esses que podem conversar com o contraste “normais” versus “estigmatizados” e, até certa medida, com alguns aspectos dos alinhamentos propostos por Goffman. Na seção seguinte, discorro sobre tais construtos teóricos.

2.7

As “identidades coletivas” e o senso de “nós” versus “eles”

Durante as suas performances identitárias nas interações sociais, os sujeitos podem fazer emergir um senso de “identidade coletiva”¹⁷. De acordo com que postula David Snow (2001), o conceito de “identidades coletivas” diz respeito a um processo de construção e reconhecimento de um compartilhado e interativo senso de “nós”, o qual é constituído com base em “atributos reais ou imaginários compartilhados entre aqueles que compõem a coletividade” (SNOW, 2001, p. 2). Neste sentido, temos que o referido senso de “nós” pode vir à tona quando um determinado grupo de pessoas compartilham de atitudes, opiniões, experiências, interesses, atividades em comum, emanando, inclusive, uma noção de pertencimento àquele grupo.

Além disso, para o autor, integrado a este sentido de “nós”, há um senso correspondente de agência coletiva, isto é, o componente essencial de ação da identificação coletiva, que motiva e convida os membros do grupo a atuarem conjuntamente em prol dos interesses da coletividade. Assim sendo, nas palavras de Oliveira (2015, p. 53), “as pessoas geralmente são motivadas a agirem juntas quando há, por exemplo, uma causa comum a ser defendida, ou a percepção de uma ameaça, ou ainda quando saem em defesa ou em oposição a alguém”.

Snow (2001) ainda chama a atenção para esta natureza “opositiva” do senso de “nós”, o qual é constituído em relação ou contraste a um ou mais grupos, reais ou imaginários, de “outros”. É nesta mesma perspectiva que Duszak (2002) elabora

¹⁶ “intragrupo” e “extragrupo” são traduções feitas por Borges (2017, p. 7) para o original “ingroupness” e “outgroupness”.

¹⁷ Faz-se necessário pontuar que aqui não estou considerando o construto de “identidades coletivas” proposto por Snow (2001) como algo que pressupõe uma homogeneidade ou “essência”, mas antes como apenas um “senso de identidades” compartilhadas a partir da consideração de certas tendências em comum existentes. Nesse sentido, vale ressaltar que mesmo os projetos identitários de grupos são sempre marcados pela heterogeneidade, salientando os importantes papéis que os posicionamentos identitários “mais subjetivos” desempenham na construção dessa coletividade.

a distinção entre “nós e outros”, sinalizando que é por meio da comparação que construímos tanto o sentido de quem “somos”, quanto o significado de quem são “eles”, ou seja, partimos do princípio de que “nós somos o que somos porque eles não são o que nós somos” (FORGAS; TAJFEL, 1981, p. 124 *apud* DUSZAK, 2002, p. 2).

Segundo a autora, o sentido do que somos “nós” é fundamentado pelos “nossos valores, crenças, estilos de vida, experiências, expectativas” (DUSZAK, 2002, p. 1) e é levando em conta esses aspectos que decidimos a quem iremos nos alinhar ou nos distanciar nas interações sociais. Isto quer dizer que, é com base nessas características constitutivas do “nós” que realizamos as nossas afiliações ou desfiliações: construímos relações de solidariedade/proximidade com aqueles com quem reconhecemos ter semelhanças e afinidades, enquanto que praticamos o distanciamento e/ou exclusão daqueles que se mostram diferentes de nós. A partir daí é estabelecido o par contrastante “intragrupo” versus “extragrupo”, estando incluídos no primeiro aqueles com quem compartilhamos esse “senso de nós” e sendo o segundo composto pelos “outros” - aqueles que estão excluídos do nosso grupo, já que não se alinham aos nossos projetos identitários.

Por fim, é importante mencionar que a linguagem possui muitos recursos para sinalizarmos os processos de filiação e desfiliação. Conforme explica Duszak (2002, p. 6), os marcadores dêiticos são uma forma de tornar as identificações explícitas - pronomes como “nós” e “eles” marcam claramente a distinção identitária entre os grupos e “podem ser habilmente administrados no discurso a fim de construir, redistribuir ou modificar os valores sociais do intragrupo e do extragrupo”. Veremos então na análise de dados, por exemplo, como as pole dancers marcam, por meio desses e outros recursos linguísticos, seus alinhamentos enquanto praticantes, como também as suas oposições aos que estigmatizam a sua prática.

Tendo elaborado até aqui sobre os conceitos que dizem respeito a certas nuances das construções identitárias, me atenho agora às questões de linguagem em nível mais microsocial, no que tange ao construto da avaliação. Lembrando que é por meio da análise dos significados avaliativos presentes nas narrativas das pole dancers que refletirei acerca dos referidos processos de coconstrução e performance identitárias.

2.8

A prática avaliativa em narrativas

Retomando o que foi introduzido na seção 2.3, de acordo com os estudos de Labov e Waletzky (1967) e Labov (1972), a avaliação tem a função de informar sobre a carga dramática ou emotiva da narrativa, tanto na configuração dos eventos quanto nos estados emocionais dos personagens. É esta dramaticidade avaliativa que irá conferir à história a sua reportabilidade, ou seja, indicará ao ouvinte que ela é contável (tem um ponto), dado que seus eventos são relevantes ao invés de ordinários e usuais (BASTOS, 2005). Nesse sentido, temos que os recursos avaliativos participam ativamente da construção do ponto ou mensagem central da narrativa - sua “razão de ser” (LABOV, 1972; RIESSMAN, 1993) - e do motivo pela qual ela está sendo contada.

Em termos de sua materialização na narrativa, Labov (1972) apresenta, pelo menos, duas formas básicas de realizar uma avaliação: de modo externo ou encaixado. Estamos diante de uma avaliação externa quando o narrador interrompe o fluxo da narrativa para dizer de forma direta ao ouvinte qual é o ponto da história, o seu entendimento do fato narrado ou até o porquê de seus sentimentos em relação aos eventos (BASTOS, 2005). Já em uma avaliação encaixada, o narrador faz uso de mecanismos avaliativos como repetições de palavras, intensificadores lexicais, discurso reportado, fonologia expressiva (ex: alongamentos de sons), perguntas retóricas etc., para enfatizar a carga dramática dos eventos narrados, explicitando seu ponto de vista sobre eles, mas sem interromper o fluxo da história.

Já nas considerações de Labov (1972), temos que diferentemente de outros componentes da estrutura narrativa, a avaliação não possui uma forma específica e nem um local determinado para ocorrer, podendo permear toda a história ao ser construída com o uso dos recursos avaliativos internos. Essa dinamicidade da avaliação é também trazida nos trabalhos de Linde (1997) e Thompson e Alba-Juez (2014) ao reforçarem que ela pode ser realizada em qualquer nível da estrutura linguística - fonológico, morfológico, sintático, semântico, paralinguístico, etc. - o que faz com que a avaliação realmente esteja presente em toda a narrativa. Levando em conta, assim, a contribuição de Labov a respeito da avaliação, procuro reconhecer e interpretar nos dados discursivos o significado dos mecanismos avaliativos na construção narrativa dos posicionamentos e afetos das entrevistadas

- os quais constroem identidades e reproduzem estigmas - mais do que identificar estruturalmente essas avaliações como externas ou encaixadas.

Além da perspectiva laboviana, interessa muito a esta pesquisa abordagens que têm um foco mais contextual para avaliação, entendendo-a como prática social coconstruída e negociada nas interações. Destaco aqui, primeiramente, os trabalhos de Linde (1997) e Ochs e Capps (2001) que elaboram o entendimento da avaliação enquanto um construto moral. De acordo com Linde (1997), a avaliação não só é um dos principais componentes da estrutura linguística, como também constitui uma parte importante da interação e que tem, em termos de sua função social, sérias implicações para as decisões do mundo real. Assim, a avaliação é tida, ao mesmo tempo, como elemento constitutivo do discurso e da prática sóciointeracional. Sendo um fenômeno bastante difundido na narrativa, a autora aponta que podemos entender como avaliação “qualquer produção discursiva do falante que indique o significado social ou valor de uma pessoa, coisa, evento ou relacionamento” (LINDE, 1997, p. 152) e, nesse sentido, a avaliação é vista então como um elemento que pertence essencialmente à dimensão moral da linguagem.

Em sua teorização, Linde (1997) parte do conceito laboviano de avaliação para propor uma expansão deste em duas dimensões avaliativas. Na dimensão de “referência à reportabilidade”, encontramos as normas de previsibilidade dos eventos que irão contrastar eventos esperados daqueles fora do comum ou não previsíveis. Como já visto, os eventos que são completamente previsíveis não são considerados “válidos” para formarem a base de uma narrativa que seja contável. A outra dimensão é a de “referência às normas sociais” que constrói uma forma particular de realizar julgamentos normativos por meio de comentários morais e demonstrações sobre como o mundo é ou deveria ser, quais os comportamentos tidos como apropriados, que tipo de pessoas são os falantes e os seus ouvintes. No que tange a esta segunda dimensão, Linde (1997, p. 153) afirma que ela forma o “coração da narrativa”, levando em consideração o fato de que “as narrativas orais almejam muito mais a chegar a um acordo acerca do significado moral da série de ações do que o simples reportar dessas mesmas ações”.

É preciso salientar que, segundo Linde (1997), a avaliação em narrativas, enquanto prática social, desempenha um papel importante na interação social imediata e a longo prazo, não sendo produzida por um único falante, mas sim devendo ser negociada pelos participantes envolvidos. Desta maneira, a autora

ênfatiza que o significado moral da avaliação será produzido por meio de um processo de negociação entre o falante e seus interlocutores e não somente pelo narrador. A autora ainda comenta que é por meio desse processo de negociação das avaliações que também negociamos e coconstruímos os sentidos sobre “nós e os outros”, isto é, durante a ação de emitirmos nossos pontos de vista e julgamentos sobre determinada entidade, dizer o que gostamos ou não, estamos expondo as nossas identidades.

Por uma ótica similar à de Linde, Ochs e Capps (2001) elaboram sobre o conceito avaliativo de posicionamento moral. Na abordagem das autoras, o posicionamento moral é uma disposição atrelada ao que é considerado bom ou valioso e também a como o indivíduo deve viver no mundo social. Os seres humanos a todo momento julgam aos outros e a eles mesmos pelos seus comportamentos, tendo em vista padrões do que é “bom ou ruim”¹⁸ e do que é apropriado, o que sujeita as atitudes e posturas das pessoas a avaliações positivas e negativas, a exemplo de elogios e condenações. Nesse sentido, os julgamentos morais são baseados em padrões normativos para os papéis e práticas sociais que performamos nas interações. No que se refere às narrativas de experiências pessoais, Ochs e Capps (2001, p. 46) reforçam que elas “proporcionam uma forma secular e interativa de construir uma filosofia moral sobre como devemos viver”, considerando que os narradores atuam como “agentes morais” ao avaliarem os pensamentos, ações e sentimentos dos personagens segundo os tais padrões do que é aceito ou não. Sendo assim, temos que as nossas avaliações produzidas nas narrativas tendem a adotar parâmetros de julgamento bom ou ruim, sistema este pelo qual também nos baseamos para construção dos nossos valores e crenças (NÓBREGA, 2009).

Diante do que foi apresentado até o momento, temos que as noções de posicionamento (as atitudes/opiniões/julgamentos do sujeito), negociação de significados e contexto são fundamentais para conceituar a prática avaliativa, estando presente também na definição de Thompson e Alba-Juez (2014). Para os autores, a avaliação é forma pela qual se expressa a atitude, o ponto de vista e sentimentos do falante/escritor acerca das entidades e proposições de que fala, sendo esse um processo dinâmico envolvendo o trabalho relacional entre

¹⁸ Tradução livre baseada em Nóbrega (2009, p. 86). No original, “standards of goodness” (OCHS; CAPPS, 2001, p. 45).

falante/escritor e ouvinte/leitor na construção colaborativa e negociação dos significados avaliativos. Enquanto manifestações discursivas que são, as nossas avaliações não ocorrem em um vácuo social, mas pelo contrário, ilustram nossos sistemas de valores e das comunidades nas quais nos inserimos, o que evidencia a essencialidade dos aspectos dos contextos micro e macrosociais para o uso e posterior análise da linguagem avaliativa (HUNSTON; THOMPSON, 2000; THOMPSON; ALBA-JUEZ, 2014).

A partir disso, para que seja possível contemplar o potencial avaliativo, em seu caráter interpessoal, na construção de sentidos nas práticas interacionais narrativas, é também adotada nesta pesquisa uma visão de linguagem que pressupõe os seus contextos de produção e de recepção, em uma perspectiva sociosemiótica, conforme propõe a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), a ser apresentada a seguir.

2.9

Um olhar sociosemiótico para a construção de sentidos: a Linguística Sistêmico-Funcional

A Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF) é uma teoria de linguagem que a compreende como um sistema sociosemiótico, isto é, um sistema de produção e negociação de significados por meio das escolhas feitas por falantes/escritores no uso da linguagem (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). É a partir de suas escolhas lexicogramaticais no nível paradigmático que os indivíduos criam os significados que desejam trocar nas interações para alcançar seus objetivos comunicacionais e, portanto, cada escolha ganha seu sentido em oposição às demais potenciais que poderiam ter sido realizadas (EGGINS, 2004). Nesse sentido, a noção de sistema em que esta perspectiva se ancora pode ser definida em termos de “um conjunto de opções, disponíveis a falantes/escritores, que abarca significados os quais são tipicamente expressos em contextos particulares, assim como as formas linguísticas necessárias para expressá-los” (MARTIN, 2001, p. 142).

A LSF, então, se configura como uma teoria semântico-funcional, de base social, que se interessa pela análise dos mais diversos textos no entrelace com seus determinados contextos de uso, a fim de entender os sentidos ali construídos e a

função que estes adquirem na prática discursiva e social (NÓBREGA, 2009). Ainda, nas palavras de Barbara e Macêdo (2009, p. 95),

uma maneira de entender uma sociedade é analisar os textos por ela produzidos porque é pela linguagem que o indivíduo revela seus valores e representações. (...) [Para tanto] a LSF oferece um instrumento que permite investigá-la a partir da situação em que a linguagem é produzida e entendê-la a partir da função para a qual está sendo produzida tendo em vista quem a produz e para quem, quando, onde e como a produz.

De acordo com a LSF, a linguagem é estruturada para criar três tipos principais de significados - *ideacionais, interpessoais e textuais* (HALLIDAY; HASAN, 1989; HALLIDAY, 1994) - os quais são materializados simultaneamente no texto. Desse modo, o texto se constitui como uma unidade semântica de instanciação¹⁹ do sistema funcionando em contexto, ou seja, que mantém uma relação intrínseca com os elementos do nível extralinguístico: o *contexto de cultura e o contexto de situação*. No contexto de cultura, temos onde se constrói os gêneros discursivos - estruturas organizacionais do evento linguístico institucionalizadas pela cultura como modos diferentes de atingir propósitos comunicativos (EGGINS, 2004; GOUVEIA, 2009). Já o contexto de situação (registro), sendo este “o ambiente total onde o texto se desenvolve” (HALLIDAY; HASAN, 1989, p. 11), é constituído de três variáveis realizadas pelos significados funcionais supracitados: a variável *campo* - aquilo de que se fala, o que está acontecendo na interação (realizada pelo significado ideacional); variável *relações* - se refere a como se dá a interação comunicativa, quem são os participantes ali presentes, seus status e papéis sociais desempenhados (realizada pelo significado interpessoal); e a variável *modo* - relacionada ao tipo de organização simbólica do texto (realizada pelo significado textual) (HALLIDAY; HASAN, 1989).

Nos deparamos, assim, com o conceito fundamental para a LSF, o de estratificação da linguagem, isto é, a configuração do sistema sociosemiótico “em níveis organizacionais, ou estratos, em que se jogam as escolhas linguísticas dos falantes” (GOUVEIA, 2009, p. 23). Isto quer dizer que os elementos do nível

¹⁹ O conceito de instanciação também pode ser lido como “concretização”. Logo, um texto é um exemplar concreto/uma manifestação do sistema linguístico (GOUVEIA, 2020, comunicação pessoal).

extralinguístico - contexto de cultura e de situação - são realizados nos níveis linguísticos da semântica do discurso (sistema de significados), que é realizada no estrato da léxicogramática (sistema de fraseados) que, por sua vez, se realiza no plano da expressão - fonologia, grafologia e sistema gestual (GOUVEIA, 2009; VIAN JR., 2010). Conforme mencionado, as escolhas paradigmáticas do falante/escritor, criadoras de significados em contexto, se concretizam na materialidade discursiva por meio da léxicogramática e são desempenhadas nas metafunções *ideacional* - por onde construímos e expressamos nossas experiências e percepções do mundo; *interpessoal* - modo como nos relacionamos e negociamos sentidos na interação e como agimos sobre o outro; e a metafunção *textual* - forma como organizamos textualmente os significados ideacionais e interpessoais (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

É importante salientar que todos esses estratos do sistema sociosemiótico são conectados estabelecendo uma relação de interdependência e, por isso, a divisão teórica é reconhecida e feita apenas para fins de análise textual. Assim sendo, em pesquisas na área da LSF, é possível fazermos um recorte analítico e nos concentrarmos na investigação dos sentidos criados no âmbito de um estrato da linguagem em especial. Neste estudo, irei me ater à semântica do discurso, no que tange aos significados *interpessoais* - aqueles que negociam relações e expressam opiniões e atitudes (HALLIDAY, 1994) - justamente por ser este o âmbito em que o significado avaliativo se insere.

Desta maneira, a fim de poder contemplar uma análise microdiscursiva das avaliações que constroem identidades e reproduzem estigmas nas narrativas das mulheres pole dancers, recorro ao ferramental teórico-metodológico do Sistema de Avaliatividade (MARTIN, 2001; MARTIN; WHITE, 2005) - integrante do escopo da LSF -, que será comentado logo abaixo.

2.10

O potencial avaliativo na perspectiva da LSF: o Sistema de Avaliatividade

O sistema de avaliatividade, inserido no nível da semântica discursiva²⁰ (MARTIN; WHITE, 2005), se constitui como um conjunto de significados interpessoais, voltado para os mecanismos avaliativos da linguagem que, configurados em um sistema, oferecem aos indivíduos formas de expressarem opiniões sobre suas experiências e o mundo a sua volta (VIAN JR., 2010; OTEIZA, 2017). Nesse sentido, podemos também defini-lo como um ferramental teórico-metodológico de análise textual (NÓBREGA, 2009) que nos permite interpretar as escolhas léxicogramaticais dos falantes/escritores, as quais são as responsáveis pela materialização desses significados avaliativos no texto.

Segundo Martin (2001, p. 144), ao investigarmos as escolhas feitas no âmbito da “semântica da avaliação”, estamos interessados em entender como os interlocutores estão se sentindo em suas vivências, os julgamentos que realizam e o valor que colocam nos diversos fenômenos que experienciam. Dessa maneira, por meio da linguagem da avaliação, podemos reconhecer e analisar, na construção da subjetividade de falantes/escritores no texto, as posturas que adotam - se aprovam ou desaprovam, aplaudem ou criticam algo - e como eles direcionam seus ouvintes/leitores a fazerem o mesmo (MARTIN; WHITE, 2005). Assim, temos que o sistema de avaliatividade corresponde aos “recursos semânticos usados para negociação de emoções, julgamentos e apreciações, juntamente com mecanismos para engajar com e amplificar essas avaliações” (MARTIN, 2001, p. 145).

A partir daí, o quadro teórico da avaliatividade organiza esse potencial avaliativo em três principais subsistemas denominados de atitude, engajamento e gradação. Em síntese, é pelo engajamento que lidamos com as fontes ou origens da avaliação - que vozes estão ali envolvidas - e o grau de comprometimento do falante em relação aos significados avaliativos que expressa. Quando falamos em gradação, nos referimos aos modos de definirmos a intensidade das nossas avaliações, podendo optar por atenuá-las ou enfatizá-las no que tange à força e ao foco das mesmas (MARTIN, 2001; VIAN JR. et al, 2010). Não deixando de reconhecer a importância desses dois subsistemas²¹ na análise da prática avaliativa em narrativas,

²⁰ Segundo Martin e Rose (2007), o estrato da semântica do discurso se divide em seis sistemas, os quais são interrelacionados e interdependentes: ideação; conjunção; identificação; periodicidade; negociação e avaliatividade. Portanto, a separação entre eles ocorre apenas para fins de análise textual.

²¹ Para um maior detalhamento das nuances dos subsistemas do engajamento e da gradação recomendo a leitura de Martin e White (2005); Martin e Rose (2007) e White (2004).

nesta pesquisa, entretanto, os dados a serem analisados me sugeriram a concentração na região semântica da atitude, visto que esta se preocupa com a natureza dos nossos posicionamentos e opiniões relacionados a avaliação “das coisas em geral, do caráter das pessoas e de seus sentimentos” (MARTIN; ROSE, 2007, p. 26).

A área da atitude, por sua vez, também é composta por três subsistemas: afeto - lida com os recursos semânticos para construção das emoções no discurso; julgamento - relaciona-se à construção de avaliações morais acerca de comportamentos; e apreciação - está ligada à construção da qualidade estética de objetos e fenômenos. Embora os referidos subsistemas atitudinais tenham cada um os seus direcionamentos particulares, todos eles “codificam sentimentos” (MARTIN, 2001, p. 147), isto é, são “interligados a partir do afeto” (NÓBREGA, 2009, p. 93), nos permitindo caracterizar a atitude como “as formas pelas quais os sentimentos são vistos como um sistema de significados” (OTEIZA, 2017, p. 460). Deste modo, o afeto é considerado o “sistema básico” (MARTIN, 2001, p. 147), o qual é institucionalizado nos outros dois domínios semânticos: o julgamento é a institucionalização da emoção no campo da ética e a apreciação no campo da estética.

No que concerne ao afeto, as avaliações indicam as nossas respostas emocionais em relação às pessoas, aos acontecimentos e aos objetos que estão sendo avaliados ou como nos sentimos quando algo acontece. Esses sentimentos podem ser bons ou ruins (afetos positivos e negativos) e estarem ligados às “questões do coração” - como raiva, tristeza, felicidade, amor (afeto de in/felicidade); ao “telos” (a realização de metas) - curiosidade, tédio, des/prazer, respeito (afeto de in/satisfação) e ao “bem-estar ecossocial” - medo, confiança, ansiedade (afeto de in/segurança) (MARTIN; ROSE, 2007; ALMEIDA, 2010).

O campo do julgamento constrói as avaliações normativas, positivas ou negativas, do comportamento e caráter das pessoas, relacionando-se às questões da moralidade e da ética, o que tem similaridade com a proposta da avaliação/posicionamento moral trazida por Linde (1997) e Ochs e Capps (2001). Nessa perspectiva, os julgamentos envolvem as convenções e regras sociais sobre como as pessoas deveriam ou não se comportar (MARTIN, 2001), sendo “sempre determinados pela cultura na qual vivem e pelas experiências, expectativas, pretensões e crenças individuais” em um determinado contexto (ALMEIDA, 2010,

p. 106). Essas avaliações são divididas nos dois grandes grupos da estima e da sanção social. Na esfera da estima social, os julgamentos direcionam-se à normalidade (quão a/normal o comportamento da pessoa é); capacidade (quão in/competente é a pessoa) e tenacidade (quão determinada/disposta a pessoa é). Já na área da sanção social, os julgamentos se referem à veracidade (quão honesto a pessoa é) e à propriedade (quão ética é a pessoa). Portanto, temos que as avaliações de estima abarcam admiração e crítica, enquanto que as de sanção social envolvem elogios e condenações (MARTIN; ROSE, 2007; ALMEIDA, 2010).

Finalmente, as avaliações de apreciação traduzem o valor, positivo ou negativo, que atribuímos às coisas, fenômenos, entidades e também às pessoas na consideração da sua estética (forma e aparência). Esse subsistema atitudinal é constituído pelas categorias de reação - referente ao grau com que as coisas chamam a nossa atenção em termos do impacto que causam ou da qualidade que têm; composição - tem a ver com as nossas percepções de proporcionalidade (equilíbrio) das coisas e a complexidade que possuem; e a categoria de valoração - correspondente a nossa avaliação das coisas a respeito do significado social que elas têm para nós (MARTIN; ROSE, 2007; ALMEIDA, 2010).

Um aspecto importante a ser comentado diz respeito à questão da avaliação poder se materializar no texto de maneira explícita ou implícita. As avaliações explícitas são facilmente identificáveis por serem construídas com o uso de itens léxicogramaticais avaliativos que se referem aos campos do afeto, julgamento e apreciação de forma direta (são as chamadas avaliações “inscritas”), já que claramente expõem o posicionamento/atitude do avaliador. Por outro lado, de modo implícito e indireto, têm-se as avaliações “evocadas”, as quais demandam maior trabalho de interpretação do leitor/ouvinte, dado que essas são altamente dependentes do contexto, especialmente do de cultura (MACKEN-HORARIK; ISAAC, 2014). São avaliações cujos sentidos se expandem para além da materialidade do texto, sendo reconhecidas linguisticamente pelos chamados marcadores (tokens) de atitude ou ideacionais (MARTIN, 2001) e podendo inclusive atuar como um meio de “manipulação” do leitor ao induzi-lo a certas interpretações (MACKEN-HORARIK; MARTIN, 2003 *apud* ALMEIDA, 2010).

Além disso, vale chamar a atenção para o fato de que o sistema de avaliatividade nos disponibiliza categorias “mais gerais” de análise, nos permitindo expandi-las e acrescentar variações, a fim de contemplar uma interpretação

pertinente dos significados avaliativos presentes em nossos dados. Desta maneira, o modelo se apresenta como tendo flexibilidade e não devendo ser aplicado simplesmente de forma mecânica (MARTIN; WHITE, 2005), pois a análise da avaliação e sua identificação com certos domínios atitudinais (inclusive com mais de um ao mesmo tempo) será dependente dos fatores contextuais considerados na interpretação do analista.

Nos dados discursivos desta pesquisa, serão analisadas as escolhas léxicogramaticais (HALLIDAY, 1994) feitas pelas participantes no âmbito dos recursos avaliativos do sistema de avaliatividade, a fim de entender a contribuição dessas avaliações para a construção discursiva dos posicionamentos, visões de mundo, identidades e estigmas nas narrativas de experiências pessoais dessas pole dancers. Antes de adentrarmos na seção de análise, apresento, no próximo capítulo, a metodologia empregada na realização deste estudo.

3 Caminhos Metodológicos

Neste capítulo, disserto sobre as orientações teórico-metodológicas que estruturaram a elaboração e o desenvolvimento desta pesquisa de Mestrado. Para tanto, inicio o capítulo apresentando o paradigma ao qual a minha pesquisa está alinhada, isto é, o qualitativo-interpretativista. Na sequência, trago o detalhamento dos procedimentos metodológicos aqui utilizados que consistem em: i) realização do projeto de dissertação submetido à e aprovado pela Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio; ii) descrição acerca do contexto de pesquisa, da geração, seleção e transcrição dos dados discursivos, além da retomada das categorias de análise.

3.1 O paradigma qualitativo como terreno para a pesquisa acerca do pole dance

A pesquisa de orientação qualitativa configura-se como um campo de investigação que se compromete com o desenvolvimento de uma perspectiva naturalista e de compreensão interpretativa da experiência humana. Desta maneira, ela se constitui por “um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17) e por meio do qual busca-se compreender os significados que as pessoas conferem aos diversos fenômenos da vida social. Uma vez que este estudo insere-se no referido paradigma, debruço-me, deste modo, sobre os sentidos criados na interação com as minhas colaboradoras, no que tange aos significados avaliativos que coconstruímos a respeito da nossa prática do pole dance e das problemáticas que envolvem as nossas performances identitárias enquanto pole dancers.

Neste sentido, este trabalho reconhece estar refletindo acerca de uma realidade onde não há espaço para a sua mensuração, bem como não visa a confirmação (ou não) de uma determinada hipótese previamente estabelecida, pois o que se almeja é a criação de inteligibilidades acerca das questões aqui investigadas, procurando vislumbrar alternativas possíveis e éticas para tais questões (MOITA LOPES, et. al, 2006). Por esta ótica, a pesquisa qualitativa se coloca em oposição às mencionadas práticas de cunho positivista de exame e

quantificação experimental das entidades sob análise e ressalta, por meio de uma visão socioconstrucionista, “a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado, e as limitações situacionais que influenciam a investigação” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 23), além de salientar o seu caráter como “um campo inerentemente político e influenciado por múltiplas posturas éticas e políticas” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 21).

Essa proposta da metodologia qualitativa referente ao engajamento do pesquisador está em consonância com o fazer científico que é desenvolvido no âmbito da Linguística Aplicada Contemporânea, em que compreendemos que o pesquisador está altamente imbricado na sua produção de conhecimento e, por isso, através da perspectivação do seu estudo, não há o compromisso com os ideais de orientação positivista, a saber a objetividade e a neutralidade científicas (RAJAGOPALAN, 2006; MOITA LOPES et al., 2006). Conforme pontuam Denzin e Lincoln (2006, p. 32), na pesquisa qualitativa, sendo esta uma atividade situada sóciohistoricamente, torna-se evidente a impossibilidade de considerar o pesquisador como neutro e objetivo, visto que se trata de um sujeito

marcado pelo gênero, situado em múltiplas culturas, [que] aborda o mundo com um conjunto de idéias, um esquema (teoria, ontologia) que especifica uma série de questões (epistemologia) que ele então examina em aspectos específicos (metodologia, análise).

Diante desses princípios, volto a reforçar o fato de que esta pesquisa se caracteriza pelo meu pleno envolvimento com as ações aqui realizadas, o que quer dizer que minha subjetividade, valores, crenças e ideologias (MOITA LOPES, et. al, 2006; MOITA LOPES; FABRÍCIO, 2019) são incorporadas durante todo o processo de coconstrução de significados, desde a interação com meus pares nas entrevistas conversacionais, no posterior trabalho de análise e interpretação dos dados gerados, e na escrita desta dissertação como um todo. Esta postura, inclusive, informa um olhar autoetnográfico (ELLIS; ADAMS; BOCHNER, 2011; ELLIS; ADAMS, 2014) que acredito desenvolver, de certa forma, neste estudo, considerando que, enquanto pesquisadora-participante, a minha figura como pole dancer, meu contexto de vivência da atividade e minhas relações com ele fazem

parte não só dos dados gerados, como também fundamentam toda a reflexão crítica coconstruída sobre o tema desta pesquisa.

Assim sendo, é relevante salientar que, de acordo com o que pontuamos em Nóbrega, Griffo e Alves (no prelo), o viés autoetnográfico enfatiza a importância da experiência pessoal do pesquisador como forma de construção de conhecimento sobre o mundo, proporcionando um entendimento não só de nós mesmos, bem como da sociedade que nos cerca (ELLIS; ADAMS; BOCHNER, 2011). Uma pesquisa desta natureza traz, em seu fazer científico, a subjetividade, a emotividade e a responsabilidade do pesquisador (ELLIS; ADAMS, 2014), tendo a dimensão ética como sustentação de todo o processo investigativo. Portanto, a proposta autoetnográfica focaliza o nosso engajamento e nossas reflexões no contexto das interações da pesquisa. Ainda, segundo Adams et al. (2015, p. 29), esta “reflexividade consiste em nos voltarmos para nossas experiências, identidades e relações a fim de considerarmos como elas influenciam nosso trabalho presente”.

À vista disso, é baseado neste grande desejo de investigar o meu próprio contexto de prática do pole dance que decidi desenvolver esta pesquisa, em colaboração com minhas colegas pole dancers, e cujas etapas de elaboração vão ser descritas nas próximas seções deste capítulo metodológico.

3.2 Elaboração do Projeto de Pesquisa de Mestrado e do TCLE

Ao longo de 2019, aproveitei o espaço das disciplinas que cursei da minha linha de pesquisa (Linha 4: “Discurso, vida social e práticas profissionais”) para, desde o início do Mestrado, desenvolver a temática da minha dissertação e poder produzir os trabalhos finais já no contexto de investigação escolhido. Sendo assim, comecei a explorar, principalmente, a questão da estigmatização (GOFFMAN, [1963] 2004; BIAR, 2012) do pole dance nos artigos das matérias de Introdução à Linguística Aplicada e de Linguística Sistêmico-Funcional. Em 2020, mantive esse mesmo *modus operandi* analisando a estigmatização da atividade na disciplina de Análise de Narrativa, somado agora à investigação das construções identitárias (HALL, 2005; MOITA LOPES, 2001) presentes nos dados gerados com as mulheres pole dancers que eu vinha entrevistando.

A partir daí, o desenvolvimento da minha pesquisa foi ganhando mais forma, o que me permitiu começar a primeira etapa “oficial” pré-dissertação, isto é,

a escrita de um projeto a ser submetido à e avaliado pela Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio (CEPq/PUC-Rio). Neste projeto inicialmente intitulado “Contribuições da avaliação para (des)construção de estigmas sobre a prática do pole dance”, apresento a minha motivação pessoal, enquanto pole dancer, para a escolha do tema, justifico a relevância social da pesquisa, a situo no âmbito dos meus principais pilares teóricos e discorro sobre a metodologia a ser adotada na geração de dados (similarmente ao que consta na Introdução desta dissertação), a fim de contemplar os seguintes objetivos:

- Trazer as vozes de praticantes do pole dance como dados discursivos para a pesquisa acadêmica.
- Analisar como se dá a reprodução e/ou (des)construção de estigmas nos discursos das participantes da pesquisa.
- Analisar os mecanismos de avaliação presentes nesses discursos no que tange às suas relações com a (des)construção de estigmas e exposição de emoções, afetos e julgamentos.

Como podemos perceber, tanto os objetivos da pesquisa (apresentados no capítulo 1 da dissertação e retomados mais à frente na seção 3.4), quanto o título da dissertação sofreram algumas alterações até chegarmos nesta escrita aqui, devido à inclusão de novas fundamentações teóricas-metodológicas e categorias de análise, uma vez que o meu posterior contato com os dados gerados sugeriram tais reformulações. Sendo assim, para esta dissertação, o trabalho com a narrativa e a construção identitária foi adicionado para se integrar ao previamente desejado trabalho com a estigmatização e o discurso avaliativo.

O referido projeto de pesquisa foi então submetido à Câmara de Ética em 05 de junho de 2020 e aprovado com parecer em 17 de novembro de 2020 (cf. anexo 1). Somente após esta aprovação, pude prosseguir para a segunda etapa: convidar minhas colaboradoras pole dancers, Bianca e Patrícia²², para participar da pesquisa e registrar as suas permissões para realização do estudo por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (cf. anexo 2). Durante a

²² Por questões de confidencialidade acordadas no TCLE, os nomes aqui utilizados para as participantes da pesquisa são fictícios. A apresentação dessas pole dancers será feita na seção 3.3.2 adiante.

conversa com as minhas duas colegas de prática, fizemos a leitura do termo em conjunto, onde pude explicar melhor sobre a proposta da pesquisa e prestar os devidos esclarecimentos acerca de suas participações. Mediante a aceitação dos aspectos do termo, cada participante assinou o documento em duas vias - uma para si e outra para ficar comigo -, o que me permitiu realizar, em seguida, a geração dos dados discursivos.

Antes de descrever as etapas de geração e tratamento dos dados, apresento a respeito dos elementos contextuais desta pesquisa, isto é, sobre quem são as pole dancers envolvidas no estudo e o local de prática de onde a gente vem.

3.3

O contexto de realização da pesquisa: as pole dancers e o estúdio de prática da atividade

3.3.1

De onde a gente vem: o “*Living Pole Dance Studio*”

O *Living Pole Dance Studio*²³ se intitula como o primeiro estúdio de pole dance e arte da zona sul carioca, atualmente contando com duas unidades na referida região - a mais antiga tendo seus 7 anos de existência e a segunda com 4 anos - que somam mais de 300 alunas/os. Em seus primeiros anos, o estúdio era restrito ao público feminino - o qual ainda é a maioria no local - porém, em 2019, a direção da escola decidiu abrir tanto turmas estritamente masculinas, quanto turmas mistas, o que possibilitou ter, desde então, um alunato mais plural. Já o quadro de professoras continua sendo, até o momento, todo composto por mulheres.

Em relação à grade de aulas do estúdio, o plano principal de aulas regulares - as quais são niveladas nos segmentos “básico, intermediário e avançado” – focaliza mais “a prática acrobática” do pole dance, ou seja, o aprendizado dos movimentos, giros, sequências e combos na barra e fora dela, os quais também são treinados em sequências coreográficas propostas pelas professoras. Além do plano regular, existem planos de aulas complementares, disponíveis para quem deseja trabalhar mais as outras nuances e/ou vertentes da atividade. No nosso estúdio, essas aulas são nomeadas da seguinte maneira:

²³ Nome também fictício.

- **Pole Spin:** para quem deseja melhorar e desenvolver o domínio da barra giratória. Nessa aula trabalhamos sequências e transições no pole spin, tudo com muita fluidez e leveza! Para todos os níveis.
- **Flex:** aula para quem deseja melhorar e desenvolver flexibilidade para fazer os pole moves²⁴ com aberturas e splits²⁵ perfeitos. Para todos os níveis.
- **Pole Flow:** aula para você desenvolver seu lado artístico e coreográfico, trabalhando conexões e junções de movimentos, consciência corporal e musicalidade. Para todos os níveis.
- **Sexy Flow:** aula coreografada para você desenvolver e libertar seu lado sexy! Empodere-se com as aulas de sexy flow, ame seu corpo e sinta-se incrível com coreografias de tirar o fôlego! Para todos os níveis.
- **Flexy Tricks:** aula com uma hora e meia de duração focada na execução de movimentos de extrema flexibilidade no pole. Trabalhe splits e extensões de coluna nos tão sonhados flexy tricks! Para alunas/os a partir do nível intermediário.
- **On Heels:** aula coreografada de salto e com muita sensualidade! Aprenda as técnicas incríveis do On Heels! Para todos os níveis.
- **Floorwork:** aula coreografada para trabalharmos transições e movimentações no solo, utilizando ou não o pole. O floorwork é importantíssimo para as composições coreográficas. É através dele que conectamos sequências e fazemos transições entre barras. Para todos os níveis.

Pela multiplicidade das propostas das aulas, já conseguimos ter uma noção do quanto a prática do pole dance é diversificada, contando com inúmeros segmentos além da tradicionalmente mais conhecida vertente “sensual/sexy”, ponto este que será abordado pela participante Bianca no excerto 2 do capítulo de análise de dados.

O estúdio foi idealizado por uma pole dancer, Marina²⁶, que vem construindo a sua trajetória na atividade desde 2012, sendo, além de professora e diretora da

²⁴ Movimentos/figuras do pole dance.

²⁵ Movimentos de aberturas de pernas que podem ser feitos em várias angulações: 90 graus, 180 graus etc.

²⁶ Nome fictício.

escola, participante ativa em festivais e campeonatos, onde já conquistou títulos. Inclusive, Marina, junto da segunda sócia e também professora do estúdio, Luana²⁷ idealizaram um festival de pole dance - que acontece desde 2018 - onde o objetivo principal é o de incentivar a apresentação das praticantes do estúdio em um ambiente mais confortável e acolhedor, uma vez que não se configura como uma competição. Além disso, o festival também permite a inscrição de qualquer praticamente de pole dance, do Brasil e do mundo, que deseja participar e compartilhar a sua arte.

Gostaria de sinalizar que Marina é a colaboradora com quem gerei os meus primeiros dados para trabalhar com o contexto do pole dance, os quais inclusive originaram o artigo escrito com minha orientadora citado nesta dissertação - Alves e Nóbrega (2020). A partir das contribuições de Marina na nossa conversa em 2019, pude ir planejando e estruturando melhor as questões que gostaria de abordar nesta dissertação e, por isso, saliento a grande importância desta primeira entrevista realizada dentro deste tema.

3.3.2

As participantes da pesquisa: Patrícia, Bianca e Lorena

Esta pesquisa está sendo idealizada por mim em colaboração com duas grandes colegas de prática e amigas pessoais, referenciadas aqui pelos nomes de Patrícia e Bianca. Conheci as duas durante a minha prática da modalidade no *Living Pole Dance Studio* e tenho enorme carinho por elas, assim como também tenho por inúmeras outras amigas do pole dance - as nossas *pole friends*, como costumamos chamar no nosso contexto. Desde 2019, venho conversando com várias colegas do nosso estúdio, o que me possibilitou desenvolver e aprofundar as minhas reflexões sobre questões caras ao nosso universo, a exemplo daquelas elaboradas nas perguntas das entrevistas aqui analisadas. Todavia, apenas por uma questão de delimitação da extensão deste trabalho, decidi focalizar as entrevistas realizadas com essas duas participantes, Patrícia e Bianca, por terem sido as pole dancers com as quais conversei primeiro. De toda forma, aproveito este momento para agradecer imensamente a todas as pole friends com quem não só conversei para as pesquisas

²⁷ Nome fictício.

do Mestrado, como também vivenciei uma trajetória afetiva singular na prática desta dança-esporte incrível.

Nesta etapa metodológica da pesquisa, pedi às minhas colaboradoras que se apresentassem para que tivéssemos um registro de quem são em suas próprias palavras. Mandeí uma mensagem de texto por meio do aplicativo de celular *Whatsapp*® para Bianca e Patrícia da seguinte maneira:

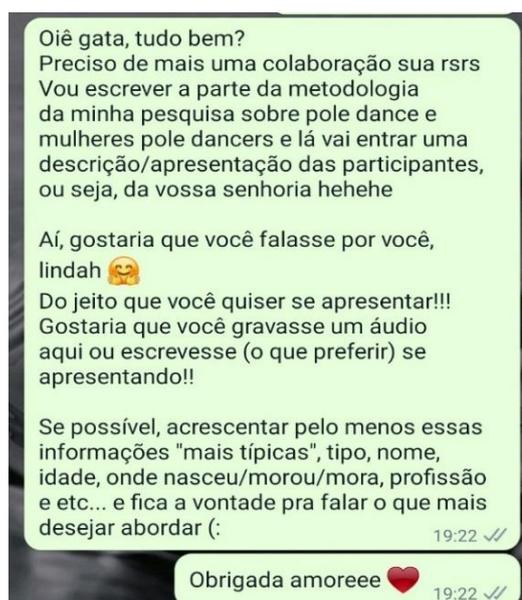


Figura 1: Captura de tela do pedido de apresentação feito via *Whatsapp*®

Diante do meu pedido, as duas participantes decidiram mandar áudios elaborando suas apresentações, as quais foram igualmente transcritas incorporando as convenções de transcrição mencionadas anteriormente e dispostas no quadro na parte de pré-textuais desta dissertação.

3.3.2.1

Patrícia por Patrícia

“Oiê↑ Meu nome é Patrícia Albuquerque (.) eu sou mais conhecida como Paty Albuquerque (.) tenho 32 anos, moro no Rio de Janeiro cidade onde eu nasci (.) eu pratico pole dance aproximadamente sete anos, eu também: trabalho com dança (.)

então: sou (.) artista (.) ãn: professora de Inglês, profissional de educação física (.) atriz e: é isso eu-eu concilio muito o meu tempo: envolvendo tanto meu trabalho como professora de Inglês quanto (.) como instrutora de pole e dança (.) principalmente (.) e: e é isso, é um prazer tá contribuindo pra esse trabalho essa pesquisa (.) qualquer coisa que: (.) tenha como visibilidade (.) fazer com que o pole dance seja mais visualizado (.) seja valorizado (.) seja conhecido (.) qualquer oportunidade é muito boa é muito interessante e ajuda muito o nosso meio (.) então quero muito agradecer pela oportunidade e é isso brigada”.

Patrícia já tinha tido experiência com o pole dance em outros estúdios, antes de entrar na nossa escola por volta de 2016. No *Living Pole Dance Studio*, ela começou como aluna, depois exerceu a função de monitora²⁸ por um ano até chegar a ser professora regente da casa no ano de 2018. Saiu recentemente do estúdio em questão, mas continua ativa na sua prática do pole dance em casa e inclusive realizando apresentações em casas de show. Em sua trajetória no pole dance, Patrícia também se apresentou em festivais e campeonatos realizados no Brasil, tendo conquistado títulos.

3.3.2.2

Bianca por Bianca

“Meu nome é Bianca Zur, eu tenho 27 anos, sou mãe de um menino de 2 anos e meio, nascida no Brasil Rio de Janeiro (.) sou uma mulher negra com (.) é: (.) transtorno bipolar ãn: sou professora de dança (.) quase formada (.) pela Faculdade X (.) no bairro Y no Rio de Janeiro é: (.) em 2018/19, me tornei (.) professora de pole dance no estúdio *Living Pole Dance Studio* em bairro Z no Rio de Janeiro. A maneira como eu

²⁸ As monitoras atuam como uma professora em formação e estagiária da professora regente da turma. No nosso estúdio, este trabalho consiste em auxiliar às alunas na realização dos exercícios propostos, reforçando as explicações dadas e garantindo a segurança das alunas. Além disso, as monitoras também são incentivadas a conduzirem o início das aulas realizando o aquecimento/alongamento com as alunas da turma.

experiencio a vida, os afetos, as mudanças (.) e as subjetividades é e sempre vai ser através do corpo (.) através do movimento. É desse jeito que a vida me-me atravessa e é desse jeito que eu pretendo retornar (.) pro mundo. Hoje em dia moro na Alemanha (.) em Frankfurt é: (.) vim: (.) pra Europa (.) pelas possibilidades de trabalho (.) mas no momento elas se encontram bem: escassas e instáveis devido a toda a questão (.) pandêmica (.) é: que mais. E ainda estou buscando uma maneira sustentável de estar (.) num ambiente (.) com uma perspectiva de mundo de vida eurocentrada (.) sem (.) que (.) as questões linguísticas, imagéticas, culturais, sociais, raciais, sensoriais e de gênero me atravessem de uma forma (.) paralisante".

Bianca começou sua prática no *Living Pole Dance Studio* em 2015, quando o estúdio ainda estava praticamente “nascendo”. De lá para cá, também trabalhou como monitora no local, em 2018, e no ano de 2019 foi convidada para ser professora substituta na escola e para ser a regente de uma turma aos sábados. Também já exerceu a função de secretária em uma das unidades da escola. No início da pandemia do COVID-19 em 2020, mudou-se com o seu filho para a Alemanha e, pelo que já me informou em nossas conversas, apesar de não estar conseguindo praticar a atividade no momento, ela tem o desejo de poder não só praticar, bem como o de trabalhar com o pole dance onde vive atualmente. A pole dancer também já fez apresentações artísticas em festas do nosso estúdio.

3.3.2.3

Lorena: a pesquisadora-pole dancer

Me chamo Lorena Araujo Alves, tenho 26 anos, nasci no Rio de Janeiro e resido aqui até hoje. Sempre gostei da prática de atividade física, tendo feito natação quando jovem e inclusive *crossfit* antes de começar no pole dance. Conheci a prática recreativa do pole dance em 2016 por meio de uma foto que vi no perfil do *Instagram*® de uma colega da graduação em Letras (PUC-Rio) – a Flora²⁹. Lembro

²⁹ Nome fictício.

de ter achado as fotos que essa colega postava incríveis e me interessei de imediato. Perguntei a ela como era a atividade, o que ela achava da prática e tive um *feedback* muito positivo, o que me fez marcar direto uma aula experimental no *Living Pole Dance Studio* - local onde Flora fazia aulas. Nunca mais saí de lá. Iniciei minha trajetória no estúdio como aluna em agosto de 2016 e fui convidada para ser monitora nas aulas de Marina em agosto de 2018, trabalho este que exerci até início de março de 2020, quando nos deparamos com a pandemia do COVID-19. Infelizmente, fiquei também sem praticar a atividade durante o decorrer desta pandemia e enfatizo que nunca senti tanta falta de algo, como eu sinto quando estou afastada do pole dance.

Sou completamente apaixonada por essa atividade e eternamente grata por toda a vivência que ela já me proporcionou e com certeza continuará proporcionando. Igualmente às minhas colaboradoras, também já me apresentei no festival organizado pela nossa escola - um mix de nervosismo e alegria. Acredito que eu viva tão intensamente o pole dance que, quando estava para decidir o contexto de investigação deste trabalho, não me restou dúvidas sobre qual seria o meu objeto de pesquisa. Na elaboração deste estudo, desejei explorar em conjunto as minhas identidades enquanto pole dancer e linguista aplicada/analista do discurso da melhor forma que pude, procurando unir a paixão que tenho por esta dança-esporte ao meu grande interesse de investigação das práticas discursivas em que nos engajamos.



Figura 2 – Quem sou eu – acervo pessoal da autora.

3.4

Sobre a geração dos dados: o planejamento e a realização das entrevistas de pesquisa

Para realizar a geração dos dados com Patrícia e Bianca, o método selecionado foi a entrevista de pesquisa - um procedimento comumente utilizado dentro da abordagem qualitativa-interpretativista, uma vez que fornece condições de nos aproximarmos mais da perspectiva dos nossos colaboradores (DENZIN; LINCOLN, 2006). As entrevistas conversacionais, entendidas aqui como um evento interacional, foram semi-estruturadas (MISHLER, 1986), formadas por perguntas mais amplas e outras mais direcionadas, porém deixando o espaço livre para novos percursos que dependeriam do decorrer de cada conversa, das respostas e das vontades das participantes. Nesse sentido, ressalto que as perguntas serviram apenas como um simples roteiro para o encorajar o desenvolvimento da nossa interação, não havendo, em momento algum, a pretensão de que as mesmas servissem como um questionário ou que fossem literalmente respondidas. Em última instância, o meu desejo foi o de coconstruir um espaço de diálogo na entrevista que pudesse contribuir para a produção de narrativas pelas participantes (MISHLER, 1986) sobre as suas vivências no pole dance.

Diante disso, as perguntas prévias elaboradas para a interação com a minhas colegas pole dancers foram as seguintes:

- Como você começou a fazer pole dance e por que você decidiu fazer a atividade?
- O que é o pole dance para você? O que ele representa em sua vida?
- Você enfrentou alguma dificuldade no pole dance ou relacionada ao pole dance?
- O que você acha sobre a relação do pole dance com questões de empoderamento?
- O que você acha sobre o ato de se expor como pole dancer? Você expõe a sua prática da atividade?
- Enquanto pole dancer, como você acha que os outros te avaliam?
- O que você tem a dizer sobre a relação “pole dance e preconceito”? Você já foi alvo de alguma prática preconceituosa por fazer pole dance?
- Como você vê a questão do corpo no pole dance?

Durante as entrevistas com Bianca e Patrícia, procurei contemplar pelo menos essas perguntas acima e, conforme mencionado, outras questões acabaram surgindo no momento, a exemplo da minha pergunta em relação a prática da vertente sensual pelas colaboradoras (cf. anexo 3), já que tenho conhecimento que as duas gostam e são adeptas à tal vertente.

O plano inicial era conversar com as minhas colegas presencialmente no estúdio de pole dance que frequentamos, da mesma maneira que tive a oportunidade de fazer em 2019 para os trabalhos das disciplinas do Mestrado. Entretanto, devido à situação da pandemia do COVID-19, que atualmente ainda está em curso, as entrevistas foram realizadas em modo remoto e de forma síncrona pelas plataformas digitais *Zoom Meetings*® e *Google Hangouts*®. Apesar de essas plataformas contarem com a possibilidade de registro em vídeo, ressalto que a gravação das interações foi feita usando um gravador externo do meu celular para apenas captar as vozes, evitando, assim, a obtenção da imagem das participantes. Todo o material gravado estará armazenado por um período de dez anos em minha residência, estando disponível para consulta das participantes, se assim desejarem.

É importante sinalizar também que esta pesquisa está fundamentada “no respeito pela dignidade humana e na proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos”, em consonância com a Resolução nº 510 (Conselho Nacional de Saúde, 2016). Este trabalho faz parte das atividades realizadas no âmbito do Projeto “Práticas discursivas e avaliação na construção de sentidos em contextos pedagógicos e profissionais”, coordenado por minha orientadora, Profa. Dra. Adriana Nogueira Accioly Nóbrega, que tem o propósito de investigar a contribuição de recursos linguísticos avaliativos para a construção de significados em diferentes contextos.

A primeira entrevista foi realizada com a pole dancer Patrícia, no dia 19 de novembro de 2020 (quinta-feira), à noite, pela plataforma *Zoom Meetings*® e teve a duração de exatamente 29 minutos e 19 segundos. Já a segunda interação foi feita com Bianca no dia 23 de novembro de 2020 (segunda-feira), pela manhã, começando também via *Zoom Meetings*®. A pole dancer falava comigo diretamente de Frankfurt am Main na Alemanha, onde reside atualmente, e acabamos tendo problemas na conexão de internet no meio da gravação, o que nos levou a continuar a entrevista pela plataforma *Google Hangouts*®. Sendo assim,

tenho dois registros de áudio com Bianca, um com 4 minutos e 54 segundos e o segundo com 16 minutos e 21 segundos, somando então uma entrevista de precisamente 21 minutos e 15 segundos.

3.5

O contato com os dados gerados: a seleção dos dados, as transcrições dos excertos e as categorias de análise

Após a realização das entrevistas conversacionais, comecei a etapa de escuta das gravações e de transcrição - em um primeiro momento de forma “bruta” - de todo o material gerado (cf. anexo 3). Tendo todo este registro em mãos, contei com a grande ajuda da minha orientadora para selecionarmos os excertos a serem analisados no corpo da dissertação, direcionando o nosso olhar para aqueles em que eu pudesse melhor explorar e refletir sobre as questões desta pesquisa. Considerando que tenho por objetivo investigar como se deu a emergência de estigmas (GOFFMAN, [1963] 2004) e a construção de identidades (MOITA LOPES, 2001; 2002) voltados às praticantes e ao próprio pole dance, bem como observar uma resignificação da atividade feita pelas participantes, decidimos focalizar as narrativas elaboradas em resposta às perguntas sobre o tema do preconceito e da exposição e sobre a definição do pole dance pela ótica dos “de dentro” – aquelas pessoas que vivenciam a prática da atividade (GONÇALVES, 2017). Sendo assim, veremos no capítulo de análise dos dados, excertos das conversas de Bianca e Patrícia referentes às perguntas:

- O que você tem a dizer sobre a relação “pole dance e preconceito”? Você já foi alvo de alguma prática preconceituosa por fazer pole dance?
- O que você acha sobre o ato de se expor como pole dancer? Você expõe a sua prática da atividade?
- O que é o pole dance para você? O que ele representa em sua vida?

Apesar de analisar no corpo da dissertação excertos referentes apenas às perguntas acima, convido meus leitores a visitarem as transcrições que se encontram no anexo 3, caso desejem saber mais sobre a trajetória das minhas colaboradoras no pole dance e também sobre as suas reflexões muito caras ao

universo da prática da atividade, no que tange às temáticas das outras perguntas realizadas nas entrevistas.

Em relação aos excertos selecionados para análise de dados, estes foram então transcritos, agora de forma mais refinada, incluindo as convenções de transcrição propostas pelos estudos da Análise da Conversa (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974), com contribuições de Loder e Jung (2009) (cf. quadro na parte de pré-textuais). Vale salientar que esta etapa de transcrição já se caracteriza como uma prática analítica, uma vez que envolve a minha interpretação (RIESSMAN, 1993) da escuta do discurso oral produzido, a qual ditou a seleção das determinadas marcações a serem feitas na versão em discurso escrito. Conforme pontua Riessman (1993, p. 13), “diferentes convenções de transcrição levam e apoiam diferentes interpretações e posições ideológicas e, em última análise, criam mundos diferentes”. Nesse sentido, veremos nas análises dos excertos como as marcações de falas sobrepostas, pausas e, principalmente, as de ênfase construíram importantes sentidos conjuntamente ao conteúdo das falas, fornecendo assim grandes *insights* para a minha interpretação das narrativas produzidas pelas participantes.

Por fim, retomando as categorias analíticas que serão empregadas mais adiante na interpretação dos excertos, no intuito de refletir sobre o tema desta pesquisa contemplando o entrelace do nível macrossocial com o microdiscursivo, faço uso, primordialmente, das categorias do Sistema de Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005) para análise do discurso avaliativo presente na reelaboração das experiências em narrativas (BASTOS, 2005) sobre a vivência de minhas colaboradoras com o pole dance, a fim de entender as contribuições dessas avaliações para a construção discursiva de estigmas, identidades, ressignificações e resistências em relação à atividade que praticamos. Saliento que, sendo esta uma pesquisa de orientação qualitativa, ela proverá uma interpretação possível para os significados analisados, isto é, um olhar específico dentre os mais variados olhares que poderiam abordar os dados gerados, visto que “não existe uma única ‘verdade’ interpretativa” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 37). Diante disso, podemos dar início, no próximo capítulo, a análise dos excertos selecionados.

4 Análise de dados

Neste capítulo, irei analisar alguns excertos provindos das entrevistas conversacionais feitas com as minhas colegas pole dancers Patrícia e Bianca. Conforme anunciado no capítulo anterior, os excertos escolhidos referem-se às perguntas sobre o preconceito e a questão de se expor, bem como acerca da definição de pole dance na perspectiva das praticantes da atividade. Nesse sentido, a partir da temática dessas perguntas, organizo o capítulo dividindo-o em duas grandes seções: a primeira (4.1) refletirá sobre a estigmatização do pole dance e de suas praticantes e a segunda seção (4.2) explorará as ressignificações que as participantes propõem para a atividade que praticam.

4.1 Sobre a estigmatização do pole dance e de suas praticantes

Nesta seção, veremos como as pole dancers expõem e entendem a sua estigmatização e da atividade que praticam, bem como a forma que lidam com as problemáticas referentes a ela, mencionando desde o controle de aspectos da sua exposição até atitudes de enfrentamento e resistência à rotulação negativa. Começaremos pela análise de um excerto da entrevista conversacional realizada com a participante Patrícia.

4.1.2 Excerto 1 - “ela é uma menina direita, como é que ela pode fazer [pole dance?]”

O contexto anterior que leva à minha pergunta de abertura do excerto 1 da conversa com Patrícia teve a seguinte configuração: inicialmente, eu havia perguntado à participante a respeito do que achava do ato de se expor³⁰ enquanto pole dancer e se ela realizava tal exposição da sua prática. Em sua resposta, Patrícia opta por comentar sobre o que ela geralmente vê acontecendo com as pole dancers quando decidem divulgar suas fotos nas redes sociais. Em síntese, ela sinaliza a

³⁰ Caso deseje conferir esta parte da entrevista/conversa, a transcrição se encontra no Anexo 3.

coragem das praticantes ao escolherem exibir a sua prática, qualificando esta ação, inclusive, como um ato de empoderamento, visto que essas mulheres muitas vezes têm a sua decisão de postar a foto contestada e/ou são insultadas por um público conservador³¹. Todavia, Patrícia destaca as avaliações positivas - a exemplo das “curtidas” e dos elogios - que as pole dancers recebem de um outro tipo de público externo. Uma vez que ela enfatizou bastante a existência dessa resposta positiva que, felizmente, as pole dancers também conseguem ter, resolvo questioná-la se as pessoas realmente costumam avaliar o pole dance apenas de forma positiva (linhas 01-03). A resposta de Patrícia é elaborada conforme mostra o excerto 1 abaixo.

01	Lorena	entendi, verdade, mas você acha que as pessoas
02		avaliam <u>só</u> positivamente? (.) desse jeito que
03		você falou?
04	Patrícia	não... não não (.) °não° Hhh as pessoas Hhh
05		tipo é-é bom tipo faz a pessoa se sentir be:m
06		e tal tem esse lance do incentivo, mas
07		obviamente muita gente <u>critica</u> , muita gente
08		ainda (.) <u>tem</u> aquela mente (.) super antiquada
09		e ainda <u>vê</u> pole dance como uma prática
10		extremamente [vulgar e] (.) tal
11	Lorena	[uhum]
12	Patrícia	enfim (.) e eu também não acho que as coisas
13		sejam excludentes, porque a pessoa <u>pode sim</u>
14		fazer um pole super vulgar se ela tiver afim
15		e >ninguém tem nada a ver com isso<
16	Lorena	amo=
17	Patrícia	=mas... mas por exemplo, já tive gente (.)
18		que foi fazer aula experimental comigo saiu
19		da aula <u>super feliz</u> falando que ia querer
20		faze:r e num sei que e depois eu soube que a
21		pessoa não voltou porque <u>a sogra</u> achou um
22		<u>absurdo</u> ela estar se expondo daquela forma,
23		fazendo esse tipo de ativida:de, que ela é
24		uma menina <u>direita</u> , como é que ela pode fazer
25		[pole dance?]
26	Lorena	[Hhh... o AUGE]
27	Patrícia	[aí: ela não <u>voltou</u>] sabe? e assim eu sei que
28		ela ficou <u>triste</u> porque ela tava <u>mui:to feliz</u>
29		pra fazer e: muito empolgada e aí ela deixou
30		com que a opinião de um- <u>terceiros</u>
31		influenciassem numa escolha dela, pra vida
32		dela, que ela sempre quis fazer (.) e:
33	Lorena	com certeza
34	Patrícia	é complicado né, porque muita gente ainda <u>vê</u>
35		com essa mente fechada, tem muita menina que
36		posta foto no pole e aí começa a receber nudes

³¹ Relembrando que a escolha pelo termo “conservador” é de minha autoria e não das minhas colaboradoras (cf. nota de rodapé número 9, página 17).

37		de homens sem noção sabe? tipo (.) e isso é
38		<u>muito chato</u> só que: é-é sobre é até uma
39		educação né das pessoas porque (.) a partir
40		do momento que a gente <u>impõe</u> tipo <u>vou postar</u>
41		<u>sim</u> as minhas fotos se <u>you não tá feliz com</u>
42		<u>isso</u> <u>you se retira</u> , se <u>you não entende</u> que
43		<u>you não pode invadir o meu espaço</u> porque eu
44		postei uma <u>foto</u> (.) <u>you vai entender</u> , se não
45		vai entender por bem, vai entender por mal
46		vou te bloquear e >you nunca mais vai ver
47		<u>nada</u> <
48	Lorena	uhum
49	Patrícia	aí: enfim (.) é sobre <u>realmente</u> falar “não, a
50		gente tá aqui, a gente faz isso, a gente
51		<u>continua</u> merecendo respeito (.) por fazer
52		<u>pole dance</u> , é uma opção e... é uma atividade
53		física como (.) qualquer outra, só mais legal”
54	Lorena	Hhh concordo
55	Patrícia	Hhh

Diante da minha pergunta, Patrícia começa a sua narrativa afirmando que “não”, aumentando a carga dramática da sua resposta pela repetição (LABOV, 1972) quádrupla da negação (linha 04). Além disso, o riso avaliativo (linha 04) que acompanha a negativa veio em um tom do que na coloquialidade pode ser referido como o “rindo de nervoso”, isto é, uma vez que eu - a sua audiência - sou também pole dancer, essa risada pareceu reiterar, de maneira mais “descontraída”, o lugar comum das avaliações negativas sobre o pole dance, fato este que toda praticante da modalidade conhece.

Apesar de ter reconhecido anteriormente na entrevista a existência e o papel positivo do grupo dos “informados” (GOFFMAN, [1963] 2004) - neste contexto, os que simpatizam com as pole dancers, as elogiam e as incentivam em suas conquistas -, por meio da escolha do “obviamente” e da ênfase no verbo no trecho “mas obviamente muita gente critica” (linhas 06-07), Patrícia ressalta com inquestionável certeza o fato de que o pole dance é alvo de avaliações negativas - “críticas” - por parte de um certo público. Não só as avaliações negativas são claras como também são proferidas por “muita gente”, expressão essa repetida e intensificada pelo advérbio (“muita” - linha 07), o que chama a atenção para tamanha imagem negativa que é construída sobre a atividade no discurso do senso comum hegemônico.

Quando se refere às pessoas que criticam o pole dance, Patrícia as caracteriza como tendo ainda “aquela mente (.) super antiquada” (linha

08), isto é, ela realiza um forte julgamento negativo da normalidade da manutenção (“ainda tem”) dessas convicções retrógradas, talvez por considerá-las algo não muito “esperado” para os dias atuais e que carece de uma “evolução”. É esse pensamento obsoleto que gera e preserva uma leitura (“ainda vê” - linha 09) do pole dance como vulgaridade, avaliação esta que, conseqüentemente, se destina às praticantes, uma vez que não se pode separar o sujeito da sua prática social (MOITA LOPES et. al, 2006). Nesse sentido, entendo que o uso de “uma prática extremamente [vulgar e] (...) tal” (linhas 09-10) se refere à avaliação negativa altamente graduada (“extremamente” e “vulgar” enfatizado) da performance das praticantes, em um nível de sanção social por imoralidade (MARTIN; ROSE, 2007), indicando que o pole dance seria de uma natureza muito ruim, inadequada, “não-ética” e que, portanto, é realizado por pessoas tidas como imorais/desviantes. Já aqui, a visão sobre o universo do pole dance como “extremamente vulgar” expõe a estigmatização realizada por um público conservador (“super antiquado”), o qual atribui essa qualidade altamente depreciativa à atividade e necessariamente às pole dancers (GOFFMAN, [1963] 2004). Na troca interacional, pela sobreposição de nossas falas (linhas 10-11), podemos ver que eu rapidamente concordo com o que Patrícia diz (“uhum”), dado que, como pole dancer, reconheço que a alcunha de vulgar é uma das mais correntes utilizadas para nos definir negativamente.

A esse respeito, logo em seguida, a participante emite um posicionamento de repreensão da atitude de caracterização estereotípica do pole dance como vulgaridade, o qual avalio positivamente expondo meu afeto de felicidade e satisfação (“amo=”, linha 16). Ao dizer que “>ninguém tem nada a ver com isso<” (linha 15), Patrícia descarta totalmente a validade de qualquer opinião externa sobre como as pole dancers deveriam ou não performar, emanando um afeto implícito de insatisfação pelos comentários estigmatizantes, institucionalizado em um julgamento (MARTIN, 2001) negativo das pessoas que veiculam tais comentários (como se dissesse “vocês não deveriam se meter nisso”). Assim, Patrícia legitima, com um “pode sim” enfático (linha 13), o livre arbítrio das pole dancers de performar da forma que desejarem, inclusive realizando “um pole super vulgar” (linha 14), onde a escolha por “super vulgar” aqui me parece apenas uma referência ao termo dito antes (linha 10) e que, no senso comum

conservador, é geralmente mais utilizado na avaliação de performances que contam com alta exposição do corpo e/ou que são mais sensuais. Já nesse pequeno trecho, vejo que Patrícia se constrói identitariamente (MOITA LOPES, 2001; HALL, 2005) como uma pessoa assertiva e segura de seus posicionamentos em defesa da imagem do pole dance e de suas colegas de prática, o que será mais intensificado adiante em sua narrativa.

A participante prossegue trazendo e avaliando um exemplo concreto em que é exposto a clara estigmatização do contexto do pole dance e as consequências negativas desta na situação vivenciada. Entre as linhas 17 e 32, Patrícia elabora um episódio narrativo breve (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008) sobre a experiência de uma “possível candidata à pole dancer” que desistiu da atividade por influência familiar, mais especificamente de sua sogra. Pelo relato de Patrícia, vejo que o posicionamento da sogra constrói uma avaliação moral (LINDE, 1997; OCHS; CAPPS, 2001), tanto da prática do pole dance como também das suas praticantes, constituída com base em crenças difundidas no discurso hegemônico acerca do que deveria ser o comportamento ideal e/ou adequado para uma mulher em sociedade. Desta maneira, veremos que a sogra acaba atuando como uma “agente moral” (OCHS; CAPPS, 2001) em sua tentativa de ditar o que considera bom ou ruim e o que ela acha que outro deveria ou não fazer.

Em primeiro lugar, quando Patrícia compartilha que a “sogra achou um absurdo ela estar se expondo daquela forma, fazendo esse tipo de ativida:de” (linhas 21-23), entendo que este posicionamento moral estigmatiza o pole dance, por meio do grande efeito de descrédito (GOFFMAN, [1963] 2004) que cria para a dança-esporte, notadamente marcado pelas escolhas de “um absurdo” (atributo altamente negativo e ressaltado em fala mais alta), “daquela forma” e “esse tipo de atividade”, as quais inclusive reverberam um afeto de insatisfação da sogra com a performance da nora neste cenário. Esta avaliação negativa irá se estender no questionamento, também realçado, “ela é uma menina direita, como é que ela pode fazer [pole dance?]” (linhas 23-25), materializando um julgamento que pode ser lido como de não-normalidade atrelada à imoralidade (MARTIN; ROSE, 2007): não seria esperado, nem tolerado, que uma “menina direita” praticasse “esse tipo de ativida:de” desviante/absurda.

Nesse momento, percebo que esses afetos e julgamentos constroem uma dicotomia em termos das identificações em jogo, onde de um lado teríamos uma performance identitária “positiva” (e almejada) - a da “menina direita” - enquanto do lado negativo estaria a da pole dancer. Sendo assim, pela comparação embutida no questionamento feito pela sogra, vemos as pole dancers serem construídas, um tanto quanto “implicitamente”, como mulheres que não são “direitas”, o que ilustra a tese de Patrícia de que muita gente ainda as considera “vulgares”.

Considerando o que pontua Goffman ([1959] 2002) sobre a apresentação do *self* nas interações sociais, entendo que as performances identitárias das pole dancers não produzem uma representação de *self* idealizada, isto é, não incorporam (e nem pretendem incorporar) “os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade” (p. 40-41), os quais, em geral, ainda são de base conservadora e patriarcal. Deste modo, acredito que por se distanciarem bastante da performance de gênero hegemônica da “bela, recatada e do lar”, acaba-se gerando um “espanto” e muitas vezes até indignação nesse público conservador - vide a atitude da sogra - , uma vez que não recebem das pole dancers a impressão de *self* que esperavam (aquela que condiz com as suas crenças e ideologias). Em vista disso, vejo realizar-se a atribuição do estigma da maneira como também postula Goffman ([1963] 2004): durante o contato interacional misto entre pole dancers e o público conservador, há uma quebra de expectativas desse público devido à incongruência entre a “identidade social virtual” daquela mulher que é pole dancer - aquela projetada/esperada para ela pelos conservadores - e a sua “identidade social real” - as características identitárias que demonstra possuir em sua performance.

Antes mesmo que Patrícia terminasse a reprodução do que seria o questionamento da sogra, na linha 26 eu emito uma avaliação negativa do acontecimento narrado. A minha reação avaliativa “[Hhh . . . o AUGE]” combina uma risada a um comentário enfatizado em fala bem mais alta, o que intensifica a sua carga dramática (LABOV, 1972) na interação. No contexto aqui, o uso da gíria “o AUGE” juntamente do riso avalia o que foi dito no âmbito do inacreditável, em um sentido negativo do termo, construindo meu afeto de choque e de incômodo em relação à justificativa dada pela sogra. Portanto, entendo essa minha avaliação como uma crítica do posicionamento desta sogra, sinalizando, mais implicitamente, a minha discordância dele, a qual estará em alinhamento com a também discordância de Patrícia, elaborada em suas próximas falas na narrativa.

Diante da condenação feita acerca da rápida passagem da “candidata à pole dancer” na atividade, Patrícia comenta sobre os efeitos emocionais provocados na menina durante todo o ocorrido. Vemos que a realização da aula experimental gerou afetos intensificados de felicidade e satisfação na aluna, pois a deixou “super feliz”, “muito feliz” e “muito empolgada” (linhas 19 e 28-29), impulsionando seu interesse para seguir na prática do pole dance (“falando que ia querer fazer e num sei que” - linhas 19-20), o que nos dá a entender que ela gostou bastante da experiência. Todavia, na percepção de Patrícia, esses afetos positivos são transformados em um forte afeto negativo de infelicidade (“ela ficou triste” - linha 28), sentimento provavelmente resultado da decisão, quase que “por obrigação”, de desistência do pole dance devido à influência da sogra.

Ainda nesse trecho, chama a atenção o comentário que a professora faz sobre esta desistência repentina da aluna. Quando Patrícia diz que a menina “deixou com que a opinião de um- terceiros influenciassem numa escolha dela, pra vida dela, que ela sempre quis fazer (.)” (linhas 29-32), esta fala me parece estar em um tom de crítica, como um julgamento negativo da atitude da aluna de desistir de algo que era muito desejado (“sempre quis fazer”) por se deixar levar pela interferência externa, o que sinaliza a não concordância da pole dancer com tal decisão. Analisando nos termos do Sistema de Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005), esse julgamento negativo pode ser lido como de tenacidade, ou seja, sugerindo uma possível falta de determinação/disposição da aluna para fazer valer uma “escolha dela, pra vida dela” (linhas 31-32).

Vale observar que as ênfases paralinguísticas em “a sogra” (linha 21) e “terceiros” (linha 30) colaboram para indicar o descontentamento da professora não só com essas intromissões alheias, mas também com o tipo de importância que foi dada pela aluna a tais invasões de privacidade. Sendo assim, vejo aqui a construção implícita de uma performance identitária “não-agentiva” ou “não-autônoma” para esta aluna, uma vez que ela aceitou a interferência externa em seu processo decisório ao invés de, como já sugerido, permanecer firme e reafirmar sua vontade de ficar no pole dance. Perante o exposto, por meio do meu “com certeza”, na linha 33, sinalizo a minha grande concordância com as avaliações feitas por Patrícia, me colocando alinhada a seus posicionamentos ao longo de toda a narrativa.

Patrícia expande seu afeto de descontentamento com o “caso da sogra” reagindo por meio da avaliação “é complicado né” (linha 34), seguida da retomada de sua tese do que seria o “elemento propulsor” para tanto preconceito: o pensamento conservador. Aqui, a sua nova escolha léxicogramatical (HALLIDAY, 1994) para classificar tal visão é “essa mente fechada” (linha 35) que, junto da repetição da expressão enfatizada “muita gente ainda vê” (linha 34), constrói um julgamento da incapacidade desse público externo de se desprender da visão retrógrada sobre o pole dance e de aceitar a legitimidade desta prática artística-esportiva.

A pole dancer vai então trazer mais um exemplo de atitude invasiva que é pautada no e reforça um outro estigma (GOFFMAN, [1963] 2004) atribuído ao pole dance: “só serve para agradar aos homens”. Entre as linhas 34 e 47, Patrícia descreve o caso de várias pole dancers que recebem, inesperadamente, fotos de homens pelados ao divulgarem sua prática nas redes sociais, o que demonstra ser consequência de um olhar estereotipado e equivocado sobre a atividade. A meu ver, isso pode dever-se ao fato de que muitos homens enxergam toda e qualquer manifestação do pole dance como destinada ao entretenimento masculino, talvez por relacioná-las às suas raízes dos stripclubs, onde o direcionamento principal é, de forma mais geral, esse mesmo. Todavia, independentemente do contexto de prática do pole dance, não há justificativa aceitável para esse tipo de abordagem grosseira e invasiva, tanto que é avaliada negativamente por Patrícia em três instâncias: i) os homens que fazem tal coisa são julgados como “sem noção” (linha 37), o que considerado em um nível de sanção social pode se referir a caracterização de um comportamento não-ético, ruim e aqui até maldoso; ii) ao dizer que “isso é muito chato” (linhas 37-38), vejo o afeto, duplamente acentuado, de insatisfação da participante, indicando que desaprova a atitude descrita e iii) Patrícia acredita que a tal atitude invasiva tem relação direta com a educação (ou a falta desta) dessas pessoas (linhas 38-39).

Refletindo sobre como nós pole dancers podemos lidar com a situação de assédio descrita, nas linhas 39 a 53, Patrícia elabora um posicionamento bem assertivo em defesa da nossa prática e de nossas colegas e é nesse momento que vejo a intensificação de um projeto identitário agentivo e autoconfiante seu, o qual já tinha sido performado “mais sutilmente” antes. Para a pole dancer, parece ser

necessário que nós tenhamos uma atitude de impor a legitimidade do nosso espaço e de garantir a tranquilidade para postar as nossas fotos, não permitindo qualquer tentativa de invasão deste âmbito particular, o que evidencia, em sua fala, uma ação de enfrentamento e resistência a essas condutas ofensivas, decorrentes das estigmatizações já comentadas. Durante toda esta sua fala avaliativa, vejo manifestado tanto um afeto graduado de segurança, justamente na firmeza para a preservação do nosso espaço (“[...] a gente impõe tipo vou postar sim as minhas fotos [...]” – linhas 39-42), como também afetos de insatisfação e de raiva, realçados, no que tange às violações desse nosso espaço (“[...] se você não entende que você não pode invadir o meu espaço [...], se não vai entender por bem, vai entender por mal [...]” – linhas 42-47). Em última instância, percebo que este posicionamento avaliativo da pole dancer está em alinhamento com e reverbera a sua “máxima” enfatizada anteriormente de que “>ninguém tem nada a ver com isso<” (linha 15).

Chegando ao encerramento de sua narrativa, a participante sumariza e ressalta a real necessidade (“enfim (.) é sobre realmente falar” - linha 49) de não só assegurarmos o nosso espaço, mas de, principalmente, exigir que sejamos respeitadas enquanto pole dancers. Patrícia afirma que, diante das situações estigmatizantes, devíamos nos colocar dizendo “não, a gente tá aqui, a gente faz isso, a gente continua merecendo respeito (.) por fazer pole dance [...]” (linhas 49-52), reforçando seu posicionamento assertivo que defende e legitima a nossa prática da atividade. Ao utilizar a expressão enfatizada “continua merecendo”, fica claro que não é porque somos pole dancers que podemos ser desrespeitadas, estabelecendo uma crítica à relação preconceituosa de causa-efeito “é pole dancer, logo, vulgar, logo, trato como quiser”. Assim sendo, Patrícia complementa com a justificativa de que o pole dance “é uma opção e... é uma atividade física como (.) qualquer outra, só mais legal” (linhas 52-53), avaliando-o por meio de uma apreciação de reação positiva (WHITE, 2004) que tenta normalizar a prática da atividade e enaltecê-la como mais divertida que outras. Patrícia e eu concordamos então que, por ser uma atividade normal como as demais, o pole dance e suas

praticantes devem ser respeitadas da mesma maneira que as outras atividades e seus atletas/artistas são (linhas 49-55).

Após observar algumas escolhas léxicogramaticais da narrativa de Patrícia, destaco quatro delas utilizadas para referenciar o que reconheço como dois grandes grupos identitários os quais podem ser entendidos como dispostos em “contraste”. A participante faz uso da expressão “muita gente” (linhas 07 e 34) e da palavra “terceiros” (linha 30) para designar este público externo que constitui o extragrupo (DUSZAK, 2002) de “críticos” ao pole dance, isto é, aqueles que se colocam contra a atividade e que por meio de seus comentários preconceituosos fomentam e perpetuam a estigmatização dela. Em relação ao uso do pronome “você”, este pode estar atrelado tanto aos críticos já mencionados (“se você não tá feliz com isso você se retira” – linhas 41-42), quanto aos “homens sem noção” que enviam os nudes (“se você não entende que você não pode invadir o meu espaço porque eu postei uma foto [...]” – linhas 42-47) e, por isso, considero todos os referenciados pelo “você” como inseridos neste extragrupo, dado que suas atitudes também corroboram para o efeito de descrédito relegado ao pole dance. Percebo que, ao longo da narrativa de Patrícia, este extragrupo é construído negativamente, de forma implícita e explícita, pois, como já vimos, são avaliados e caracterizados como antiquados, intolerantes, “sem noção” e invasores da privacidade alheia.

Baseada nas contribuições de Duszak (2002) e Snow (2001), temos que a formação desse extragrupo constitui um senso de “os outros” ou “eles”, os quais são construídos em “oposição” a um senso de “nós”, aqui sendo o intragrupo das pole dancers. Isto quer dizer que o grupo dos “estigmatizadores” se encontra distanciado das pole dancers, enquanto que Patrícia parece desejar que estas se filiem, por uma relação de solidariedade e de pertencimento ao intragrupo (DUSZAK, 2002), a qual irá conceber e manter esse senso de “nós”. Nesse sentido, vejo que esta identificação coletiva (SNOW, 2001) do intragrupo é construída para as pole dancers a partir do repetitivo uso do “a gente” (linhas 49-50), expressão que não só localiza a nossa comunidade, como também introduz “pedidos” para uma movimentação contra-hegemônica de nossa parte. Quando Patrícia sugere que a gente precisa impor o nosso espaço (linhas 42-43) e afirmar que “a gente tá aqui, a gente faz isso, a gente continua merecendo respeito (.) por fazer pole dance” (linhas 49-52), compreendo que ela está propondo

que desempenhemos uma agência coletiva (SNOW, 2001) para combatermos e resistirmos à estigmatização que nos é atribuída. Desta maneira, por meio de um alinhamento intragrupal (GOFFMAN, [1963] 2004) junto da performance de agência coletiva, podemos rebater as críticas negativas do extragrupo e nos posicionarmos em prol da nossa causa - legitimar a nossa prática do pole dance e exigir respeito.

Diante disso e ainda com a complementação de que o pole dance é uma atividade comum só que mais divertida, acredito que toda a elaboração narrativa de Patrícia pode ser lida como uma proposta de desaprendizagem (FABRÍCIO, 2006) dos significados estigmatizantes sobre a nossa dança-esporte, já trazendo a construção do pole dance por uma luz favorável (GOFFMAN, [1959] 2002) que será mais focalizada em outros momentos da entrevista, a exemplo do excerto 6 analisado mais adiante. Vale ressaltar que, nessas últimas falas, também percebo a construção de uma imagem positiva para nós pole dancers, afirmando a nossa agentividade e nossa segurança em relação ao que somos e ao que fazemos (“a gente tá aqui, a gente faz isso”).

Na sequência, analiso os excertos 2, 3, 4 e 5 da entrevista feita com Bianca que se relacionam à temática desta seção. No que tange ao contexto anterior à pergunta de abertura do excerto 2, abaixo, eu tinha questionado a participante a respeito do significado que o pole dance tinha em sua vida, trecho este que será analisado mais adiante no excerto 7. Encerrada a sua narrativa que define o pole dance pela ótica de uma praticante, perguntei sobre as dificuldades que Bianca possa ter tido com a ou na atividade (linhas 01-03). Diante do questionamento, Bianca reelabora suas experiências em narrativas breves de fatos habituais (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008) que expõem a estigmatização da dança-esporte e das praticantes (GOFFMAN, [1963] 2004), como veremos tanto no excerto 2, a seguir, quanto nos subsequentes excertos 3, 4 e 5, mais adiante.

4.1.3

Excerto 2 – “as pessoas têm um pouco de preconceito [...] e acham que eu sou algum tipo de stripper né?”

01	Lorena	é: (.) e você enfrentou alguma dificulda:de
02		é: tanto no pole quanto em relação ao pole
03		(.) na sua vida?
04	Bianca	(1.0) ah, acho que sempre que eu falo (.) que
05		eu faço pole as pessoas têm um pouco de
06		preconceito (.) e agem (.) como se eu fosse
07		tipo- e <u>acham</u> que eu sou algum tipo de
08		<u>stripper</u> né? que eu danço em algum tipo de
09		<u>boa:te</u> é: e acho que as pessoas não têm uma
10		percepção de que isso: (.) não é- <u>só</u> strip né
11		de que o pole não é só strip
12	Lorena	sim
13	Bianca	é: apesar de ter começado aí [...]

A pole dancer começa com uma pequena pausa (linha 04), o que pode indicar uma certa hesitação na escolha do acontecimento a ser narrado para o tema “dificuldades”, até que inicia sua fala dizendo “acho que sempre que eu falo (.) que eu faço pole as pessoas têm um pouco de preconceito” (linhas 04-06). Nesta fala, Bianca decide destacar um aspecto corriqueiro para pole dancers, isto é, que enquanto praticante ela é vítima de discriminações, já introduzindo seu julgamento negativo de sanção social (MARTIN, 2001) das abordagens estigmatizantes que vivencia: se é preconceito, logo, não é ético e é algo injusto. Ao utilizar o advérbio “sempre”, ela gradua esta avaliação acentuando que se trata de um fato recorrente nas suas interações, ao mesmo tempo que, por outro lado e a princípio, suaviza a carga deste preconceito por meio da expressão “um pouco”.

Entendo que a possível motivação para tal preconceito vem do costume de muitas pessoas considerarem todo o pole dance como sinônimo do striptease praticado nos stripclubs (provável local de origem da atividade), uma vez que este contexto já é rotulado negativamente como desviante (GOFFMAN, [1963] 2004) no senso comum conservador e, desta maneira, o seu estigma é automaticamente direcionado aos outros contextos de prática do pole dance. É o que parece se considerarmos que há uma extensão da avaliação sobre o preconceito na fala seguinte “acham que eu sou algum tipo de stripper né? que eu danço em algum tipo de boa:te” (linhas 07-09), em que a repetição de “algum tipo” sinaliza a inserção, pelo público referido, da prática artística-esportiva de Bianca justamente no mundo dos stripclubs e, portanto, também a construindo identitariamente como uma stripper.

Nesse sentido, Bianca avalia a reação externa que caracteriza de preconceituosa como fruto da falta de percepção dessas pessoas (linhas 09-11) acerca da pluralidade do pole dance, materializando, a meu ver, um julgamento negativo da capacidade desse público de compreender que há diferentes manifestações desta atividade (conforme apresentado na seção 3.3.1). Diante disso, a participante compartilha do posicionamento de que as origens do pole dance estão ligadas às casas noturnas e ao striptease (HOLLAND, 2010), mas também reitera, com ênfase, que ele “não é só strip” (linha 10), sinalizando exatamente esse desconhecimento habitual do público leigo e ao mesmo tempo afirmando a existência das diversas vertentes desta dança-esporte (GONÇALVES, 2017; LEAL E SILVA, 2016), o que me faz concordar com o seu ponto de vista (“sim” - linha 12).

Vale comentar que pelo tom de voz elevado somado à repetição de que “o pole não é só strip” (linhas 10-11), percebo aqui o reverberar, mais implicitamente, de seus afetos: i) consigo ver a expressão de um afeto positivo de segurança, pois ela soa como muito segura e certa de suas declarações, dado que, por ser pole dancer, sabe do que está falando e ii) vejo um afeto de insatisfação (MARTIN; WHITE, 2005) com essa “tendência” de reduzirem o pole dance a apenas uma interpretação (ponto que será retomado por Bianca mais adiante), sendo esta comumente a do “striptease”. De fato, a própria escolha anterior pela palavra “preconceito” para avaliar o evento narrado já pareceu indicar esse afeto de insatisfação (ou até mesmo de infelicidade) devido à carga semântica negativa da palavra, que por sua vez foi selecionada para responder a uma pergunta sobre “dificuldades” - outro termo que também carrega um teor semântico mais para o polo negativo.

Uma vez que Bianca abordou a questão do preconceito em nossa prática na narrativa breve apresentada no excerto 2, aproveito para perguntá-la, no excerto 3 abaixo, acerca da relação que estabeleceu deste aspecto com o pole dance e sobre algum episódio que possa ter vivido neste âmbito (linhas 14-19).

4.1.4

Excerto 3 – “acho que essa questão do preconceito tá muito atrelada a uma ignorância”

14	Lorena	e: você já teve- já sofreu preconceito?
15		fazendo pole né, se expondo enfim, seja
16		virtualmente ou pessoalmente e o que que você
17		acha dessas questões (.) da relação do pole e
18		o preconceito né, essa- esses dois pontos que
19		você já tinha conectado
20	Bianca	ah eu acho que essa questão do preconceito tá
21		muito atrelada a uma ignorância né? do tipo:
22		(.) a pessoa já ouviu falar de pole na vida,
23		mas a maneira (.) como a pessoa ouviu falar
24		era uma maneira... que não era (.) toda a
25		<u>verdade</u> (.) daquele esporte daquela: da
26		atividade e ela tomou aquilo como a única
27		verdade, a <u>única história</u> sabe? então acho
28		que <u>vem atrelado</u> de uma certa <u>ignorância</u> (.)
29		pra <u>complexidade</u> da coisa e é eu já sofri
30		preconceito né mas- não uma coisa diretamente
31		<u>falada</u> , mas aquele: aquele comentário típico
32		do tipo "a:h faz o meu pau de pole" é: coisas
33		do tipo né do tipo: (.) <u>falas preconceituosas</u>
34		e: como é que é aquela palavra pra quando a
35		pessoa diminui aquilo que você faz?, esqueci
36		a palavra
37	Lorena	menospreza? (.) menospreza?
38	Bianca	é: tipo: é [tipo um menosprezo assim]
39	Lorena	[desdenhar?]
40	Bianca	desdenhar é: como se fosse- não era exatamente
41		essa a palavra, mas (.) <u>tornar</u> aquilo uma
42		coisa <u>pequena</u> e uma coisa: <u>fútil</u> e uma
43		[coisa:]
44	Lorena	[inferiorizar?]
45	Bianca	[meramente:] (.) inferiorizar, inferioriza:r
46		(.) o que a gente faz sabe
47	Lorena	entendi
48	Bianca	é: (.) sim, é isso (.) virtualmente eu nunca
49		sofri nenhum preconceito

A partir da minha pergunta, a pole dancer prossegue em sua nova narrativa breve (GEORGAKOPOULOU, 2006) pontuando que essa questão do preconceito “tá muito atrelada a uma ignorância” (linhas 20-21). Por esta fala da participante, entendo que a leitura do preconceito conectada à ignorância traduz-se em um julgamento negativo intensificado (“muito”) de tenacidade - as pessoas parecem não estar determinadas a ou interessadas em se esclarecerem acerca da modalidade que praticamos, o que acaba resultando nas rotulações construídas nas avaliações preconceituosas a seu respeito (ALVES; NÓBREGA, 2020), conforme veremos mais à frente. Na visão da pole dancer, a justificativa em que baseia tal

ignorância viria do tipo de informação deficiente que o público leigo recebe acerca da nossa prática.

Entre as linhas 22-26, quando Bianca comenta que “a pessoa já ouviu falar de pole na vida”, mas de uma maneira “que não era toda a verdade”, ela avalia o tipo comum de transmissão de informações sobre o pole dance por meio de um julgamento negativo de veracidade (MARTIN; ROSE, 2007), ou seja, ela questiona a credibilidade dessa versão “mais popular” - a estigmatizante - disseminada pelas pessoas, além de afirmar, com veemência, que esta não é “a única verdade, a única história” (linhas 26-27) sobre a nossa atividade. Além disso, é interessante analisar a escolha pelo uso, em repetição, da expressão “ouviu falar” (linhas 22-23) que me parece ter o sentido quase que de um “rumor”, como se a pessoa tivesse “ouvido por alto” algo a respeito do pole dance, não garantindo que aquela informação fosse confiável, coerente com a realidade da dança-esporte e que tenha vindo de uma fonte que entenda do assunto.

Destaco, ainda nesse trecho, o julgamento negativo realçado presente na fala “ela tomou aquilo como a única verdade, a única história sabe?” (linhas 26-27), por meio do qual entendo ser construída uma crítica ao estabelecimento e à manutenção de “verdades universais” e “imutáveis” (FABRÍCIO, 2006), ainda mais quando essas proposições costumam ser as estereotipadas, o que é fácil de se encontrar em discursos a respeito do pole dance. Nesse sentido, me parece que Bianca, em seu julgamento, avalia a existência e a disseminação dessa “única história” estigmatizante como algo injusto, uma vez que reduz a atividade a uma única concepção, excluindo, assim, toda a sua gama de possibilidades interpretativas. Considerando a progressão dos seus julgamentos negativos na narrativa, percebo aqui a retomada da construção institucionalizada de seus afetos de infelicidade/insatisfação (MARTIN, 2001), os quais reforçam seu sentimento de desaprovação dessas visões reducionistas e preconceituosas a respeito da modalidade que pratica. Como não é difícil de se imaginar, esses afetos negativos implícitos de Bianca estarão presentes em todas as suas críticas realizadas ao longo de seu relato.

Bianca então encaminha um fechamento para essa pequena narrativa reiterando a sua tese inicial da relação direta (“vem atrelado” - linha 28) entre

atitudes preconceituosas e ignorância, o que destaca bem o ponto (LABOV, 1972) que desejou elaborar aqui. Ao dizer que trata-se de “uma certa ignorância (.) pra complexidade da coisa” (linhas 28-29), compreendo que há uma oposição avaliativa estabelecida entre “ignorância” - atributo negativo associado ao público leigo - e “complexidade”, termo utilizado para apreciar positivamente o mundo do pole dance no que tange à sua composição (MARTIN; ROSE, 2007; WHITE, 2004): é um contexto multifacetado, heterogêneo e que tem a sua profundidade.

A partir de suas avaliações formuladas até agora, infiro que Bianca constrói negativamente o público leigo ao qual se refere como sendo pessoas preconceituosas e ao mesmo tempo ignorantes, dado que ela estabelece uma relação direta entre esses dois atributos. Conforme já analisado, essa ignorância/preconceito viria da dificuldade e/ou desinteresse dessas pessoas em não reproduzirem as noções estereotipadas sobre o pole dance e tomá-las como “a única história”. Por outro lado, é possível considerar que, de uma forma mais implícita, Bianca acaba se construindo aqui como aquela que entende do assunto, a que pode e vai esclarecer o outro, além de se colocar também como uma pessoa crítica, que questiona as generalizações e interpretações equivocadas feitas pelo público leigo no que tange à nossa prática. Neste sentido, é como se Bianca tivesse se construído identitariamente por uma relação de distanciamento e “oposição” (DUSZAK, 2002) a esse outro “ignorante/preconceituoso”, já que não compartilha dos posicionamentos desse extragrupo, uma vez que os desaprova.

Dando continuidade à reelaboração de suas experiências (BASTOS, 2005; BRUNER, 1997), Bianca começa a relatá-las em uma nova narrativa breve, a qual responde, de forma mais direcionada, à minha pergunta sobre episódios de preconceito vividos. A pole dancer compartilha, outra vez, que já sofreu preconceito, só que “não uma coisa diretamente falada, mas aquele comentário típico do tipo ‘a:h faz o meu pau de pole’ é: coisas do tipo né” (linhas 30-33). Nesta fala, é curioso a contradição que surge do fato de Bianca colocar, com ênfase, que o preconceito não foi “diretamente” falado, mas logo em seguida se referir a um “comentário”, trazendo-o ainda em discurso reportado para exemplificar a situação narrada, o qual inclusive acentua a carga dramática de sua narrativa (LABOV; WALETZKY, 1967; LABOV, 1972). Deste modo, vemos que a atitude avaliada pela participante como

preconceito foi, de fato, verbalizada e direcionada a ela. Refletindo ainda sobre a escolha de que não foi “uma coisa diretamente falada” (linhas 30-31), tenho a impressão de que a participante talvez não tenha caracterizado a fala, neste momento, como preconceito “totalmente explícito” por não se tratar de uma avaliação negativa direta sobre o pole dance ou suas praticantes, a exemplo dos típicos julgamentos explícitos “isso é coisa de puta”, “isso é muito vulgar”, dentre outros. Todavia, veremos que ela reformulará mais adiante essa sua avaliação da tal fala reportada.

Ao qualificar o discurso reportado como comentário “típico”, entendo que Bianca o avalia por meio de um julgamento de estima social (MARTIN, 2001) indicando a “normalidade” desse tipo de comentário, no sentido de que é comum e/ou recorrente - arrisco dizer para muitas pole dancers - recebermos abordagens do gênero, que pressuponho que desejam soar como algum tipo de “cantada”. Considerando o conteúdo em si da fala reportada, temos que o “comentário típico” é aquele em que homens enxergam a barra de pole dance como um objeto fálico e por isso fazem associação dela a seus pênis. Em vista disso, acredito que esse comentário deve basear-se na visão estigmatizada (GOFFMAN, [1963] 2004) do pole dance como direcionado ao divertimento masculino, da mesma maneira que vimos no excerto 1 da conversa com Patrícia em seu exemplo dos “homens sem noção” que mandam nudes para nós. Apesar de ter parecido atenuar, mais uma vez, o nível de um episódio de preconceito dizendo aqui que não foi “uma coisa diretamente falada” (linhas 30-31), em um segundo momento Bianca reavalia o discurso reportado, intensificando o tom de voz, como “falas preconceituosas” (linha 33), o que marca, a partir de um forte julgamento negativo de sanção social, o sexismo do comentário reportado e, em determinadas situações, o caráter assediador que ele pode ter.

Na sequência, a participante inicia um processo de expansão de sua avaliação das falas/attitudes preconceituosas, nos mostrando como ela entende o sentido sociointeracional que essas atitudes têm para nós pole dancers. Todavia, é interessante observar, em nossa interação, que ao direcionar uma pergunta a mim (linhas 34-35), Bianca me convida a coavaliar o evento narrado, construindo assim um envolvimento maior com a sua audiência (RIESSMAN, 2008), o qual é discursivamente marcado pelo uso inclusivo/coletivo do pronome pessoal “você” e

pela formulação da pergunta em si. Desta maneira, a partir da minha inclusão em sua fala, Bianca e eu elaboramos uma performance narrativa (BAUMAN, 1986) em colaboração (i.e., de forma conarrada³² [GARCEZ, 2001]) na qual coconstruímos e negociamos os significados avaliativos propostos (THOMPSON; ALBA-JUEZ, 2014; LINDE, 1997) em uma troca interacional dinâmica marcada por sobreposição de falas.

Entre as linhas 34 e 46, vemos Bianca procurar um termo que melhor expressaria a identificação do comportamento avaliativo do público referido - o extragrupo (DUSZAK, 2002) - ao longo de todo o seu relato. Diante da sua dúvida manifestada em “como é que é aquela palavra pra quando a pessoa diminui aquilo que você faz?” (linhas 34-35), desenvolvemos a negociação das avaliações a partir da minha sugestão de alguns significados, os quais são validados e/ou refutados pela minha colaboradora. Primeiramente, ressalto as nossas principais escolhas léxicogramaticais (HALLIDAY, 1994) verbais: diminuir; menosprezar; desdenhar e inferiorizar. Observando a disposição desses verbos na narrativa, percebo que eles encadeiam uma progressão semântica negativa a qual vai se intensificando em uma ordenação decrescente no excerto e que termina com Bianca ratificando a palavra de maior teor negativo - inferiorizar.

Em segundo lugar, no trecho das linhas 40 a 43 notamos que a participante também propõe os qualificadores (LABOV, 1972) “pequena” e “fútil” - realçados em voz mais alta - que se concatenam aos verbos apresentados na composição deste tom geral negativo das avaliações que são feitas acerca da nossa atividade. Isto quer dizer que todas as escolhas léxicogramaticais presentes em nossa conarração (GARCEZ, 2001), tomadas em separado ou em conjunto, constroem uma apreciação negativa (MARTIN; WHITE, 2005) da prática do pole dance, colocando-a em um lugar de insignificância e superficialidade, bem como atribuindo-a um grande efeito de descrédito (GOFFMAN, [1963] 2004).

Atentando-me mais especificamente aos significados propostos por Bianca nas linhas 41 e 42, quando sugere que a avaliação do público leigo deseja “tornar aquilo [que você faz] uma coisa pequena e uma coisa: fútil”, destaco o sentido criado pelo uso do “tornar” somado aos qualificadores: estes

³²Aqui podemos ver, de maneira bem explícita, o fato que Garcez (2001, p. 208) sinaliza de que “contar uma estória é sempre dizer coisas para alguém, mas sempre em co-operação com alguém”.

expressam um movimento de supressão de qualquer valor positivo e de importância que o pole dance tem e, assim como antes, posicionam a nossa prática no terreno da mediocridade. Nesta perspectiva, Bianca sintetiza todos esses significados pontuando que, de fato, o que as apreciações negativas fazem é “inferiorizar, inferioriza:r o que a gente faz sabe” (linha 45-46). Da mesma maneira que foi feito nas linhas 34-36, aqui Bianca torna a coletivizar a avaliação, agora com a escolha do “a gente”, o qual reconheço incluir não só a mim, mas também às nossas outras companheiras praticantes da dança-esporte.

À luz das contribuições de Duszak (2002) e Snow (2001), tal qual analisado no excerto 1 da entrevista com Patrícia, sabemos que o uso do “a gente” por Bianca sinaliza a construção de identidades coletivas e um senso de “nós” que constitui e referencia a nossa comunidade de prática. A partir daí, entendo então que a tal inferiorização do pole dance culmina na marginalização (MOITA LOPES et al., 2006) do nosso intragrupo, uma vez que, ao praticarmos uma atividade considerada descredibilizada, somos julgadas e construídas identitariamente como desviantes e igualmente “desacreditáveis” (GOFFMAN, [1963] 2004). Tendo em vista que a marginalização é um processo realizado por alguém, podemos inferir que há aqui também uma construção mais implícita daqueles que nos estigmatizam, já anunciados anteriormente como preconceituosos-ignorantes. Deste modo, é possível conceber que o extragrupo (DUSZAK, 2002) de marginalizadores/estigmatizadores é construído como aqueles que devem se considerar superiores nesta relação hierárquica/de poder (BIAR, 2012) e, por isso, se julgariam no “direito” de inferiorizar/marginalizar o diferente - aquele cujo comportamento/performance não condiz com suas crenças e ideologias.

Visto que Bianca elaborou narrativas sobre o preconceito praticado pelo que estou entendendo como um público externo “mais desconhecido/leigo” - nos excertos 2 e 3 anteriores -, finalizando a primeira parte desse momento da conversa, aproveito para questioná-la se esse tipo de atitude já foi performada por pessoas do seu convívio familiar e de trabalho (linhas 50-52), como vemos no pequeno excerto 4 a seguir.

4.1.5

Excerto 4 – “se eu tive foi de uma forma meio velada assim”

50	Lorena	e: e em relação a familiares? você já teve
51		algum tipo de questão? ou em relação a (.)
52		ambientes de traba:lho?
53	Bianca	nã:o acho que talvez se eu tive foi de uma
54		forma meio <u>velada</u> assim (.) é: não chegou a
55		ser uma coisa <u>explícita</u> ninguém nunca também
56		da minha família ou (.) em ambientes de
57		trabalho chegou a falar nada sabe? é: (.) acho
58		que todo mundo ao meu redor respeitou muito a
59		minha decisão: (.) e viu que eu encarei aquilo
60		com <u>seriedade</u> sabe? então: (.) é
61	Lorena	entendi (.) beleza

Pela resposta da pole dancer, embora comece negando, ao utilizar uma dupla modalização seguida da condicional (“acho que talvez se eu tive [...] – linha 53), vejo que ela parece não ter certeza se vivenciou algo do gênero em contextos mais próximos, provavelmente porque, caso tenha ocorrido, “foi de uma forma meio velada assim [...]” (linhas 53-54). Por esta avaliação atenuada, novamente por modalização (“meio” e “assim”), compreendo que a participante não adiciona uma carga de importância e/ou de destaque a situações mais implícitas de preconceito (mesmo sendo atitudes preconceituosas de qualquer maneira), diferentemente do que fez nos eventos mais explícitos relatados antes. No trecho das linhas 57-60, Bianca formula uma justificativa para este fato narrado, com avaliações positivas de satisfação, pontuando que todo mundo ao seu redor “respeitou muito” a sua decisão por verem a seriedade envolvida nela. Em vista disso, a partir de um autojulgamento positivo de tenacidade (MARTIN, 2001), a pole dancer se constrói como alguém responsável e comprometida com a atividade que escolheu fazer, o que também traduz-se na esfera do afeto pela confiança e segurança que aparenta sentir em relação ao que faz.

Em uma segunda parte da nossa conversa, ocorrida logo em sequência aos excertos acima, proponho à Bianca uma discussão sobre o ato de se expor como pole dancer e pergunto se ela é adepta ou não a tal prática (linhas 62-65). O excerto 5, abaixo, traz a sua narrativa acerca do tema proposto.

4.1.6

Excerto 5 – “eu fico: um pouco: com receio sabe? do que vão fala:r, do que vão pensa:r”

61	Lorena	entendi (.) beleza! é: eu queria saber o que
62		que você acha de se <u>expor</u> (.) enquanto pole
63		dancer? e se você se <u>expõe</u> (.) seja
64		pessoalmente ou virtualmente:
65	Bianca	eu me exponho, é claro que eu me exponho (.)
66		eu <u>adoro</u> me expor [Hhh]
67	Lorena	[Hhh adoro]
68	Bianca	[Hhh] ma:s eu acho que eu
69		não me exponho <u>tanto</u> quanto eu poderia, eu às
70		vezes eu fico um pouco: principalmente se eu
71		vou usar roupas que <u>podem ser</u> consideradas
72		<u>vulgares</u> eu fico:... não chega a ser tímida,
73		mas eu fico: um pouco: <u>com receio</u> sabe? do
74		que vão fala:r, do que vão pensa:r sabe tipo:
75		acho que talvez até <u>eu</u> tenho até um pouco de
76		preconceito com isso (.) né? tipo quando eu
77		vejo outras pessoas fazendo eu <u>não tenho</u> , mas
78		aí (.) se sou eu que vou fazer eu me pergunto
79		<u>dez mil</u> vezes antes "ai, boto <u>mesmo</u> (.) essa
80		calcinha enfiada no cu?", mas- <u>várias</u> vezes
81		eu também vou lá e <u>faço</u>
82	Lorena	[entendi]
83	Bianca	[sabe tipo:] é: pra eu também não ficar dando
84		tanto ouvido pra <u>essa voz</u> que eu não acho que
85		(.) seja <u>válida</u> sabe?
86	Lorena	concordo

De início, Bianca responde positivamente ao questionamento e adiciona maior dramaticidade (LABOV, 1972) à pequena história (GEORGAKOPOULOU, 2006) que irá elaborar, ao ressaltar sua afirmação com a repetição tripla do verbo “expor” conectadas ao “adorar” e à expressão “é claro” (linhas 65-66). Aqui já vemos a manifestação de um forte afeto de felicidade expressando o quanto a pole dancer gosta de expor a sua prática, afeto este que também é compartilhado por mim no alinhamento que estabeleço com minha interlocutora (“Hhh adoro” - linha 67). Todavia, logo em seguida, noto que a participante contrasta (“ma:s” - linha 68) esse afeto positivo produzindo uma série de avaliações negativas, as quais compõem a sua justificativa acerca das problemáticas enfrentadas no que tange ao tema abordado pela minha pergunta.

Bianca já começa realizando um autojulgamento no momento em que diz “eu não me exponho tanto quanto eu poderia” (linhas 68-69), o que, a meu ver, parece indicar a não-normalidade (MARTIN; ROSE, 2007) dessa situação para ela, dado que, em primeiro lugar, expressou anteriormente ter vontade e bastante prazer pela exposição (linhas 65-66), além de, obviamente, ter o seu livre

arbítrio para praticá-la quando deseja (“eu poderia”). Conforme a pole dancer nos informa, esse controle que faz da apresentação de seu *self* (GOFFMAN, [1959] 2002) (será mais detalhado adiante) é devido ao certo receio (“um pouco: - linha 73) das avaliações externas as quais estará submetida (“do que vão fala:r, do que vão pensa:r” - linhas 73-74), provavelmente por saber que têm chances de várias delas serem negativas, como no caso do tipo de vestimenta que utiliza no pole dance. Ao mencionar o tal receio quando vai “usar roupas que podem ser consideradas vulgares” (linhas 71-72) - i.e. roupas apreciadas negativamente como inadequadas e “indecentes” - entendo que esse sentimento constrói afetos de insegurança da participante por estar preocupada com o “tipo” de informação social (GOFFMAN, [1963] 2004) que irá veicular e, principalmente, com as reações externas geradas sobre ela.

A partir daí, é interessante analisar que Bianca elaborará, ao longo de sua narrativa, uma autocrítica da forma que lida com as decisões de se expor ou não e de como realizá-la. A participante compartilha ter um determinado “preconceito” com certos aspectos da exposição, mas também faz questão de enfatizar logo - através de um autojulgamento positivo no nível da ética (MARTIN; ROSE, 2007) - que isso não se aplica a suas avaliações das performances de outras pole dancers (“quando eu vejo outras pessoas fazendo eu não tenho [preconceito] - linha 76-77). Por outro lado, a problemática se concentra na avaliação da própria exibição, fazendo com que ela acione, por (in)segurança, mecanismos altamente cautelosos de controle da sua imagem: “eu me pergunto dez mil vezes antes ‘ai, boto mesmo essa calcinha enfiada no cu’ ?” (linhas 78-80). Entendo que esse questionamento se constitui por meio de uma avaliação moral (LINDE, 1997; OCHS; CAPPS, 2001) que Bianca reproduz a respeito da validade de se expor seminua, uma vez que, segundo os padrões normativos da sociedade, esse tipo de performance é rotulada negativamente, pelos “agentes morais”, como ruim e vulgar, pois envolve o que é tido como “exposição indevida e/ou inadequada do corpo”.

Nesse sentido, considerando o cogitar não colocar a calcinha fio dental e, principalmente, as instâncias em que efetivamente não colocou (caso tenha ocorrido), me levam a interpretar essas condutas da participante enquanto uma tentativa de encobrimento do estigma (GOFFMAN, [1963], 2004) que a seminudez

em si e o fato de ser uma pole dancer carregam. Isto quer dizer que, decidir não usar a calcinha fio dental pode ser lido como uma estratégia de manipular e atenuar o descrédito que a pole dancer já possui no senso comum conservador, além de tentar transmitir uma impressão de *self* mais favorável (GOFFMAN, [1959] 2002), podendo evitar assim receber os clássicos julgamentos negativos.

Vale retomar que todo este trabalho de monitoramento de sua exposição é atrelado ao certo “preconceito” que Bianca teria quando o que está em jogo é a avaliação da sua imagem. No que concerne a esta colocação da participante, analiso os seguintes pontos: i) acredito que esse autojulgamento de sanção social (MARTIN, 2001) nos mostra como Bianca reconhece que, em alguns momentos, acaba reproduzindo em suas ações o prescrito pelo discurso hegemônico, apesar de saber que isso gera um cerceamento de sua liberdade e que não vai de encontro a suas vontades e ii) talvez por notar que nessas situações ela está quase que em um alinhamento exogrupal (GOFFMAN, [1963] 2004) com um pensamento conversador, Bianca utiliza mecanismos discursivos de suavização do dito preconceito por meio do “acho que talvez” e “um pouco” (linha 75), o que colabora para uma construção de si, a meu ver, mais como uma pessoa apreensiva do que efetivamente preconceituosa.

Diante disso, ao final de sua narrativa, Bianca nos traz um posicionamento diferente, ressaltando que não se deixa levar por completo pelos pensamentos castradores de sua liberdade de expressão. Ao enfatizar, com léxico e prosódia intensificadoras, que “várias vezes eu também vou lá e faço” (linhas 80-81), a pole dancer se constrói positivamente tendo uma forte agentividade e com uma postura, a meu ver, subversiva, posto que, em muitos momentos, ela não se submete às imposições dos padrões normativos da sociedade e performa a sua exposição do jeito que deseja, no exemplo aqui colocando a “calcinha enfiada no cu” (linha 80). Ademais, a justificativa trazida nas linhas 83-85 (a qual me alinhio - linha 86) adiciona uma maior carga de potência à agentividade de Bianca, devido ao julgamento negativo que faz da validade dessa voz hegemônica, operando assim por uma lógica de confrontação e resistência aos discursos dos “agentes morais” (OCHS; CAPPS, 2001) (“eu não acho que [essa voz] seja válida” - linhas 84-85). Portanto, ao contrário da sensação de insegurança que aparentou expressar nos trechos anteriores, aqui essa chave é virada fazendo

com que Bianca manifeste afetos de segurança relativos aos seus firmes posicionamentos e performances identitárias.

Analisando de forma mais geral as colocações da participante neste excerto, percebo que há uma oscilação em suas performances identitárias, ora tendendo mais a uma “passividade” - quando se sente praticamente “coibida” e cogita não se expor livremente com o fio dental - e ora sendo mais agentiva, conforme foi detalhado no parágrafo acima. Nesta perspectiva, traduzindo este movimento para as relações de afiliações e distanciamentos de grupo (DUSZAK, 2002), considero que Bianca se vê em um conflito para decidir a qual grupo ela irá se filiar nas situações que envolvem a sua exposição: às pole dancers que usam a calcinha fio dental “versus” as que decidem não utilizar. De acordo com o que foi dito por ela, me parece que, a depender da situação, ela irá se filiar e se alinhar a um ou a outro grupo, nos mostrando a real possibilidade de coexistência de posicionamentos identitários múltiplos em um mesmo ser social (MOITA LOPES, 2001; HALL, 2005).

4.2 Ressignificando a prática do pole dance

Nesta segunda seção analítica, iremos ter acesso ao entendimento que as duas participantes têm acerca do que possa ser o pole dance e da representação que a atividade tem na vida delas. Como é possível de se imaginar, veremos a construção do pole dance por uma ótica favorável (GOFFMAN, [1959] 2002), completamente diferente e oposta à visão estigmatizada difundida pelo senso comum conservador, analisada na seção anterior.

Iniciando a seção pela conversa com Patrícia, o contexto prévio à minha pergunta do excerto 6, abaixo, dizia respeito a história da participante sobre como começou a fazer pole dance e por que decidiu fazer esta atividade em especial³³. Em seguida, sabendo que Patrícia tem uma longa trajetória no pole dance, na qual performou os papéis de aluna, monitora e chegando à regência de turmas, perguntei o significado que essa dança-esporte tem, então, em sua vida (linhas 01-04).

³³ Caso deseje conferir esta parte da entrevista/conversa, a transcrição se encontra no Anexo 3.

4.2.1

Excerto 6 – “você consegue atingir [aquilo] que parecia impossível”

01	Lorena	e: tendo hoje em dia né essa trajetória longa
02		no <u>pole</u> (.) eu queria saber o que que: ele
03		representa pra você? que que significa pra
04		você o <u>pole</u> (.) na sua vida?
05	Patrícia	(2.0) <u>nossa</u> que subjetivo [Hhh]
06	Lorena	[Hhh super]
07		subjetivo, trabalhamos com subjetividades=
08	Patrícia	=°caraca°
09	Lorena	como é que você vê?
10	Patrícia	ã: significa: desafi:o superaçã:o é: (.)
11		<u>surpresa</u> porque é-é <u>surpreendente</u> quando-
12		quando você vê o seu corpo respondendo às
13		paradas né que cê vê e fala “ <u>nossa</u> , isso aí
14		eu nunca vou fazer” e aí de repente você vê
15		que o seu corpo (.) te obedece em algum
16		momento e aí você <u>consegue</u> (.) fazer aquilo
17		você consegue atingir=
18	Lorena	=[total]
19	Patrícia	[aquilo] que parecia impossível então isso-
20		isso muda a sua perspectiva com relação a
21		muita coisa né porque um movimento que antes
22		você olhava e pensava que era <u>impossível</u> , que
23		seu corpo não tava <u>nem perto</u> de conseguir
24		fazer, uma hora ele consegue=
25	Lorena	=uhum
26	Patrícia	=então você vê que as coisas (.) talvez sejam
27		sim possíveis e aí: acho que é por aí (.) não
28		sei se eu te respondi
29	Lorena	respondeu, com certeza

Na linha 05, vemos que Patrícia faz uma pausa considerável antes de iniciar seu turno, o que pode indicar uma hesitação para formular a resposta e que parece manifestar a sua dúvida sobre o que dizer exatamente. Isso torna-se explícito quando ela efetivamente fala “nossa que subjetivo Hhh” (linha 05), produzindo uma forte avaliação de reação (MARTIN, 2001) à minha pergunta, que demonstra a complexidade de se definir o pole dance, como se houvesse uma dificuldade de se traduzir em palavras tudo que ele representa em sua vida. Diante da reação gerada, informo à minha interlocutora que me interessa, justamente, trabalhar “com subjetividades=” (linhas 06-07), isto é, desejo me posicionar em um lugar de escuta e entendimento das vozes e das histórias das minhas colaboradoras (MOITA LOPES, 1988 *apud* LEWIS, 2012), ao passo que Patrícia

ainda intensifica a carga de impacto que teve a minha pergunta, trazendo a avaliação “caraca” (linha 08) antes de elaborar a sua narrativa breve de eventos compartilhados (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008).

Analisando, de forma mais geral, o tom avaliativo da narrativa de Patrícia, percebo que ela constrói os seus posicionamentos a respeito do que seja o pole dance por meio de constantes julgamentos positivos de estima social no nível da capacidade (MARTIN; WHITE, 2005), os quais expressam o que a atividade proporciona ou acarreta aos comportamentos das praticantes em termos de suas realizações. A pole dancer começa elaborando uma definição metafórica na qual elenca três qualidades que serão associadas às vivências e às potencialidades do corpo durante a prática da modalidade: “desafi:o, superaçã:o é: (.) surpresa” (linhas 10-11). Pelo que será apresentado no detalhamento desses atributos no excerto e baseada nas reflexões de Holland (2010, p. 125), entendo que a forma como essas escolhas léxicogramaticais (HALLIDAY, 1994) foram posicionadas no discurso criou uma relação positiva de causa e consequência: as pole dancers são desafiadas e se desafiam na prática da atividade; elas têm momentos de superação das dificuldades encontradas nesses desafios; e como resultado desse combo “desafio + superação”, as praticantes vivenciam a emoção da surpresa ao verem que ultrapassaram os “obstáculos” e alcançaram os seus objetivos. Nesse sentido, creio que o desafio atua como uma força motriz para o desenvolvimento e reconhecimento desta capacidade do seu corpo, o que podemos inferir com base nas seguintes falas de Patrícia:

- “você vê o seu corpo **respondendo** às paradas” - linhas 12-13
- “você vê que o seu corpo (.) te **obedece** em algum momento” - linhas 14-15
- “e aí você **consegue** (.) **fazer** aquilo” - linha 16
- “você **consegue atingir**= [aquilo] que parecia impossível” - linhas 16-19
- “um movimento que antes você pensava que era impossível, que seu corpo não tava nem perto de **conseguir fazer**, uma hora ele **consegue**=” - linhas 21-24
- “então você vê que as coisas (.) talvez sejam **sim possíveis**” - linhas 26-27

Podemos perceber pelos exemplos acima que o efeito de sentido (HALLIDAY, 1994) criado por essas avaliações é o da conquista, a qual é materializada, principalmente, pelas escolhas verbais “responder”; “obedecer”; “conseguir fazer”; “conseguir atingir”, “conseguir” e pelo qualificador “possível”, reforçando que o corpo da pole dancer será, sim, capaz de realizar, de maneira gradativa (“em algum momento”; “uma hora” – linhas 15-16 e 24), os exercícios/movimentos propostos no pole dance. Conforme já introduzido, essa conquista é avaliada e ressaltada como “surpreendente” (linha 11), uma vez que ela virá mediante a superação dos desafios encarados na prática da atividade. Desta maneira, vejo também ser construído, de forma institucionalizada nos julgamentos, um afeto de satisfação das pole dancers por conseguirem não só ter (“você consegue (.) fazer aquilo” – linha 16), mas também reconhecer a sua potência realizadora e sua evolução na atividade (“você vê o seu corpo respondendo às paradas” - linhas 12-13). Diante disso, podemos inferir que o pole dance consegue ter um importante significado na vida dessas praticantes, pois como sinalizamos em Alves e Nóbrega (2020, p. 2194)

os julgamentos das potencialidades do pole dance acabam por avaliar o papel que ele tem na vida de sua comunidade, sendo este de grande significação por ser não apenas uma atividade física, mas algo que promove também a capacidade de um desprender-se de amarras, por exemplo, na consideração do corpo e das suas possibilidades.

Por outro lado, é interessante notar que, em termos da construção de avaliações negativas no excerto, vejo que essas se constituem pela reprodução de autojulgamentos de uma suposta “incapacidade” que as praticantes acreditavam ter entrelaçados a apreciações (MARTIN; ROSE, 2007) de uma também suposta “extrema complexidade” dos movimentos do pole dance, como podemos ver manifestados nos seguintes exemplos:

- “cê vê e fala ‘nossa, isso aí eu nunca vou fazer’” (linhas 13-14)
- “[...] [aquilo] que parecia impossível” (linha 19)

- “um movimento que antes você olhava e pensava que era impossível, que seu corpo não tava nem perto de fazer [...]” (linhas 21-24)

A meu ver, esses posicionamentos avaliativos expressam as crenças limitantes (“eu nunca vou conseguir fazer”) mais comuns de as pole dancers terem pelo menos no início de sua prática, crenças essas que, em muitas situações, podem advir de uma certa exacerbação que fazemos do nível dos desafios, seja por medo, insegurança, dentre outros motivos e afetos. Sendo assim, vejo que Patrícia reproduz essas crenças para então realizar uma crítica, as contrapondo às múltiplas asserções de que seu corpo consegue atingir as metas, gradativamente, e que, portanto, essas são alcançáveis (“você vê que as coisas (.) talvez sejam sim possíveis” - linhas 26-27). A partir daí, interpreto que o pole dance proporciona uma superação não só do que tange à realização prática dos movimentos antes considerados “impossíveis”, como também dessas crenças limitantes em si. Desta maneira, em última instância, a vivência da superação irá acarretar uma mudança da perspectiva das pole dancers “com relação a muita coisa” (linhas 20-21), o que torna a enfatizar a avaliação positiva da atividade como aquela que tem uma capacidade transformadora de comportamentos e pontos de vista.

Observando os mecanismos discursivos utilizados por Patrícia no excerto, percebo que ela constrói a sua trajetória narrativa sobre a vivência no pole dance pelo par opositivo “antes” versus “depois”, o que é marcado por algumas escolhas léxicogramaticais (HALLIDAY, 1994) presentes nos exemplos abaixo:

- “nossa, isso aí eu nunca vou fazer” versus “de repente você vê que o seu corpo te obedece em algum momento” (linhas 13-14 e 14-15)
- “[...] [aquilo] que parecia impossível”; “[...] que seu corpo não tava nem perto de conseguir” versus “uma hora ele consegue=” (linhas 19; 22-23 e 24)
- “um movimento que antes você olhava e pensava que era impossível” versus “=então você vê que as coisas (.) talvez

sejam sim possíveis”; “isso muda a sua perspectiva com relação a muita coisa” (linhas 21-22; 26-27 e 20-21)

Baseada nesses exemplos acima, vejo que as expressões “de repente”, “em algum momento” e “uma hora” (linhas 14; 15 e 24) introduzem pontos de virada³⁴ (MISHLER, 2002) na narrativa, os quais marcam justamente essa transformação das avaliações negativas de incapacidade e insegurança dos eventos do “antes” em avaliações positivas de superação e conquista dos acontecimentos do “depois”. Assim, vejo que esses mecanismos linguísticos marcam bem essa qualidade transformadora atribuída ao pole dance que junto da proposta desafiadora corroboram a construção da prática da atividade por uma luz favorável (GOFFMAN, [1959] 2002) e bem convidativa.

Por fim, gostaria de chamar a atenção para o já comentado, em minhas análises anteriores, uso do “você”, de caráter inclusivo/coletivo. Diferentemente do que Patrícia fez no excerto 1, em que o “você” localizava o extragrupo (DUSZAK, 2002) de estigmatizadores, aqui o pronome de tratamento se refere ao nosso intragrupo de pole dancers, portanto, incluindo a mim e a todas as nossas outras colegas de prática. Compreendo que o uso do “você” na formulação das avaliações feitas aqui cria, ao mesmo tempo, um senso de “generalização” sobre elas e de identificações coletivas (SNOW, 2001) para nós, dando a entender que todos os eventos narrados/avaliados pela participante são “comumente” experienciados por “todas” as pole dancers durante as suas práticas, ou seja, seria compartilhado por nós tanto a habitual manifestação das crenças limitantes, quanto a vivência do desafio, da superação e da conquista. Deste modo, apesar de ter sido perguntada sobre o que o pole dance significa para ela “em específico” (linhas 01-04), Patrícia acaba que (re)elabora as suas experiências na narrativa (BASTOS, 2005) gerando um entrelace do individual com o coletivo e, com isso, produzindo uma narrativa muito fácil de “você”, pole dancer, se identificar (“=[total]” – linha 18).

Em minha entrevista/conversa com Bianca, também a faço a pergunta que julgo ser uma das principais para a minha pesquisa - saber o que é ou pode ser o pole

³⁴ Segundo Mishler (2002, p. 107), pontos de virada são exemplos de “eventos que abrem direções de movimentos inesperadas e que não podiam ser previstas pelas suas visões anteriores do passado, levando-os [os narradores] a um senso de si próprios diferente.”

dance nas palavras das minhas colaboradoras e parceiras de prática (linhas 01-03). Anteriormente a essa questão, eu também a tinha perguntado sobre como decidiu fazer pole dance e como foi a sua trajetória até o momento, trechos esses que estão reproduzidos no anexo 3, caso desejem conferir.

4.2.2

Excerto 7 – “é quase uma coisa que: (.) espiritual pra mim sabe?”

01	Lorena	e: (.) e o que é o pole dance pra você? o que
02		que você acha que ele (.) representa na sua
03		vida, significa pra você?
04	Bianca	(4.0) ai que pergunta <u>difícil</u> (.) significa
05		tantas coisas é: (.) eu não sei, acho que tem
06		(.) acho que talvez (.) eu sinto que talvez
07		pra algumas pessoas isso tenha- o pole dance
08		pode ter muito a ver com a questão da
09		<u>sexualidade</u> né? [e tipo:]
10	Lorena	[sim]=
11	Bianca	= <u>sensualida:de</u> também (.) pra mim também tem,
12		mas eu acho que pra mim <u>vai muito mais</u> por um
13		caminho de: <u>quase</u> que autoconhecimento é: pra
14		mim é muito mais algo como se fosse: uma
15		<u>religião</u> sabe? tipo é uma coisa que eu vou
16		lá: e eu faço toda dia (.) é quase uma coisa
17		que: (.) <u>espiritual</u> pra mim sabe? eu pratico
18		(.) eu vou melhorando naquilo eu vou me
19		aprofundando naquilo e aquilo também:
20		<u>desperta</u> (.) não só a minha <u>criatividade</u> mas
21		a minha percepção (.) pro movimento em si
22		sabe? (.) eu acho que o pole dance pra mim é
23		uma forma também de <u>pesquisa</u> de: de “lab”
24		((falado com pronúncia do inglês - trad.
25		laboratório)) (.) digamos assim (.) e é um
26		lugar onde eu me sinto muito <u>livre</u> pra ser
27		como eu quiser ser justamente por ser (.) um
28		esporte <u>bem livre</u> né? e (.) não tanto em
29		algumas categorias (.) mas é um esporte <u>plural</u>
30		né, digamos assim
31	Lorena	entendi

É curioso notar que Bianca teve uma reação muito similar à de Patrícia sobre o meu questionamento: ela o avalia enfaticamente como uma “pergunta difícil” (linha 04), expressando sinais de grande hesitação - inclusive com pausa longa - e de dúvidas para decidir como iniciar a sua resposta (“eu não sei, acho que tem (.) acho que talvez (.) eu sinto que talvez [...]” – linhas

05-06). A pole dancer ainda complementa que a atividade “significa tantas coisas” (linhas 04-05), já introduzindo assim a sua apreciação - a qual veremos mais à frente ser positiva (MARTIN; WHITE, 2005) - que constrói a complexidade e qualidade do pole dance de ter múltiplos valores na vida da praticante (fato comum de se encontrar em narrativas de outras pole dancers). Nesta perspectiva, veremos que Bianca irá elencar em suas avaliações ao longo da narrativa breve (GEORGAKOPOULOU, 2006) as possibilidades de sentido que atribui à modalidade. Segundo a participante, o pole dance pode ter a ver com e/ou ser lido como:

- sexualidade e sensualidade
- autoconhecimento
- religião/religiosidade
- espiritualidade
- o despertar da criatividade e da percepção para as movimentações
- uma forma de pesquisa; de “lab” (trad. laboratório)
- um espaço de liberdade; um esporte bem livre e/ou plural

Pela maneira como os aspectos acima foram detalhados e explicados no excerto, percebo que eles constroem o tom avaliativo da narrativa de Bianca, justamente, por meio de apreciações positivas de valoração (MARTIN; ROSE, 2007) as quais manifestam os significados sociais que o pole dance têm para ela e que reverberam os impactos benéficos ocorridos no comportamento da participante. Bianca começa a sua definição trazendo “a questão da sexualidade né? [e tipo:] =sensualidade também” (linhas 08-11), elementos muito recorrentes de serem destacados nos relatos das praticantes sobre esta dança-esporte (“pra algumas pessoas [...] o pole dance pode ter muito a ver [...]” - linhas 07-08) e com os quais ela também se relaciona (“pra mim também tem” - linha 11). Entretanto, a pole dancer logo distancia o foco³⁵ desse lugar mais “típico”, digamos assim, e, no primeiro momento, deposita bastante ênfase e direcionamento

³⁵ Como podemos ver, nesta parte da conversa em específico, a participante não elabora as suas considerações sobre as questões que envolvem as sexualidades, sensualidades, erotismos e afins. Entretanto, esses aspectos serão desenvolvidos por Bianca em outros momentos da entrevista, conforme pode ser visto nos outros excertos transcritos no anexo 3.

nos elementos que compõem uma tríade avaliativa no campo semântico do “celestial”, conforme vemos nos exemplos abaixo:

- “pra mim vai muito mais por um caminho de: quase que **autoconhecimento**” - linhas 12-13
- “pra mim é muito mais algo como se fosse: uma religião” - linhas 14-15
- “é quase uma coisa que: espiritual pra mim sabe?” - linhas 16-17

Considerando as falas acima, primeiro sinalizo o realce bem forte com a intensificação dupla e repetição da expressão avaliativa “muito mais”, que por sua vez coaduna-se aos usos do “quase” para sinalizar a grande identificação de Bianca com os conceitos trazidos (marcados por mim em negrito), os quais elaboram a sua visão/avaliação da prática do pole dance. Desta maneira, interpreto que, a partir desses mecanismos avaliativos, a participante constrói a atividade por uma nova ótica em que é estabelecido uma relação de muita similaridade (“como se fosse:” - linha 14) entre o pole dance e práticas religiosas/espirituais, vinculação essa que é o que parece levar ao mencionado caminho de autoconhecimento. Dando continuidade à sua narrativa, a pole dancer traz justificativas para explicar o que seria ser como uma religião e uma coisa espiritual: quando diz “é uma coisa que eu vou lá: e eu faço todo dia” (linhas 15-16), entendo que o seu comportamento em relação à atividade é o de grande comprometimento, que junto da fala “eu pratico (.) eu vou melhorando naquilo eu vou me aprofundando naquilo” (linhas 17-19) trazem também as ações de determinação e de entrega ao pole dance, explicitando o intenso foco que tem em relação à prática da atividade.

Neste sentido, tal como costumamos ver em diversas práticas religiosas e/ou espirituais, é possível ler essas descrições avaliativas de Bianca como manifestando um sentimento de devoção ao pole dance e que somada à disciplina/ao empenho colocada/o na prática proporcionam uma evolução das capacidades da participante (“eu vou melhorando naquilo” – linha 18). À vista disso, por meio desses autojulgamentos positivos de seus comportamentos (MARTIN, 2001), vejo que

Bianca se constrói identitariamente (MOITA LOPES, 2001) como uma pessoa dedicada à e com bastante interesse naquela dança-esporte que decidiu praticar.

Em uma segunda parte da elaboração de sua definição, Bianca expande as avaliações/apreciações positivas (MARTIN; ROSE, 2007) do pole dance salientando a qualidade que ele tem de despertar a sua criatividade e percepção para os movimentos (linhas 19-22), tendo assim a capacidade de reacender e/ou fazê-la desenvolver habilidades artísticas-esportivas as quais poderiam estar adormecidas ou até mesmo não existir em seu repertório antes. Ademais, ao dizer que para ela o pole dance “é uma forma também de pesquisa de: de ‘lab’” (linhas 22-23), Bianca o atribui a possibilidade de prover um espaço de estudo e de experimentação, em meu entendimento, para esse potencial criador mencionado anteriormente (linhas 19-22).

A praticante chega ao que estou reconhecendo como o terceiro e último “bloco” de definição em que vai acrescentar, com bastante ênfase e de forma mais geral, as qualidades de liberdade e de pluralidade ao pole dance (linhas 25-30). Aqui Bianca estabelece uma relação de “causa-efeito” ressaltando que é justamente por ter essas propriedades emancipatórias que o pole dance promove um espaço bem democrático, múltiplo e inclusivo, onde ela então se sente “muito livre para ser como [ela] quiser ser” (linhas 26-27) e, deste modo, a participante expressa um forte afeto de satisfação (e até mesmo de felicidade), pelas intensificações, com a sua prática. Assim sendo, considerando todas as apreciações positivas elaboradas ao longo da narrativa, vemos que o pole dance é construído por uma luz bem favorável (GOFFMAN, [1959] 2002) (tal como no excerto 2 de Patrícia), entendendo-o como uma atividade que permite explorar e trabalhar as subjetividades em vários níveis, proporcionando um grande espaço para o autoconhecimento e para as diversas experimentações artísticas-esportivas e performances identitárias.

Vale comentar que diferentemente do que faz Patrícia no excerto 2, que construiu a sua narrativa de definição do pole dance majoritariamente pelo uso do “nós”, gerando um explícito “senso de coletividade” e de filiação (DUSZAK, 2002; SNOW, 2001) das pole dancers, de modo geral, àquela realidade descrita por ela, aqui vimos Bianca se concentrar basicamente nas experiências do “eu” (literalmente como sugere a minha pergunta) e elaborar a sua narrativa com um tom “mais particular”, o qual é notadamente marcado pelos repetitivos usos do “pra

mim”, “eu” e “minha”. Apesar disso, acredito que é bem possível das pole dancers se identificarem também com a narrativa de Bianca, visto que ela traz elementos muito caros ao universo do pole dance e às vivências das praticantes, podendo acabar igualmente gerando esse senso de pertencimento e de identificação coletiva, só que, a meu ver, de uma forma um pouco “mais implícita”.

Uma vez terminada o desenvolvimento das análises deste capítulo, na seção 4.3, logo a seguir, recapitulo todo o percurso analítico percorrido até aqui para percebemos como estas reflexões me permitiram explorar os meus objetivos de pesquisa.

4.3 Breves reflexões acerca das análises

Nesta seção, realizo uma breve reflexão das análises deste capítulo, conectando-as aos objetivos de pesquisa delimitados para esta dissertação de Mestrado. Portanto, trago novamente o que pretendi fazer no desenvolvimento desta investigação:

- Trazer as vozes de praticantes do pole dance como dados discursivos para a pesquisa acadêmica e refletir sobre os sentidos criados em suas narrativas de experiências pessoais
- Analisar como os mecanismos avaliativos presentes nessas narrativas fazem emergir estigmas/estigmatizações e constroem identidades
- Observar nas narrativas, também por meio das avaliações, como se dá uma proposta de ressignificação da atividade que praticamos

Neste sentido, podemos ver que os objetivos acima se manifestaram nas análises propostas, conforme recapitulo, detalhadamente, a seguir.

No excerto 1 da minha conversa com Patrícia, percebi ser construída uma oposição entre os posicionamentos avaliativos do extragrupo de estigmatizadores (“eles”) e os do nosso intragrupo de pole dancers (“nós”). Em relação ao público conservador que nos marginaliza, notei que esta estigmatização é elaborada no discurso, majoritariamente, por meio de avaliações/julgamentos morais negativos

de sanção social, os quais repreendem as nossas performances identitárias e prática do pole dance, uma vez que estas são construídas no âmbito do desvio e da imoralidade - “uma prática extremamente vulgar”. Neste sentido, observei que essas avaliações estigmatizantes acabam por gerar um grande efeito de descrédito para nós e para a atividade. Como exemplos concretos de situações que expõem a estigmatização, Patrícia reporta “o caso da sogra” que, a meu ver, atuou como uma agente moral ao julgar que nós nos distanciamos de uma performance de gênero adequada, pois “uma menina direita não faz pole dance”. Já no exemplo “dos homens sem noção”, interpretei que as suas atitudes invasivas de envio de “nudes” advêm da e reforçam a visão estereotipada do pole dance como “destinada ao entretenimento masculino”. Diante dos eventos narrados, Patrícia desenvolveu seus posicionamentos avaliativos em “duas frentes”: i) repreendendo as atitudes preconceituosas do extragrupo e o construindo negativamente através de julgamentos de incapacidade, não-normalidade e propriedade, os quais reverberaram seus afetos de insatisfação/infelicidade; e ii) convocando o nosso intragrupo para uma agência coletiva de enfrentamento e resistência à estigmatização, à qual me alinho, o que expôs seu afeto de segurança e uma performance identitária agentiva - “a gente merece respeito”.

Considerando, em conjunto, os excertos 2, 3 e 4 de Bianca, percebi que ela operou por uma lógica similar à de Patrícia, contrapondo as avaliações negativas estigmatizantes do extragrupo aos seus posicionamentos enquanto membra do nosso intragrupo de pole dancers. No que tange às instâncias avaliativas de estigmatização, Bianca reelabora quatro eventos principais: i) ela reforça ser fato habitual a construírem identitariamente como stripper, transferindo o efeito de descrédito do universo do striptease para o seu contexto de prática do pole dance; ii) sinaliza a tendência das pessoas reduzirem a atividade a uma “única história”, sendo esta, geralmente, a concepção do desvio; iii) ressalta ser típico receber o comentário “faz meu pau de pole”, o que interpretei, novamente, sendo fruto da noção estereotipada do pole dance como “destinada ao divertimento masculino”; e iv) identifica, em colaboração narrativa comigo, as atitudes preconceituosas como inferiorização da nossa prática, pois estas nos julgam/apreciam na esfera da superficialidade e da mediocridade, o que culmina na marginalização do nosso intragrupo. À vista disso, a participante constrói seus posicionamentos avaliativos de desaprovação dos fatos narrados também em dois níveis: i) por meio de

juízos negativos de capacidade, propriedade, tenacidade e veracidade, os quais corroboram a construção do extragrupo como ignorantes-preconceituosos e reverberam os afetos de insatisfação de Bianca; ii) a partir de avaliações/apreciações positivas do pole dance, afirmando a complexidade e a seriedade que envolvem a sua prática da atividade. Diante disso, entendi que a pole dancer se construiu, por um autojuízo de tenacidade, como crítica e comprometida, manifestando afetos de segurança e confiança em relação a sua performance e a seu discurso.

Já no excerto 5 da conversa com Bianca, vimos os impactos da estigmatização da nossa prática no discurso e performance identitária da participante, construídos na oposição entre avaliações positivas e negativas referentes aos âmbitos do “desejo/vontade” e da “(não)realização” do ato de se expor. Em termos dos posicionamentos negativos da narrativa de Bianca, estes apontaram, em meu entendimento, para a construção de: i) um autojuízo de não-normalidade de sua reduzida exposição, dado que tem prazer pela referida ação; ii) afetos de insegurança e apreensão devido ao receio das avaliações negativas do extragrupo sobre a sua performance; iii) uma tentativa de encobrimento dos seus estigmas, calcada em avaliação moral, a fim de construir uma impressão de self mais favorável; e iv) um autojuízo de sanção social ao reconhecer a reprodução de um pensamento hegemônico na avaliação dos seus desejos. Todavia, no elaborar de suas autocríticas, Bianca também produz avaliações positivas que se relacionam i) à construção de um projeto identitário agentivo e subversivo ao se expor com a “calcinha enfiada no cu” e ii) à manifestação de afetos de segurança e felicidade acerca de seus atos de exposição que realizam seu desejo – dos quais eu também compartilho. Percebi que esses dois aspectos advêm do juízo dela sobre a (não)validade da voz hegemônica. Assim, pontuei ter havido uma oscilação de suas performances identitárias - ora mais agentiva e ora mais passiva - que influenciam nas suas filiações dentro do nosso intragrupo.

Refletindo sobre o excerto 6, pude notar que Patrícia elaborou uma trajetória narrativa de definição do pole dance em um tom coletivo e pela oposição avaliativa do “antes” versus “depois”, que se relacionam às nossas habituais atitudes e afetos durante a prática da atividade. Considerando os eventos do “antes”, estes se manifestam por avaliações negativas que construíram nossas crenças limitantes: i)

apreciações exacerbadas de uma possível extrema complexidade dos exercícios do pole dance e ii) autojulgamento de uma suposta incapacidade nossa de realizar o que tomamos como desafios e de evoluir na atividade. Aqui, percebi a expressão de nossos afetos de insegurança e medo. Entretanto, interpretei que os eventos do “depois” marcaram justamente a transformação dessas avaliações negativas em positivas, majoritariamente em julgamentos de capacidade: em algum momento da prática, nos damos conta que conseguimos enfrentar e superar os desafios propostos, o que nos faz reconhecer as nossas potencialidades e construir afetos de satisfação. Sendo assim, o pole dance é construído, favoravelmente, como uma prática que proporciona desafios, superação e surpresas, além de transformar o nosso olhar a respeito do que somos capazes de fazer - posicionamento com o qual eu me identifiquei.

Fechando a segunda seção analítica, o excerto 7 da entrevista com Bianca, por outro lado, produz uma narrativa a nível mais particular, centrada e marcada pela perspectiva do “eu”. Desta maneira, a participante reelabora os seus eventos manifestando o tom avaliativo do relato, primordialmente, por apreciações positivas de valoração, que constroem os tantos significados sociais que o pole dance têm para ela, tais quais: i) relaciona-se à sexualidade e sensualidade; ii) a prática da atividade se assemelha à vivência de uma religiosidade/espiritualidade que, em última instância, entendi levá-la ao caminho do autoconhecimento. No que tange à materialização desses atributos na sua prática, interpretei que eles expõem seu sentimento de devoção e atitudes de entrega ao pole dance, o que fez com que Bianca se construísse como comprometida, dedicada e empenhada; iii) promove um espaço que desperta forças/habilidades físicas e artísticas por meio de pesquisas corporais; e iv) se apresenta como um lugar de liberdade e pluralidade, onde ela pode ser quem quiser, reverberando seus afetos de satisfação. Portanto, aqui o pole dance é igualmente construído por uma luz favorável como uma atividade que permite realizar diversas experimentações identitárias e artístico-esportivas - narrativa a qual eu também consigo me alinhar.

Sintetizando as análises desenvolvidas neste estudo, pude perceber que, conforme venho propondo ao longo de toda a pesquisa, há uma forte oposição e embate entre a perspectiva dos conservadores de “fora” – extragrupo – e a dos “de dentro” (GONÇALVES, 2017) – o intragrupo (DUSZAK, 2002) das pole dancers que vivenciam a atividade “na pele” – literalmente. Deste modo, como vimos na

primeira seção analítica, o público leigo-conservador elabora e difunde julgamentos morais negativos que constroem tanto o pole dance quanto as suas praticantes na esfera do desvio, vulgaridade, inadequação, imoralidade, dentre outras rotulações que expõem a clara e corrente estigmatização (GOFFMAN, [1963] 2004) do nosso universo. Portanto, entendo que esses seus discursos estigmatizadores se fundamentam, em última instância, na ponderação de que “certos modos de viver a vida social são [...] ilegítimos” (MOITA LOPES, 2001, p. 33), uma vez que consideram que estes não condizem com as suas crenças e ideologias.

Todavia, pelo que também vimos ser reelaborado nas narrativas de Patrícia e Bianca, há todo um posicionamento de enfrentamento e resistência de nossa parte às construções discursivas hegemônicas preconceituosas, a partir da produção de contradiscursos – permeados por avaliações e afetos positivos – que constroem, por um olhar ético, a nossa prática em outras bases (MOITA LOPES, 2001), isto é, a legitimando e reforçando os significados sociais que têm para aqueles que a vivencia. Sendo assim, operando por uma agência individual e/ou coletiva (SNOW, 2001), entendo que procuramos reverter as identidades estigmatizadas que são atreladas a nós e reivindicar outros projetos identitários que correspondem aos nossos modos de ser, agir, pensar e sentir (BORGES, 2017).

5

Entendimentos momentâneos sobre a realização da pesquisa

Tendo conhecido a prática do pole dance, em 2016, e vivenciado, até o momento, inúmeras experiências marcantes enquanto praticante desta atividade, chego ao final da pesquisa consciente de que o percurso investigativo aqui percorrido me proporcionou (e ainda proporcionará) uma série de entendimentos de natureza diversa. O olhar autoetnográfico (ELLIS, ADAMS, BOCHNER, 2011), me possibilitou trabalhar para entender (MILLER et al., 2008) o meu contexto de prática, promovendo reflexões feitas em colaboração com minhas amigas pole dancers. Por ora, me ateno a pelo menos três desses entendimentos.

Nas vozes de Bianca, de Patrícia (incluindo a minha), acredito que pudemos, juntas, construir uma perspectiva diversificada para o pole dance, calcada em uma postura crítica, reflexiva, inclusiva e ética (MILLER, 2013). Para além das estigmatizações (GOFFMAN, [1963] 2004) atreladas a essa prática e aos seus praticantes, a exemplo da premissa de que “menina direita não faz pole dance”, nós elaboramos, durante o ato de narrar (BASTOS, 2005), nuances positivas para a atividade como prática transformadora que possibilita às suas praticantes autoconhecimento, libertação, superação, despertar de forças, empoderamento e muitos outros aprendizados.

Entendo que a construção de tais posicionamentos avaliativos acerca desse espaço marginalizado, dispostos em oposição aos julgamentos morais (LINDE, 1997; OCHS; CAPPS, 2001), nos permite enxergar o pole dance “com outros olhos” (FABRÍCIO, 2006, p. 52), incentivando o desenvolvimento de uma visão que “têm implicações para a construção do presente e de futuros sociais possíveis, menos aprisionadores” (FABRÍCIO, 2006, p. 53), que evitem o sofrimento humano e a exclusão social, para mulheres que desejam se divertir, se conhecer, se encontrar na prática social em que decidiram se engajar - neste caso, na prática do pole dance.

Neste sentido, sou levada a repensar sobre a ideia que dá nome a esta pesquisa de que “*a gente continua merecendo respeito por fazer pole dance*”. Quando me deparo com esta fala de Patrícia, me chama a atenção alguns sentidos que podemos questionar a partir do uso do verbo “merecer” neste contexto. Sendo esta uma escolha lexical comumente utilizada na formação discursiva

(FOUCAULT, [1971] 1996] da lógica meritocrática (LITTLER, 2018) e, considerando a frequente marginalização e estigmatização que sofremos, problematizo se, no intuito de “merecer” esse respeito advindo do extragrupo (DUSZAK, 2002) conservador e de sermos aceitas, o que nos restaria seria nos “esforçarmos o suficiente” (LITTLER, 2018, p. 2) para nos adequar às expectativas de tal grupo, isto é, “fazer por merecer”.

Diante disso, questiono: deveríamos parar de postar nossas fotos nas redes sociais, a fim de evitar o recebimento de nudes por “homens sem noção”?, deveríamos escolher não usar a “calcinha enfiada no cu”?, em última instância, valeria a pena castrarmos a liberdade e a agentividade de nossas performances identitárias para “merecermos” esse respeito? Assumo o posicionamento de que isto não vale a pena. Todavia, reconheço que, infelizmente, ainda temos muito o que percorrer para poder vislumbrar um futuro em que possamos assumir as nossas múltiplas identidades, sem ter que nos preocuparmos com e, muito menos, nos subordinarmos ao olhar da sanção social (MARTIN; WHITE, 2005). Espero que esta pesquisa possa contribuir na elaboração desse futuro.

De acordo com Miller (2019, comunicação pessoal), “ninguém pesquisa aquilo que não é”, aquilo que não te toca ou te motiva de alguma maneira. É levando em conta esta consideração, que ressalto a suma importância que as reflexões coconstruídas nesta pesquisa tiveram para mim, dado que o pole dance É a minha vida. Apesar de não verbalizar tanto as minhas experiências nas interações com as minhas colegas, evitando interrompê-las, uma vez que tinha o desejo de, primordialmente, ouvir as vozes DELAS, a todo momento pude me ver em suas narrativas, tanto na vivência de certos episódios descritos, quanto em relação ao meu alinhamento a inúmeras proposições elaboradas por Patrícia e Bianca. Diante disso, espero que esta pesquisa também possa trazer grandes contribuições para a vida das minhas colaboradoras, visto que este estudo só pôde ganhar vida devido a essencial participação dessas mulheres maravilhosas! Não só para elas, espero, igualmente, que a pesquisa contribua para a vida de outras praticantes e que possa, inclusive, estimular a produção de novos materiais bibliográficos acerca da prática do pole dance.

Ainda, aproveito este espaço para dizer que, especialmente hoje, após quase seis anos de prática e reflexões, enquanto parte integrante da comunidade de pole dancers, me sinto completamente feliz e realizada por ter me encontrado na

atividade, pois, reiterando os posicionamos de Bianca, nesse espaço posso performar os meus projetos identitários da forma como eu bem desejar/entender.

Por fim, gostaria apenas de sinalizar que, como dito no capítulo metodológico, por questões de delimitação de escopo, infelizmente, não foi possível investigar aqui inúmeras questões caríssimas ao contexto do pole dance, as quais foram refletidas por Bianca e Patrícia em suas narrativas. Assim sendo, como um desdobramento futuro desta pesquisa, gostaria de trabalhar com esses aspectos na elaboração de artigos acadêmicos, apresentações de trabalho e/ou até em uma pesquisa de Doutorado. Destaco, por exemplo, as questões que se relacionam ao empoderamento - conceito muito mencionado nas narrativas da nossa comunidade de prática – e aproveito para reiterar o convite para a leitura de todo o material que se encontra no anexo 3 desta pesquisa.

6

Referências Bibliográficas

ABREU, A. R. **Desafios do magistério**: a coconstrução de identidades em microcenas narrativas de professores da Educação Básica. Rio de Janeiro, 2018. 191p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

ADAMS, T. E.; ELLIS, C.; JONES, S. H. **Autoethnography**: Understanding Qualitative Research Series. New York: Oxford University Press, 2015.

ALMEIDA, F.S.D.P. **Atitude**: afeto, julgamento e apreciação. In: VIAN JR, O. et al. (Orgs.) A linguagem da avaliação em língua portuguesa: estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade. São Carlos: Pedro & João Editores, p. 99-112, 2010.

ALVES, L. A.; NÓBREGA, A. N. A. “**Mas isso é porque as pessoas não sabem o que é o pole dance**”: contribuições da avaliação para a análise discursiva de estigmas. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, V. 59, p. 2183 - 2208, 2020.

AUSTIN, J. **How to do things with words**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1962.

BAMBERG, M.; GEORGAKOPOULOU, A. **Small stories as a new perspective in narrative and identity analysis**. *Text & Talk*, 28(3), 377-396. 2008.

BARBARA, L.; MACÊDO, C.M. **Linguística Sistêmico-Funcional para a Análise de Discurso**: Um Panorama Introdutório. In: SILVA, D. E. G. (Org.) *Cadernos de Linguagem e Sociedade*. Volume 10 (1), Brasília: Thesaurus Editora, p. 89-104, 2009.

BASTOS, L. C. **Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais** – uma introdução ao estudo da narrativa. *Calidoscópio*, 3(2), 74-87, 2005.

_____. **Diante do sofrimento do outro** – Narrativas de profissionais de saúde em reuniões de trabalho. *Calidoscópio* v. 6, n. 2, p. 76-85, mai./ago. 2008.

BASTOS, L. C.; BIAR, L. A. **Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social**. *DELTA*. vol.31, pp.97-126. 2015.

BAUMAN, R. **Story, performance and event**. In: BAUMAN, R. *Contextual studies of oral narratives*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986, p. 01-10.

BAUMAN, Z. **Globalização**: As Consequências Humanas. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar. Tradução de Marcus Penchel, 1999.

BIAR, L. de A. **“Realmente as autoridades veio a me transformar nisso”**: Narrativas de adesão ao tráfico e a construção discursiva do desvio. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

BORGES, T. R. S; **Por um sentir crítico**: um olhar feminista interseccional sobre a socioconstrução de identidades sociais de gênero, raça/etnia e classe de professoras de línguas. Rio de Janeiro, 2017. 232p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

BRUNER, J. **Folk Psychology as an instrument of culture**. In: Acts of meaning. Cambridge, Harvard University Press, 1997.

_____. **Life as Narrative**. Social Research, v. 71, n. 3, p. 691-710, 2004.

BUTLER, J. **Gender trouble**: feminism and the subversion of identity. New York: Routledge, 1990.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **Introdução**: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs.). O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, p. 15-42, 2006.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/>>. Acesso em: 18 de março de 2020.

DUSZAK, A. **Introduction**. In: A. DUSZAK (Ed.). Us and Others. Social Identities across languages, discourses and cultures. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 2002. p. 1-28.

EGGINS, S. **An overview of systemic functional linguistics**. In: EGGINS, S. An Introduction to Systemic Functional Linguistics. 2ª ed. New York: Continuum, p. 1-22, 2004.

ELLIS, C; ADAMS, T.; BOCHNER, A. P. **Autoethnography**: An Overview. Forum: Qualitative Social Research, 12(1), Art. 10. 2011. Disponível em: <<http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0114-fqs1101108>>. Acesso em: 28 abr. 2020.

ELLIS, C; ADAMS, T. **The Purposes, Practices, and Principles of Autoethnographic Research**. In: LEAVY, P. (Ed.). The Oxford handbook of qualitative research. Oxford University Press, USA, 2014.

ESPAÇO ALFA. **História do Pole Dance**. 2014. Disponível em: <<http://www.espacoalfa.com.br/BKP/index.php/poledance/historia-do-pole-dance>>. Acesso em: 30 de junho de 2019.

FABRÍCIO, B. F. **Linguística aplicada como espaço de desaprendizagem**: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L.P. (Org.) Por uma linguística aplicada indisciplinar. São Paulo: Parábola, 2006.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso, mudança e hegemonia**. In: PEDRO, Emília R. (Org.). *Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sócio-política e funcional*. Lisboa: Editorial Caminho. pp. 77-104, 1997.

_____. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UnB, 2001.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura F. de A. Sampaio. São Paulo: Loyola, [1971] 1996.

GARCEZ, P. M. **Deixa eu te contar uma coisa**: o trabalho sociológico do narrar na conversa cotidiana. In: RIBEIRO, B. T., LIMA, C., DANTAS, M. T. L. (Eds). *Narrativa, Identidade e Clínica*. Rio de Janeiro: IPUB-CUCA, 2001, p. 189-213.

GEORGAKOPOULOU, A. **Thinking big with small stories in narrative and identity analysis**. *Narrative Inquiry*, 16, p. 122-130, 2006.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. 20° ed., Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, [1959] 2002.

_____. **Estigma** – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, [1963] 2004.

GONÇALVES, A. C. **“Viva o matriarcado pole dance”** - uma etnografia das relações entre corpo, gênero e cidade na prática do pole dance. Monografia (Graduação em Antropologia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

GOUVEIA, C.A.M. **Texto e gramática**: uma introdução à linguística sistêmico-funcional. *Revista Matraca*, v. 16, n. 24, RJ: Programa de Pós-graduação em Letras da UERJ, p. 13-47, 2009.

_____. Explicação dada na palestra **“Universais e particulares culturais**: reflexões sobre a LSF em português”. Setembro, 2020.

HALL, S. **Quem precisa de identidade?** In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Language, context, and text**: aspects of language in a social-semiotic perspective. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HALLIDAY, M.A.K. **An Introduction to Functional Grammar**. 2ª ed. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. **Halliday's introduction to functional grammar**. 4ª ed. Abingdon e New York: Routledge, 2014.

HOLLAND, S. **Pole Dancing, Empowerment and Embodiment**. New York: Palgrave Macmillan, 2010.

hooks, b. **Feminist Theory from margin to center**. Boston: South End Press, 1984.

HUNSTON, S.; THOMPSON, G. **Evaluation in text**. In Keith Brown (ed.), *The Encyclopedia of Language and Linguistics* (2nd ed.) Oxford: Elsevier, Volume 4, 305-312, 2000.

INFOPÉDIA DICIONÁRIO PORTO EDITORA. Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/>>. Acesso em: 18 de março de 2020.

LABOV, W.; WALETZKY, J. **Narrative Analysis**: oral versions of personal experience. In: HELM, J. Ed. *Essays on the verbal and visual arts*. Seattle: University of Washington Press, 1967.

LABOV, W. **Language in the inner city**: studies in the Black English Vernacular. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LANGELLIER, K. M. **"You're marked"**: Breast cancer, tattoo, and the narrative performance of identity. Em BROCKMEIR, J. e CARBAUGH, D. (orgs.). *Narrative and identity: Studies in autobiography, self and culture*. Amsterdã e Filadélfia: John Benjamins, 2001. p. 145-184.

LEAL E SILVA, I. **Identidades de gênero, corporalidade e esportivização**: uma perspectiva antropológica da prática do pole dance. Dissertação de Mestrado. 108p. Programa de Pós-Graduação em Antropologia - Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2016.

LEWIS, E. S. **"Não é uma fase"**: construções identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais. Rio de Janeiro, 2012. 267p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

LINDE. C. **Evaluation as linguistic structure and social practice**. In: GUNNARSON, B. L.; LINELL, P.; NORGBERG, B. (Eds.). *The Construction of Professional Discourse*. UK: Addison-Wesley Longman, 1997.

LITTER, J. **Against Meritocracy**: culture, power and myths of mobility. New York: Routledge, 2018.

LODER, L. L.; JUNG, N. M. (Orgs.) **Análises de fala-em-interação institucional**: a perspectiva da Análise da Conversa Etnometodológica. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

MACKEN-HORARIK, M; ISAAC, A. **Appraising appraisal**. Evaluation in context. pp. 67-92, 2014.

MARTIN, J. **Beyond Exchange**: Appraisal Systems in English. In S. Huston & G. Thompson. Eds. *Evaluation in Text*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

MARTIN, J.; WHITE, P. R. R. **The Language of Evaluation**: Appraisal in English. New York: Palgrave/ Macmillan, 2005.

MARTIN, J.; ROSE, D. **Working with discourse**: Meaning beyond the clause. London: Continuum, 2007.

MICHAELIS DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA (2020). Disponível em: < michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/ >. Acesso em: 27 de outubro de 2020.

MILLER, I. K. et al. **Prática Exploratória: questões e desafios**. In: GIL, G.; VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. (orgs.). *A formação do professor de línguas: os desafios do formador*. Campinas: Pontes, p. 145-165, 2008.

MILLER, I.K. **Formação Inicial e Continuada de Professores de Línguas**: da Eficiência à Reflexão Crítica e Ética. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Linguística Aplicada na Modernidade Recente: festschrift para Antonieta Celani*, São Paulo: Parábola Editorial, p. 99-121, 2013.

_____. Comentário feito durante uma aula da disciplina “**Introdução à Linguística Aplicada**” no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), 2019.

MISHLER, E. G. **The Analysis of Interview-Narratives**. In: SARBIN, T. R. (Ed.). *Narrative Psychology: The Storied Nature of Human Conduct*. New York: Praeger, p. 233-255, 1986.

_____. **Narrativa e identidade**: a mão dupla do tempo. In: MOITA LOPES, L. P.; BASTOS, L. C. (Eds.). *Identidades: Recortes Multi e Interdisciplinares*. Campinas: CNPq/Mercado de Letras, 2002, p. 97-119.

MOITA LOPES, L. P. **Práticas narrativas como espaço de construção das identidades sociais**: uma abordagem socioconstrucionista. In RIBEIRO, B. T.; LIMA, C. C.; DANTAS, M. T. L. (orgs). *Narrativa, Identidade e Clínica*. Rio de Janeiro, Edições IPUB, 2001.

_____. **Discursos de identidade em sala de aula de leitura**: a construção da diferença. In MOITA LOPES, L.P. *Identidades fragmentadas: a construção de raça, gênero e sexualidade na sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

_____. **Socioconstrucionismo**: discurso e identidades sociais. In: L.P. MOITA LOPES (ed.), **Discurso de identidades**. Campinas, Mercado de Letras, 2003.

_____. **Uma linguística aplicada mestiça e ideológica**: interrogando o campo como linguista aplicado (Introdução). In: MOITA

LOPES, L. P. (Org.) *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, p.13-44, 2006.

_____. **Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa**. In: MOITA LOPES, L.P. (Org.) *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, p. 85-107, 2006.

_____. (Org.), **Por uma lingüística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editora, 2006.

MOITA LOPES, L. P.; FABRÍCIO, B. F. **Por uma ‘proximidade crítica’ nos estudos em Linguística Aplicada**. *Calidoscópico*, 17(4), 711–723, 2019.

NÓBREGA, A. N. A. **Narrativas e avaliação no processo de construção do conhecimento pedagógico: abordagem sociocultural e sociossemiótica**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2009.

NÓBREGA, A. N. A.; GRIFFO, M. R. A.; ALVES, L. A. **A construção narrativa de emoções no ensino-aprendizagem em tempos de pandemia**. Fórum Linguístico, no prelo (previsto para 2022).

OCHS, E.; CAPPS, L. **Living narratives: creating stories in everyday storytelling**. Cambridge: Harvard University Press, 2001.

OTEÍZA, T. **The appraisal framework and discourse analysis**. IN: *The Routledge Handbook of Systemic Functional Linguistics*. Routledge. (pp.457-472). January, 2017.

OLIVEIRA, H. Q. **Alunos em situação de retenção reconstruindo o cotidiano escolar: um estudo sobre avaliação e identidade em pequenas histórias**. Rio de Janeiro, 2015. Dissertação de Mestrado. 184p. Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

PENNYCOOK, A. **Uma linguística aplicada transgressiva**. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, p. 67-84, 2006.

PIEIDADE, R. S. **Construções identitárias no contexto de formação docente: conversas reflexivas com uma futura professora de línguas**. 2019. 162 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma lingüística crítica: linguagem, identidade e questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. **Repensar o papel da linguística aplicada**. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, p. 149-168, 2006.

RAMALHO, V. **Ensino de língua materna e Análise de Discurso Crítica/ Native Language Teaching and Critical Discourse Analysis**. Bakhtiniana, São Paulo, 7 (1): 178-198, Jan/Jun. 2012.

RAMPTON, B. **Continuidade e mudança nas visões de sociedade em linguística aplicada**. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). Por uma linguística aplicada indisciplinar. São Paulo: Parábola Editorial, p. 109-128, 2006.

RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

REZENDE, C.; COELHO, M. C. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

RIESSMAN, C. K. **Narrative Analysis**. Newbury Park, SAGE, 1993.

_____. **Narrative Methods for the Human Sciences**. Los Angeles, SAGE, 2008.

SACKS, H., SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G. **A simplest systematic for the organization of turn-taking for conversation**. Language, Baltimore, vol. 50, nº 4, p. 696-735, 1974.

SANTOS, R. O. **Pole Dance: Dança ou Esporte?** Trabalho de conclusão de curso. Bacharel em Educação Física. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

SNOW, D. **Collective identity and expressive forms**. University of California, Jan. 2001. Disponível em: <<http://escholarship.org/uc/item/2zn1t7bj#page-2>>. Acesso em: 22 de agosto de 2021.

THOMPSON, G; ALBA-JUEZ, L. (Eds.). **Evaluation in Context**. Philadelphia: John Benjamin, 2014.

VIAN JR, O. et al. (Orgs.) **A linguagem da avaliação em língua portuguesa: estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

VIAN JR., O. **O Sistema de Avaliatividade e a linguagem da avaliação**. In: VIAN JR, O. et al. (orgs.). A linguagem da avaliação em língua portuguesa: estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade. São Carlos: Pedro & João Editores, p. 19-29, 2010.

WHITE, P. **Valoração** – a linguagem da avaliação e da perspectiva. Linguagem em (Dis)curso - LemD, Tubarão, v. 4, n.esp, p. 178-205, 2004.

7 Anexos

Anexo 1 - Autorização da Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



CÂMARA DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUC-Rio

Parecer da Comissão da Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio 061/2020 – Protocolo 56/2020

A Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio foi constituída como uma Câmara específica do Conselho de Ensino e Pesquisa conforme decisão deste órgão colegiado com atribuição de avaliar projetos de pesquisa do ponto de vista de suas implicações éticas.

Identificação:

Título: "Contribuições de avaliação para (des) construção de estigmas sobre a prática do pole dance" (Departamento de Letras da PUC-Rio)

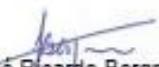
Autora: Lorena Araújo Alves (Mestranda do Departamento de Letras da PUC-Rio)

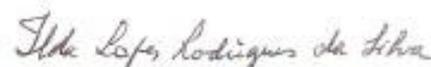
Orientadora: Adriana Nogueira Accioly Nobrega (Professora do Departamento de Letras da PUC-Rio)

Apresentação: Pesquisa qualitativa de caráter interpretativista autoetnográfica que visa refletir e coconstruir entendimento sobre os discursos que circulam acerca do pole dance, problematizando as manifestações discursivas que estigmatizam esta atividade e seus participantes. O estudo será desenvolvido num estúdio da zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Aplicará entrevista semiestruturada do tipo conversacional por via virtual usando plataformas digitais, gravando a voz de professoras e alunas com diferentes perfis alinhados a estilos de pole e tempo de prática. Situa-se na área da Linguística Aplicada Contemporânea em interface com a Linguística Sistemico Funcional.

Aspectos éticos: O projeto e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido apresentados estão de acordo com os princípios e valores do Marco Referencial, Estatuto e Regimento da Universidade no que se refere às responsabilidades de seu corpo docente e discente. O Termo expõe com clareza os objetivos da pesquisa e os procedimentos a serem seguidos. Garante o sigilo e a confidencialidade dos dados coletados. Informa sobre a possibilidade de interrupção na pesquisa sem aplicação de qualquer penalidade ou constrangimento.

Parecer: Aprovado


Prof. José Ricardo Bergmann
Presidente do Conselho de Ensino e Pesquisa da PUC-Rio


Profa. Ilda Lopes Rodrigues da Silva
Comissão da Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio

Rio de Janeiro, 17 de novembro de 2020

Anexo 2 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Assinatura em duas vias, a primeira para a participante, a segunda para a pesquisadora)

Você está sendo convidada para atuar como participante voluntária na pesquisa “Contribuições da avaliação para a (des)construção de estigmas sobre a prática do pole dance”. O estudo está sendo realizado pela pesquisadora Lorena Araujo Alves, vinculado à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. As informações encontradas neste Termo são fornecidas por Lorena Araujo Alves, pesquisadora principal, contatável via telefone (21) 99212-6273 ou e-mail lorena_allves15@hotmail.com; e por sua orientadora, Professora Doutora Adriana Nogueira Accioly Nóbrega, contatável via telefone (21) 3527-1447 ou e-mail adriananobrega@puc-rio.br. Você também poderá entrar em contato com a Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio (CEPq-PUC-Rio), pelo telefone (21) 3527-1618 ou presencialmente no endereço: Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea – RJ, CEP 22453-900.

OBJETIVO DO ESTUDO: O objetivo principal desta pesquisa é o de refletir e coconstruir entendimentos sobre os discursos que circulam acerca do pole dance, problematizando as manifestações discursivas que estigmatizam esta atividade e seus praticantes.

ALTERNATIVA PARA PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO: Você tem o direito de não participar deste estudo. Estamos gerando informações para compor a *corpus* de análise da dissertação de mestrado da pesquisadora responsável. Se você não quiser participar do estudo, isto não irá interferir em nenhum aspecto da sua vida profissional/estudantil.

PROCEDIMENTO DO ESTUDO: Se você decidir integrar este estudo, você participará de uma conversa em formato de entrevista semi-estruturada em que refletiremos, a partir da perspectiva de suas experiências e avaliações subjetivas, sobre o foco da pesquisa descrito no objetivo do estudo (acima). A conversa terá tempo de duração variável a ser negociado com você, podendo ser interrompida a qualquer momento sem qualquer ônus ou penalização.

GRAVAÇÃO EM ÁUDIO: Todas as interações serão gravadas pela pesquisadora-responsável em formato de áudio. Devido à atual situação da pandemia do COVID-19, as interações, muito provavelmente, ocorrerão de forma síncrona por intermédio de plataformas digitais, como o *Zoom Meetings*®, *Google Hangouts*®, *Microsoft Teams*® etc., as quais contam também com a presença de vídeo. Contudo, ressaltamos que a gravação será realizada por gravador externo com apenas o



registro de voz, evitando, assim, a obtenção de sua imagem. As gravações serão ouvidas por mim e pela pesquisadora orientadora e serão marcadas com um número de identificação durante a gravação e seu nome não será utilizado a fim de garantir confidencialidade. As gravações serão utilizadas somente para geração de dados. Se você não quiser ser gravada em áudio, você deverá informar à pesquisadora, que procurará outras formas de geração de dados, como, por exemplo, notas de campo e conteúdo disponível em redes sociais. Os dados gerados através das gravações serão armazenados durante um período mínimo de 5 anos em um arquivo construído na residência da pesquisadora responsável pelo estudo (Lorena), estando à sua disposição caso deseje consultá-lo a qualquer momento.

RISCOS E CUIDADOS PROCEDIMENTAIS: Esta pesquisa possui riscos mínimos. Você pode considerar certas perguntas desconfortáveis porque as informações geradas são sobre suas experiências subjetivas e posicionamentos pessoais. De modo a reduzir esse possível mal-estar, a interação será desenvolvida de maneira aberta e flexível, sendo possível sua eventual reformulação ou até o seu encerramento, caso assim deseje. Dessa forma, você pode escolher não responder a quaisquer perguntas que a faça sentir-se incomodada, sugerir redirecionamentos no desenvolvimento da conversa ou solicitar o seu encerramento.

BENEFÍCIOS: Sua participação constituirá uma interessante oportunidade de reflexão sobre o universo da prática do pole dance, com vias a entendimentos sobre a significação da atividade e os seus efeitos para/na vida da praticante. Além disso, a partir desse diálogo, sua contribuição possibilitará a criação e divulgação de conhecimentos relevantes a respeito da atividade, como também poderá propor a tentativa de desconstrução dos posicionamentos não-éticos que prejudicam a sua comunidade do pole dance.

CONFIDENCIALIDADE: Como foi descrito acima, seu nome e imagem não serão divulgados em qualquer momento da pesquisa, bem como em nenhum registro oral ou escrito a ser produzido por nós. Nenhuma divulgação científica partindo destas entrevistas revelará os nomes de quaisquer participantes da pesquisa ou seus vínculos institucionais, exceto os relacionados à pesquisadora responsável, também participante do estudo. Portanto, será preservado o sigilo de sua identidade e de quaisquer entidades mencionadas nos discursos. Além disso, as pesquisadoras garantirão o seu anonimato, utilizando os dados obtidos somente para fins acadêmicos e científicos, tais como as monografias de disciplinas, a dissertação de mestrado, os artigos científicos e as apresentações em eventos acadêmicos.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: Esta pesquisa possui vínculo com a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio - através do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, sendo a aluna Lorena Araujo Alves a pesquisadora principal, sob a orientação da Prof^a Dr^a Adriana Nogueira Accioly Nóbrega. As pesquisadoras estão disponíveis para responder a qualquer dúvida que você tenha. Caso seja necessário, contate a pesquisadora responsável no telefone

(21) 99212-6273 ou no e-mail lorena_allves15@hotmail.com ou a pesquisadora orientadora no telefone (21) 3527-1447 ou no e-mail adriananobrega@puc-rio.br em qualquer fase deste estudo. Outro canal para o esclarecimento de eventuais dúvidas ou questionamentos é a Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio (CEPq-PUC-Rio), contatável pelo telefone (21) 3527-1618 ou presencialmente no endereço: Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea – RJ, CEP 22453-900. **O presente documento é emitido em duas vias, devendo ambas ser assinadas tanto por você quanto pela pesquisadora.** Você terá uma via deste termo de consentimento para guardar consigo enquanto a outra se encontrará sob a posse da pesquisadora-responsável. Você fornecerá nome, endereço e telefone de contato apenas para que a equipe do estudo possa lhe contatar em caso de necessidade.

CONSENTIMENTO: Acredito ter sido suficientemente esclarecida a respeito das informações sobre o estudo acima descrito, que li ou que foram lidas para mim. Discuti com a pesquisadora Lorena Araujo Alves sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim os propósitos da pesquisa, os procedimentos metodológicos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Concordo voluntariamente em participar de tal estudo e poderei retirar meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades, prejuízo ou perda de quaisquer benefícios que eu possa ter adquirido. Concordo ainda com a utilização dos dados gerados na divulgação dos resultados da pesquisa em eventos científicos ou acadêmicos, periódicos e livros.

INFORMAÇÕES DA PARTICIPANTE:

Nome: _____

Número de documento de identidade: _____

Endereço: _____

Telefone de contato: _____

Rio de Janeiro, _____ de _____ de _____.

Assinatura da participante

Assinatura da pesquisadora-responsável

Anexo 3 – Transcrição das entrevistas na íntegra

I - Conversa com Patrícia

Excerto 1

01	Lorena	eu vou começar fazendo só um apanhado rápido da
02		última conversa que a gente teve que aí só se você
03		tiver alguma coisa pra complementar e aí depois eu
04		entro nas perguntas novas né que não foram feitas
05		da última vez é... então eu perguntei como é que
06		você começou no pole né e aí você contou essa
07		trajetória das três escolas que você passou e que
08		não deram muito certo por motivos diferentes né,
09		uma você num num se adaptou à metodologia, a outra
10		ficava numa localização ruim e tudo mais e aí você
11		foi mudando de escola até você chegar na última
12		escola que você parou e que foi onde você se
13		identificou que aí você mencionou por- de ter sido
14		mais desafiador porque você já começou fazendo as
15		acrobacias e tudo mais e você decidiu ficar lá e
16		é onde você tá até hoje é... e aí tem uma parte
17		em específico aqui que você fala que você nunca se
18		dedicou à nenhuma outra atividade como o pole né,
19		que você se identificou e aí decidiu ficar lá
20		porque era desafiador e tudo mais nãñã... cê tem
21		alguma coisa pra complementar dessa parte ou não?
22		que na verdade a partir disso o que eu ia te
23		perguntar que eu acho que eu não perguntei
24		diretamente é... por que que você escolheu o pole
25		em si? de onde você tirou essa ideia de fazer o
26		pole? se tem alguma motivação ou não... de você
27		escolher o pole?
28	Patrícia	então... é... essa pergunta me leva muito pro
29		passado né, pro que me levou a fazer, eu não sei
30		dizer exatamente o que foi que me fez querer fazer
31		o pole dance o que mais me motivou a tentar, mas
32		o caminho que me levou pra lá foi que eu fu- eu
33		não sei se eu cheguei a falar sobre isso da última
34		vez mas eu fui aluna da escola de circo, da escola
35		nacional de circo
36	Lorena	aah cê comentou um pouquinho mas... me me explique
37	Patrícia	então, eu fui aluna lá por pouco tempo porque
38		quando eu entrei lá... eu peguei uma greve foi em
39		2007 eu peguei uma greve da Funarte e a escola
40		ficou fechada por nove meses, então nesse meio
41		tempo eu acabei conseguindo um outro trabalho e...
42		e aí eu não consegui retornar pra escola quando
43		ela reabriu porque era período integral eu tinha
44		que fica- ca- passar a manhã e a tarde lá e... e
45		aí eu não consegui retornar e eu senti muito isso
46		porque eu gostava muito do circo e... tipo foi- eu
47		peguei um sonho realizado que eu consegui entrar
48		pra escola porque é muito difícil entrar um
49		processo seletivo muito chato
50	Lorena	Entendi
51	Patrícia	e aí tipo eu consegui entrar na escola que é o
52		mais difícil só que não consegui concluir o curso

53		lá porque... por não conseguir mesmo por questão
54		de apareceu trabalho e tava em greve tava muito
55		incerto che- chegou a gente chegou a voltar dessa
56		greve nesse meio tempo a gente voltou umas duas
57		semanas aí teve que fechar de novo então tava muito
58		estranho lá aí... aí eu continuei querendo fazer
59		alguma atividade circense mas algo que realmente
60		me motiv- me desafiasse, me fizesse querer
61		continuar não sei que e eu sempre achei o pole
62		muito bonito sempre me- me- sempre tive
63		curiosidade aí.. aí eu... eu comecei a pesquisar
64		e tal e eu achava que assim no circo uma das
65		atividades que eu tinha alguma facilidade a mais
66		era o tecido, pra fazer tecido acrobático e aí eu
67		falei "bom eu vou me pendurar também então..."
68	Lorena	Hahaha
69	Patrícia	eu acho que foi a pre- a principal motivação tipo
70		"eu também vou me pendurar" e eu dançava também já
71		eu dançava Zouk... eu comecei a dançar Zouk muito
72		novinha eu comecei a dançar Zouk com 13 anos
73	Lorena	aaah ta
74	Patrícia	aí eu pensei poxa é uma parada que eu vou poder
75		dançar, vou tá fazendo acrobacias que é o que eu
76		mais sentia falta do circo né, falta das
77		acrobacias e... e assi- e eu sempre achei muito
78		bonito né, muito sensual e parecia desafiador e
79		tal e aí foi aí que eu resolvi tentar
80	Lorena	aah entendi então desse background do circo você
81		é- foi procurar uma atividade parecida né?
82	Patrícia	é, uma atividade acrobática
83	Lorena	acrobática, entendi beleza é...
84	Patrícia	de aéreos de alguma forma porque os aéreos eu
85		sempre gostei mais dos aéreos então...
86	Lorena	entendi, entendi total

Excerto 2

01	Lorena	e aí eu queria saber o que que você acha né como
02		você entende a questão do pole dance com as
03		questões de empoderamento? você vê essa relação?
04		como é que você entende isso... empoderamento e
05		pole dance?
06	Patrícia	sim, porque como eu acabei de mencionar essa
07		questão da superação, a superação ela vem pra todo
08		mundo e assim diferentes corpos respondem de
09		diferentes formas né, é talvez alguém demore mais
10		para conseguir atingir aquele movimento do que a
11		outra pessoa mas essa pessoa também vai atingir
12		provavelmente se ela for respeitando o tempo dela
13		obviamente falando sobre coisas reais né não vou
14		falar tipo um rainbow marchenko ((nome de um
15		movimento de extrema flexibilidade e força - nível
16		avançado))
17	Lorena	Hahahaha
18	Patrícia	Hahahaha falando sobre coisas possíveis sabe a
19		evolução é possível e a evolução acontece e a
20		pessoa consegue ver e assim cada um tem os seus
21		os-os seus objetivos né e suas lutas ali no pole
22		tipo então eu acho que quando você começa a fazer

23		you começa a traçar objetivos mais realistas, por
24		exemplo eu falei agora do rainbow marchenko rindo
25		eu sei que não é uma possibilidade pra mim, mas eu
26		já tive alunas que se elas tivessem se dedicado
27		talvez um pouco mais teriam feito, com certeza
28	Lorena	Entendi
29	Patrícia	com mega alongamento e força então é sobre você
30		entender o seu corpo entender o seu limite e a
31		partir daí você se desafiar então eu acho que é
32		todo mundo pode se sentir desafiado pelo pole
33		independente de... de forma-forma física de idade
34		de... flexibilidade independente do que for é o-o
35		pole te ajuda a entender até onde você pode ir e
36		te ajuda a ir sempre além do que você do que você
37		acredita né
38	Lorena	Uhum
39	Patrícia	e aí eu acho que é muito legal pra questão do
40		empoderamento porque você vê que você não precisa
41		se limitar ninguém precisa se limitar a nada, na
42		vida, e o pole é um bom caminho pra você começar
43		a entender isso
44	Lorena	entendi, então você vê essa relação do do
45		empoderamento e o pole nessa questão de superar as
46		dificuldades né de...
47	Patrícia	de possibilidades
48	Lorena	de possibilidades... beleza

Excerto 3

01	Lorena	e o que que você acha do ato de se expor como pole
02		dancer? seja virtualmente ou presencialmente...
03		queria saber se você se expõe a sua prática e o
04		que você acha de se expor
05	Patrícia	então acho que isso tem haver também com a pergunta
06		anterior né com a questão do do empoderamento
07		porque quando você começa a fazer pole é... muita
08		gente fala "ahh mas eu não vou postar e num eu sei
09		que" e muita gente de fato demora até postar a sua
10		primeira foto mas assim no mundo tecnológico que
11		a gente vive hoje que é tudo muito cada vez mais
12		tecnológico né que é tudo muito... muito... tudo
13		que tá na internet é muito visado é muito real e
14		é muito importante é... essa pessoa que as vezes
15		demorou muito até postar uma foto quando ela posta
16		uma foto ela recebe uma chuva de likes ela recebe
17		vários biscoitos hahaha
18	Lorena	Hahahaha
19	Patrícia	e as pessoas começam a... esses termos são ótimos
20		hahaha
21	Lorena	hahahah amo
22	Patrícia	ela recebe apoio de muita gente ela recebe enfim
23		muitos elogios e ela se sente bem ela se sente bem
24		consigo e tam- isso também se relaciona à questão
25		do empoderamento né a exposição porque é muito
26		difícil pra pessoa se expor postando uma foto de
27		shortinho e topzinho porque a gente é criado pra
28		ser conservador então a gente é criado pra sair na
29		rua com uma roupa direitinha e tátátátátá e aí
30		quando você posta uma foto de top e short já é

31		tipo "opa o que que foi? o que que tá acontecendo?
32		fulana tá louca?"
33	Lorena	sim hahaha
34	Patrícia	hahaha e aí as pessoas admiram então... e aí quando
35		você consegue por exemplo tem muita gente que tem
36		muita dificuldade pra subir na barra e aí no
37		momento que ela consegue subir na barra ela quer
38		dividir aquela conquista então ela posta lá a
39		fotinho dela e as pessoas vão e respondem bem à
40		aquela conquista porque todo mundo vai olhar e
41	falar "caraca que coisa difícil que você tá	
42	fazendo" e é difícil de verdade então quando a	
43	pessoa vai ((inaudível)) que ela- que ela percebe	
44	como é difícil você se sustentar ali e aí... e aí	
45	ela ainda dá mais valor né pro que.. pro que	
46	conseguiu fazer	
47	Lorena	entendi, verdade

Excerto 4

01	Lorena	a gente já acabou entrando já no que seria a
02		próxima pergunta então assim só... vou fazer mas
03		só pra... se você quiser complementar alguma coisa
04		ou não... que era é... o que que você achava dessa
05		relação do pole dance e preconceito né... questões
06		de preconceito, se você vê essa relação né e como
07		você enxerga e se você já foi alvo de alguma
08		prática é... preconceituosa enquanto pole dancer
09	Patrícia	então pequenos preconceitos acontecem sempre né,
10		tipo "ahh poole? mas... não, mas você dança o
11		que? cê dança na boate? nãñã" sabe?
12	Lorena	Uhum
13	Patrícia	as pessoas dão esses pequenos veneninhos assim
14		isso acontece frequentemente "ahh mas ahh mas tem
15		que ficar pelada né? pra fazer pole" "ahh, não,
16		mas não sei por que tem que tirar a roupa" tipo,
17		ao invés da pessoa perguntar "por que que tem que
18		usar tão pouca roupa pra fazer pole?"
19	Lorena	Aham
20	Patrícia	e não, as pessoas perguntam já julgando e isso
21		acontece com frequência mas assim... ainda bem-
22		mas eu nunca passei por nada por nenhum tipo de
23		assédio desse tipo sabe tipo de receber nudes
24		de... sabe
25	Lorena	Sim
26	Patrícia	esse tipo de coisa nunca aconteceu não, eu... eu
27		tenho por exemplo o meu eu sei que meu público por
28		exemplo no Instagram né que é o lugar onde a gente
29		mais posta, mais se expõe né é... 70% das pessoas
30		que me seguem são mulheres então é realmente muito
31		mais difícil esse assédio vir por parte de
32		mulheres né e... e-e assim eu acho que os poucos
33		homens que tem né no no Instagram que é- que é
34		curioso né porque você pensa que "ah não, mas pole
35		dance num sei que" não, mas é uma prática feminina,
36		então é uma prática que atrai mulheres, as
37	mulheres querem fazer então	
38	Lorena	Sim

39	Patrícia	então não é sobre... enfim não é sobre
40		entretenimento masculino hahaha
41	Lorena	Total
42	Patrícia	então eu acho que que isso é muito positivamente
43		refletido assim pra mim no- nas minhas redes
44		sociais por conta disso porque eu num... eu não
45		preciso lidar com esse tipo de coisa e eu acho que
46		mesmo sem precisar falar nada não sei se talvez
47		pela questão pelo pela forma com que eu me
48		posiciono eu não sei se é exatamente por isso mas
49		eu sinto que também não têm espaço sabe pra esse
50		tipo de coisa
51	Lorena	Entendi
52	Patrícia	tipo no máximo as vezes aparece homem mandando
53		mensagem tipo "oiie gostei das fotos nãnnã" e
54		eu só não falo nada sabe já é o bastante pra pessoa
55		meter o pé então...
56	Lorena	entendi, e em relação à família ou amigos já
57		aconteceu algum tipo de coisa? que nem você
58		comentou dessa aluna? com você já aconteceu?
59	Patrícia	Não
60	Lorena	não?
61	Patrícia	Não
62	Lorena	ah que bom! Hahaha
63	Patrícia	não, eu acho que é meio- também a- talvez até por
64		falta de espaço sabe porque tipo assim eu-eu não
65		abro pra família pra ficar perguntando
66		questionando falando nada, tipo enfim... ficar
67		falando sobre
68	Lorena	Entendi
69	Patrícia	se quiserem vir conversar a gente conversa mas
70		assim também nunca conversei sobre, mas.... não,
71		com relação aos familiares mais próximos nunca
72		tive problema não
73	Lorena	ah que bom! entendi!

Excerto 5

01	Lorena	e como você acha que... como você vê a questão do
02		corpo no no pole dance né? como você...
03	Patrícia	então, é... eu falei mais ou menos agora a pouco
04		né quando eu falei quando eu falei sobre...
05	Lorena	os movimentos
06	Patrícia	como que- como você se vê... isso! é... é muito
07		comum tipo a pessoa que quer começar a praticar
08		ficar é o maior- é maior questão tipo de quase
09		todo mundo né principalmente das mulheres "mas eu
10		vou ter que me expor?" "eu vou ter que... dar o
11		meu corpo?" porque na primeira aula é muito comum
12		que todo mundo apareça de... de blusinha
13	Lorena	Uhum
14	Patrícia	muitas mulheres aparecem de blusinha e elas não
15		querem tirar a blusinha aparecem com um short
16		comprido e elas num-num entendem que vai precisar
17		puxar o shortinho, que a blusinha vai atrapalhar
18		sabe mas é é uma proteção maior pro corpo do que
19		falta de entendimento, a pessoa que se propõe a ir
20		fazer uma aula de pole dance ela entende que tá

21		to- tá lá tá todo mundo de topzinho e shortinho e
22		que ela vai precisar fazer isso mas as vezes ela
23		apenas não se sente confortável pra tirar a roupa
24		ainda, porque a tendência é que vá diminuindo né
25		mas as questões com o corpo são que geram essa
26		maior insegurança e... é, é maior insegurança
27		mesmo pra tirar e pra se expor por causa dos corpos
28		porque devido à pressão social e midiática que a
29		gente sofre frequentemente o nosso corpo nunca tá
30		bom porque o nosso corpo nunca vai atingir um
31		padrão que a mídia quer
32	Lorena	Sim
33	Patrícia	então a gente sempre se julga então é comum que
34		tipo assim a ge- por mais lindos que os corpos das
35		mulheres sejam elas olhem no espelho e falem "eu
36		não vou tirar a roupa, eu não vou ficar de topzinho
37		na frente de ninguém" às vezes tipo não fica de
38		topzinho e shortinho na frente do marido vai ficar
39		na frente de uma turma de pole dance? só que esse
40		pensamento ele vai mudando ao longo da prática ele
41		vai mudando ao longo das aulas você vai parando de
42		se incomodar tanto com seu corpo e de fato a focar
43		mais no pole nos movimentos e... na execução e tal
44		e aí deixa de ser a sua principal questão
45	Lorena	Aham
46	Patrícia	o corpo, então é muito triste saber que muita gente
47		não faz pole porque fala "ai, mas o meu corpo não
48		serve, meu corpo não dá" "não tenho corpo pra isso"
49		"não vou conseguir" e tipo assim... vai sabe,
50		tenta
51	Lorena	Sim
52	Patrícia	porque... vai você vai ter os seus ganhos vai ter
53		suas vitórias então elas devem ser comemoradas
54		como qualquer outra
55	Lorena	com certeza

Excerto 6

01	Lorena	e você é uma- você já tinha comentado um pouco né
02		mas você falou especificamente sobre o salto na
03		nossa outra conversa é... que você se identifica
04		ma- se identificou mais né com a vertente sensual
05		e a vertente sensual normalmente é a que... sofre
06		um pouco mais de preconceito né? você quer falar
07		alguma coisa sobre essa sua relação com a vertente
08		sensual e essas questões que envolvem essa
09		vertente em específico?
10	Patrícia	eu-eu... então... eu já devo ter falado até melhor
11		sobre isso na outra vez mas eu demorei um pouquinho
12		pra entender qual era a minha vertente a onde eu
13		me identificava mais e por que que... que eu me
14		identificava mais com aquilo mas eu acho que
15		talvez eu tenha ido mais por esse caminho até
16		porqu- por conta do Zouk né porque o Zouk é uma
17		dança muito sensual
18	Lorena	Aham
19	Patrícia	então tipo meio que indiretamente eu já tinha essa
20		fluidez mais... mais compreendida no meu corpo
21		né... com relação à preconceito... eu acho que não

22		assim tipo é é a mesma questão que eu falei com
23		relação à Instagram, a isso tudo sabe? eu acho que
24		se as pessoas olham e discordam ou não gostam ou
25		querem julgar ou num sei que elas... num sei talvez
26		elas procurem um caminho de chegar e atingir mas
27		é é difícil encontrar sabe? porque eu não tô
28		fazendo nada que vá ferir diretamente essas
29		pessoas então eu acho que ter a opção de não seguir
30		acaba sendo o mais fácil... é:: que eu possa
31		mencionar pra <u>você</u> (.) teve <u>um</u> episódio que eu não
32		sei se já tinha acontecido quando a gente teve a-
33		a outra entrevista se-se já talvez eu tenha
34		comentado (.) que foi sobre aquela dança- >aquela
35		coreografia com a <u>Camila</u> <, cê lembra?
36	Lorena	aah sim, >você não me-< não comentou antes não
37	Patrícia	tá, então, é:: Hhh teve uma vez que foi postada
38		na na escola que eu <u>traba::lho</u> , foi postado uma
39		coreografia que eu fiz junto com uma outra
40		professora aí a gente dançou de <u>salto</u> e a gente
41		dançou com <u>roupa de pole</u> (.) que é um shortinho
42		pequenininho e um:: top e aí uma menina comentou
43		lá tive-tiveram dois comentários preconceituosos
44		e o mais triste que vieram de mulheres, os dois
45		Hhh então um deles é:: a menina sumiu e nunca mais
46		voltou e outra menina acabou (.) mudando de ideia
47		no final das contas, ela "ai mas porque tanta (.)
48		pele? por que mostra tanto o corpo? qual a
49		necessidade disso e tátátá" ((muda sua voz para
50		um tom de "crítica")) e aí explicaram pra ela qual
51		a necessidade disso aí ela depois já (.) saiu da
52		conversa marcando uma aula experimental
53	Lorena	Hhh
54	Patrícia	Hhh a outra virou e falou tipo "ai mas meu sonho
55		é fazer pole dance, acabou o meu sonho nesse
56		momento porque quanta coisa vulgar e num sei que
57		e qual a necessidade disso? e tãããããããã" ((muda
58		sua voz para um tom "mais dramático")) e aí >eu
59		nem lembro exatamente o que eu respondi pra ela<
60		mas eu (.) respondi de uma forma (.) fofa (.) pra
61		ela, sabe?
62	Lorena	Uhum
63	Patrícia	tipo " <u>querida</u> mas pra quê tanto ódio? se o seu
64		sonho é fazer pole dance, vem realizar o seu sonho,
65		<u>bota</u> um shortinho e vem fazer pole com a gente"
66		sabe? "não precisa ficar dessa forma e tátátá" >e
67		assim< eu respondi ela <u>bem</u> apesar de eu ter sido
68		o <u>alvo</u> [ali]=
69	Lorena	[sim]
70	Patrícia	=[do-do] comentário,
71		só que a <u>comunidade</u> pole dance se sentiu muito
72		ferida e ofendida (.) pelo comentário dela então
73		feio- veio <u>muita</u> (.) <u>gente</u> em cima dela, muita
74		gente pra atacar (.) e muita gente pra:: explicar,
75		né
76	Lorena	uhum
77	Patrícia	tipo " <u>não</u> é legal o que você tá fazendo e não sei
78		que" e tipo "entende qual é da atividade antes de
79		falar qualquer coisa e num sei que" e muita gente
80		foi pra falar "aah então por que que cê segue a
81		escola? e num sei que" "tá seguindo uma página de
82		pole dance e não quer ver pole dance?" ((muda sua

83		voz para um tom de "crítica")) enfim e:: <u>muita</u>
84		<u>gente</u> foi é responder responderam com stories
85		muita gente ficou <u>realmente</u> ofendida sabe? eu (.)
86		particularmente não me <u>senti</u> ofendida (.) porque
87		(.) é o que eu penso sabe? pessoas que "ai era o
88		meu sonho fazer pole mas depois disso eu não quero
89		mais" tipo pera aí tem alguma coisa aí que não tá
90		funcionando [então]=
91	Lorena	[sim]
92	Patrícia	=[tem] alguma coisa aí que não tá batendo e aí eu
93		acho que é muito mais é:: (.) que a gente <u>ganha</u>
94		muito mais tentando (.) abrir a cabeça (.) dessa
95		pessoa do que (.) atacando de volta porque [enfim]
96	Lorena	[entendi]
97	Patrícia	aí:: mas muita gente se sentiu <u>sim</u> muito mal por
98		conta disso mas eu acho que esse foi (.) foi o
99		<u>maior lance</u> que aconteceu assim comigo <u>por estar</u>
100		<u>usando saltão</u> usando um shortinho enfiado na
101		[bunda e (.)]=
102	Lorena	[uhum]
103	Patrícia	=°e foi isso°
104	Lorena	cê acha que isso tem a ver com a falta de
105		entendimento das pessoas em relação ao que que
106		pode ser o pole?
107	Patrícia	eu acho, com a falta de entendimento e talvez até
108		de conhecimento sabe tipo assim porque aquilo que
109		você conhece já não soa tão estranho pra você
110	Lorena	uhum
111	Patrícia	hoje em dia muita gente fala sobre pole dance,
112		hoje em dia muita gente faz pole dance então tipo
113		assim antigamente cê virava pra alguém e falava
114		que fazia pole dance, a pessoa "nossa, oh meu deus
115		que coisa absurda, num sei que num sei que lá",
116		hoje em dia você fala "vou fazer pole dance" a
117		maioria das pessoas fala "ahh mas tem uma amiga
118		minha que também faz" "ohh eu sigo uma menina no
119		Instagram que também faz" então tipo já é algo
120		que- mais próximo das pessoas
121	Lorena	uhum
122	Patrícia	então eu acho que isso ajuda de alguma forma a
123		mostrar tipo "pô, mas a minha amiga faz e ela é
124		uma pessoa de respeito"
125	Lorena	hahahahah
126	Patrícia	acho que talvez isso já seja o suficiente pra
127		muita gente olhar de uma forma diferente né pra
128		atividade
129	Lorena	entendi
130	Patrícia	e... e eu acho que quanto mais for exposto quanto
131		mais aparecer e as pessoas fizerem e num sei que
132		e mostrarem eu acho que isso é muito importante
133		[...]

Excerto 7

01	Lorena	ah, acho que era basicamente isso, tem alguma
02		questão a mais que você gostaria de comentar sobre
03		algum aspecto do pole da sua experiência com pole?
04		alguma coisa que a gente não tenha comentado....

05 06	Patrícia	não... a gente já colocou mais as questões de preconceito hoje né
07 08 09 10 11 12	Lorena	é, e eu trouxe a questão do empoderamento porque na verdade é uma palavra que eu vejo circulando assim em alguns posts de pole vejo as meninas nos seus relatos principalmente as meninas né falando e aí eu queria saber como é que as pessoas entendem isso
13 14 15 16	Patrícia	não é... é é... é por aí sabe tipo assim essa questão que você levantou dos corpos uma questão que tem sido muito abordada recentemente é a questão da gordofobia no pole dance
17	Lorena	uhum
18 19 20 21 22 23 24	Patrícia	porque muitas vezes a pessoa já parte desse princípio né tipo "não, eu tô acima do peso não vou poder fazer pole" e tipo têm muitas pole dancers gordas colocando seus relatos e... enfim colocando o que faz com que elas se sintam mal e o que faz com que elas se sintam bem e acolhidas no pole...
25	Lorena	uhum
26 27 28 29	Patrícia	e essa esse compartilhamento de experiências né é muito importante pra estimular que mais pessoas se desafiem que mais pessoas venham fazer sabe venham experimentar
30	Lorena	sim
31 32 33 34 35 36 37 38 39	Patrícia	então é um movimento que tem acontecido muito nessa quarentena como várias outras bandeiras têm sido muito levantadas né e eu penso que a ideia da maioria das pessoas pelo menos é realmente fazer com que o pole dance seja um lugar de acolhimento e de... de libertação né de muita coisa, de muitas amarras né principalmente essas com os próprios corpos e... acho muito importante que isso esteja acontecendo nesse momento... acho que é é tarde né
40	Lorena	uhum
41	Patrícia	é tardio, mas é bom que esteja acontecendo
42 43	Lorena	entendi, beleza! é isso! brigadaaa pela conversa Patrícia!

II - Conversa com Bianca

Excerto 1

01 02 03	Lorena	eu queria te- saber inicialmente como que você começou a fazer pole? e por que que você decidiu fazer pole?
04 05 06 07 08 09 10 11	Bianca	tá. eu comecei da seguinte forma, eu fui em 2013 pra Los Angeles e perto do estúdio de dança onde eu fazia aula em Los Angeles tinha um estúdio de pole e eu fiquei com vontade de fazer mas tava com vergonha não sei que e aí depois quando eu voltei pro Brasil no ano seguinte eu vi o post de uma blogueirazinha aí que eu não lembro o nome e eu vi que ela fez aula no Living Pole Dance Studio, fui

12		no Instagram do Living Pole Dance Studio mandei
13		uma mensagem agendei a minha aula e resolvi
14		começar e foi isso tipo sempre tive vontade de
15		fazer desde que eu vi o estúdio em Los Angeles e
16		aí quando eu vi que tinha um estúdio no Rio eu
17		decidi tentar e ver como é que era
18	Lorena	Entendi...

Excerto 2

01	Lorena	e... e como é que tem- como é que foi essa sua
02		trajetória? desde o início... até o presente
03		momento assim? porque você foi aluna, cê chegou a
04		ser monitora, professora, como é que foram
05		esses... esses momentos?
06	Bianca	ah foi gostosa, mas ao mesmo tempo foi difícil né?
07		porque eu comecei como aluna e eu tinha muita muita
08		dificuldade porque eu suava muito é... isso me
09		deixava muito frustrada em várias aulas porque eu
10		demorei muito tempo pra conseguir evoluir...
11	Lorena	entendi
12	Bianca	também tinha uma questão de sobrepeso é... não
13		muito, mas tinha um pouco e... depois eu parei
14		porque fiquei sem dinheiro fui morar sozinha com
15		amigos então... foram muitos... foram muitas idas
16		e voltas né?
17	Lorena	entendi
18	Bianca	e... e aí quando as co- a coisa se firmou mais pra
19		mim mesmo quando eu virei monitora, apesar de que
20		quando eu era aluna eu só fazia três vezes na
21		semana eu gostava muito e sempre tive uma vontade
22		de fazer parte da equipe é... e aí fiquei muito
23		feliz, quando eu tava fora do pole a Marina me
24		chamou pra voltar e aí foi uma coisa que eu
25		realmente vi tipo se eu investir nisso eu posso
26		ser boa e é uma coisa que me traz uma satisfação
27		muito grande porque a gente tá ali tá lidando com
28		os nossos medos e com coisas que a gente acha que
29		a gente não vai conseguir fazer e que com o tempo
30		de prática e esforço a gente acaba conseguindo e
31		dá uma satisfação muito grande e um poder pessoal
32		muito grande também
33	Lorena	entendi

Excerto 3

01	Lorena	você enfrentou alguma dificuldade tanto no pole
02		quanto em relação ao pole na sua vida?
03	Bianca	ah, acho que sempre que eu falo que eu faço pole
04		as pessoas têm um pouco de preconceito e age como
05		se eu fosse tipo e acham que eu sou algum tipo de
06		stripper né? que eu danço em algum tipo de boate
07		é... e acho que as pessoas não têm uma percepção
08		de que isso não é só strip né de que o pole não é
09		só strip
10	Lorena	sim

11	Bianca	é... apesar de ter começado aí e... acho que no
12		pole em si eu enfrento as dificuldades do pole
13		hahaha que são as dificuldades reais bem materiais
14		e... e físicas, mas que a gente vai superando
15		também com o tempo sabe? e é sempre bom também por
16		mais que a gente encontre as dificuldades, até com
17		as pessoas quando a gente fala quando a gente
18		mostra algum vídeo nosso da gente fazendo as
19		coisas as pessoas sempre se surpreendem de uma
20		maneira positiva né tipo "nossa que bonito", "nossa
21		que legal", "nossa que diferente", não tinha essa
22		visão né então eu acho que também é uma form- é é
23		isso acho que já tô passando tô falando aqui
24	Lorena	Não, cê- não tem essa, não tem essa, cê pode falar
25		sobre o quanto quiser sobre o que quiser
26	Bianca	Tá

Excerto 4

01	Lorena	É... enquanto pole dancer né a partir dessa
02		exposição, como é que você acha que as pessoas te
03		veem?
04	Bianca	nossa que difícil hahahaha
05	Lorena	hahaha cê pode pensar... é que essa pergunta é
06		mais geral né, tava aqui pensando nela depende de
07		quem te vê né? cê acha que certas pessoas te veem
08		de forma diferente? como cada grupo te vê, assim?
09	Bianca	sim, bom... eu acho que os meus amigos que não são
10		do pole me veem como a musa do pole, apesar de eu
11		não ser a musa do pole hahaha
12	Lorena	hahaha ah é sim!
13	Bianca	hahaha não, é... Catarina é a musa do pole hahaha
14		é... então acho que eles me ve- acham muito legal
15		o que eu faço ficam muito surpresos com as coisas
16		que eu consigo fazer né? acho que as pessoas do
17		pole... não tenho muito ideia de como elas me veem
18		acho que elas me veem num sei talvez como uma
19		pessoa mais artística criativa é... mas eu ao
20		mesmo tempo enquanto me vejo me sinto ainda um
21		pouco engessada nas formas, às vezes não tão livre
22		dançando então... é muito difícil pra mim ter uma
23		percepção de como as pessoas do pole me veem assim
24		sabe?
25	Lorena	entendi
26	Bianca	eu acho que cada pessoa pode me ver de uma forma
27		completamente diferente né... acho que talvez eu
28		tenha falado da forma como eu gostaria de ser vista
29		pelas pessoas do pole
30	Lorena	sim, como? como?
31	Bianca	ah como uma pessoa criativa, uma pessoa passional,
32		uma pessoa artística
33	Lorena	aaah sim, o que você falou antes
34	Bianca	mas eu não sei se realmente é essa a visão que as
35		peessoas têm de mim entendeu?
36	Lorena	entendi, e... prum público leigo né, esse público
37		que não... não sabe muito o que é o pole dance né?
38		o que que você... como você gostaria de ser vista?
39		como você acha que...

40	Bianca	aah, acho que essa pergunta é muito geral, acho que podem ter opiniões bem divididas aí... acho que... num sei acho que talvez as pessoas me veem como uma espécie de fada do pole hahaha
44	Lorena	hahaha
45	Bianca	porque elas veem que aquilo não é algo necessariamente sexual ou sensual e... e elas veem aquilo como uma coisa leve, elas sempre falam "óóh nossa não sabia que poderia ser assim" e tudo mais, então eu acho que elas me veem de uma forma artística e eu gostaria de ser vista dessa mesma forma é...
52	Lorena	entendi

Excerto 5

01	Lorena	e o que que você <u>acha</u> , num outro tópico né, sobre: o pole dance e essas de questões de (.) empoderamento?
04	Bianca	(1.0) a:h, acho que o pole é uma: <u>ótima</u> ferramenta de empoderamento (.) porque acho que quando a gente fica muito tempo lá: no pole se encarando se olhando no espelho a gente cada vez vai se aceitando <u>mais</u> e aceitando: que a gente não precisa ser padrão (.) pra: ser feliz (.) sabe? tipo: porque ali a gente vai descobrindo também muito das nossas <u>forças</u> e isso vai de certa forma empoderando a gente né? tipo não só a força <u>física</u> , mas (.) a força de você <u>conseguir encarar</u> os seus medos <u>de frente</u> mesmo assim (.) <u>assusta:da</u> talvez com medo de cair você vai lá e (.) <u>faz</u> e cê mete a cara sabe? então tipo: eu acho que isso <u>sim</u> é um-um- o pole sim é uma ótima ferramenta de empoderamento (.) é: e <u>não só</u> da questão da força, mas da <u>própria sensualida:de</u> mesmo né? quantas alunas já falaram que não se sentiam <u>sensuais</u> e depois do <u>pole</u> (.) <u>começaram</u> a se- <u>a enxergar</u> a própria sensualidade que <u>não era</u> aquela sensualidade da TV (.) dita pra gente como a certa e <u>a melhor</u> né? as vezes é a sensualidade <u>delas</u> (.) especificamente sabe?
26	Lorena	sim (.) com certeza! é: a gente- a gente (.) brinca né com "o pole mudou a minha vida" né, a gente: (.) <u>muda</u> de (.) percepção em relação a <u>várias questões</u> depois que a gente começa: a fazer pole né?
31	Bianca	sim!

Excerto 6

01	Lorena	é... deixa eu ver aqui... das questões que eu tinha pensado acho que já foram... é... e sobre o corpo né, que que você acha da relação do corpo no pole dance? como é que você vê isso?
05	Bianca	é então é muito engraçado isso porque quando eu comecei o pole eu não gostava de ficar com tão pouca roupa né? então as minhas roupas eram bem

08		maiores do que elas são hoje em dia, eu usava short
09		de ginástica da Adidas aquele compridinho pra
10		fazer aula e só puxava ele pra cima sabe? e eu não
11		aceitava muito bem o meu corpo antes eu me achava
12		acima do peso, achava as minhas dobrinhas feias e
13		hoje em dia eu vejo meus vídeos de pole treinando
14		e eu vejo que eu realmente meio que não ligo sabe
15		às vezes eu tô meio barriguda mesmo, tô meio
16		inchada ou tô gorda mesmo e isso não... e me ver
17		dessa forma não me faz não gostar de mim, pelo
18		contrário, estar ali e ser capaz de fazer as coisas
19		que eu sou com o corpo que eu tenho, faz com que
20		eu me aceite ainda mais e abrace ainda mais quem
21		sou no corpo que eu sou, sabe?
22	Lorena	com certeza! entendi...

Excerto 7

01	Lorena	acho que é isso do que eu tinha pensado... é...
02		tem alguma outra- tem uma ou outras questões que
03		envolva o pole ou a sua relação com o pole, sua
04		trajetória... algum outro aspecto que a gente não
05		havia comentado que você queira falar?
06	Bianca	(pausa "longa") deixa eu pensar aqui... acho que
07		não, acho... deixa eu- não sei... eu sinto que...
08		não sei, não sei mesmo... às vezes eu me sinto-
09		por mais que eu me sinta empoderada com o pole
10		também às vezes eu me sinto muito frustrada, mas
11		acho que também
12	Lorena	por quê?
13	Bianca	muito por uma questão das- das mídias né? do
14		Instagram... você vê as pessoas lá fazendo mil e
15		uma coisas... e por mais que antes quando eu
16		comecei eu achava que eu nunca seria capaz de fazer
17		as coisas que hoje em dia eu faço, ainda parece
18		muito distante certas coisas pra mim, um caminho
19		muito longo né? mas ao mesmo tempo me dá uma certa
20		felicidade saber que é um caminho longo porque é
21		um caminho duradouro de certa forma né tipo é um
22		lugar onde a gente nunca acabou de apreender tudo,
23		a gente tem sempre mais coisa pra aprender e eu
24		acho que isso- acaba sendo um espelho da nossa
25		vida também né? a gente na vida às vezes a gente
26		talvez toma algumas coisas como certas ou temos
27		grandes certezas em relação a muitas coisas, mas
28		na vida a gente tá sempre aprendendo e
29		reaprendendo e morrendo e renascendo e isso no
30		pole também é a mesma coisa, assim sabe? é quase
31		como um espelho da vida né? às vezes a gente cai
32		e às vezes a gente consegue fazer as coisas e acho
33		que também... a maneira como a gente encara o pole
34		acaba sendo parecida com a maneira como a gente
35		costuma também encarar a vida né?
36	Lorena	Uhum
37	Bianca	tipo às vezes no início não muito confiante mas
38		depois de um tempo que a gente vai pegando lá no

39		tranco e as coisas vão fluindo a gente vê que a
40		gente é capaz de fazer as coisas sabe? e acho que
41		na vida funciona da mesma forma também... não sei
42		se é viagem o que eu tô falando...
43	Lorena	nãããã, de jeito nenhum
44	Bianca	é meio que uma coisa com o tempo
45	Lorena	entendi

Excerto 8

01	Lorena	aah, eu lembrei aqui de um tópico que talvez possa
02		ser interessante, não sei se você... é... sobre a
03		questão da vertente sensual do pole né? porque cê-
04		lá no início você tinha até falado da
05		sensualidade, que pra muita gente é basicamente
06		isso, mas não só isso... você é uma das pessoas
07		que pratica né? você dança de salto, faz "sexy
08		flow" (nome dado, no nosso estúdio, a um tipo de
09		aula dessa vertente)) e tudo mais... e o que você
10		acha da sua relação com essa vertente do pole, que
11		é bem característica, bem específica?
12	Bianca	eu gosto, eu me sinto muito livre quando eu faço
13		isso sabe eu sinto que eu posso ser o que eu quero
14		ser é... e eu acho que durante muito tempo eu...
15		só sentia que eu podia ser o que eu queria ser
16		entre quatro paredes e mesmo assim nem sempre e
17		acho que o pole foi uma maneira de eu ver também
18		de que, não, isso não precisa ser considerado
19		vulgar, isso não precisa ser considerado ruim,
20		ser uma parte de mim e eu abraço ela da mesma forma
21		que eu abraço as outras sabe? é... então eu acho
22		que foi ainda uma ferramenta ainda mais poderosa
23		de empoderamento me conectar com esse meu lado
24		sensual no pole e não só a questão do esporte né?
25		se não fica numa coisa muito do tipo "aah eu faço
26		pole, mas o sensual eu não faço porque eu acho
27		vulgar" sabe? então tipo... o pole faz parte do
28		sensual né, o sensual faz parte do pole então não
29		tem como deixar esse lado de lado sabe? e... pra
30		mim foi muito bom e muito libertador poder entrar
31		em contato com esse meu lado porque durante muito
32		tempo eu me achei muito machinha muito masculina
33		muitas vezes e através do pole eu desmistifiquei
34		isso e desconstruí isso sabe? essa minha visão de
35		mim mesma
36	Lorena	entendi! é isso Bianca! muito obrigada pela
37		conversa!